Diário de Lisboa

FUNDADO EM 1921 ANO 70 Nº 23226 DIRECTOR MÁRIO MESQUITA DIRECTORA ADJUNTA DIANA ANDRINGA SEGUNDA-FEIRA 23 ABRIL 90 60$00

Para a Comunicação Social

PR veta Alta Autoridade

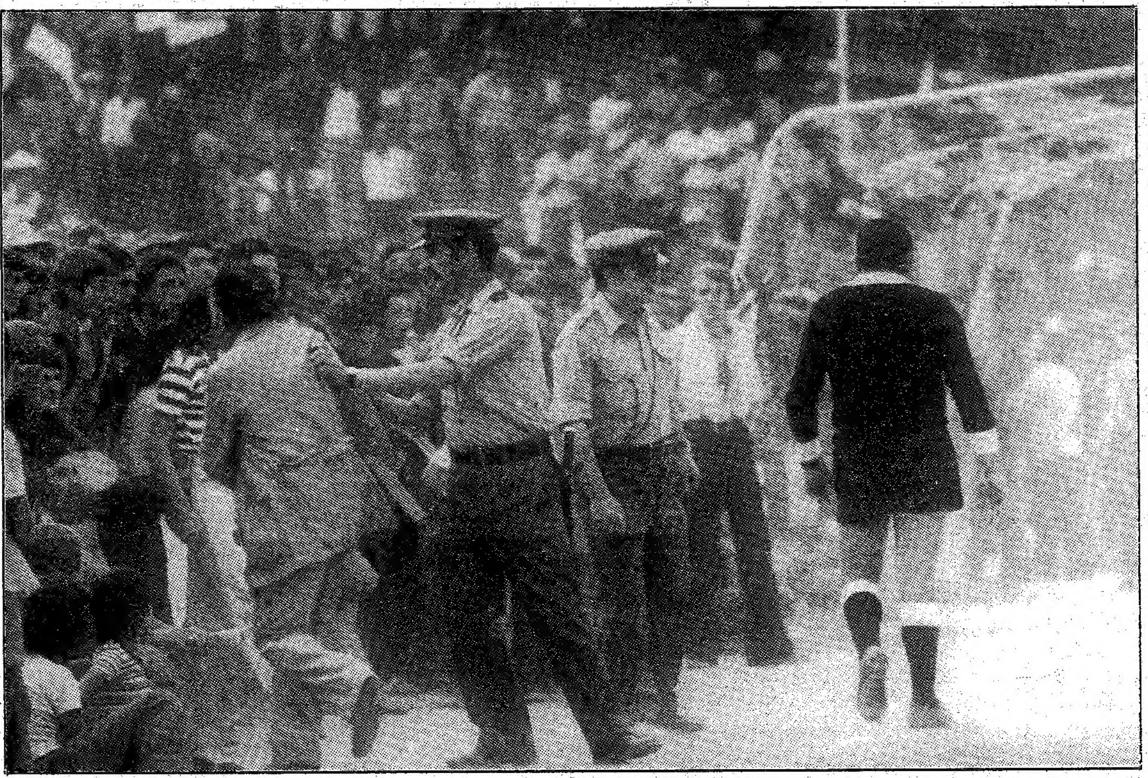
O Presidente da República vetou a lei sobre a Alta Autoridade para a Comunicação Social.

Apesar de reconhecer que «a nova entidade resulta do acordo de revisão constitucional entre os dois maiores partidos», o Presidente considera que o decreto em apreço não reforça as garantias de independência da Alta Autoridade e levanta objecções à extinção do Conselho de Imprensa e à redução dos poderes dos Conselhos de Redacção.

A lei sobre a Alta Autoridade para a Comunicação Social é devolvida à Assembleia para «dar a oportunidade ao Parlamento de reflectir sobre a matéria em apreço (...) de evidente melindre para a vida democrática», conforme salienta Mário Soares na fundamentação do veto.

Viva o árbitro!

O DL faz uma visita ao mundo da arbitragem agora, mais do que nunca, envolto em polémica


Arquivo/DL

No conceito de Stanley Rous, que durante duas décadas exerceu o cargo de presidente da Federação Internacional de Futebol, o árbitro é a figura fulcral do jogo. Por isso se lhe exigem qualidades que não se recomendam aos demais intérpretes do espectáculo. Isenção suprema, honorabilidade inquestionável, competência ao mais elevado grau e julgamentos aferidos pelo rigor e medidos pelo acerto. Ao árbitro está vedada a faculdade de errar e as suas decisões terão de ser assumidas em fracções de segundo.

Durante o jogo, ele lida com pessoas que simulam, mentem, protestam e, muitas vezes, agridem, ainda que de forma verbal. O DL visita, nesta edição, o mundo da arbitragem e dá conta de muitos «pormenores» que o grande público ignora.

Págs. 2, 3 e 4

Caça à droga faz 12 prisões

Rusga na Curraleira

Eurico Vasconcelos

Revestiu-se de grande aparato policial uma operação desencadeada na Curraleira pela Brigada Especial da 2ª Divisão da PSP de Lisboa com o apoio de elementos do Corpo de Intervenção. Para efectuar as detenções e apreensão de estupefacientes e armamento as forças policiais viraram o bairro do avesso.

Os moradores consideram que houve, por parte das autoridades, o emprego desnecessário de violência durante a rusga. Os seus responsáveis negam-no, manifestando-se satisfeitos com o resultado obtido. Foram efectuadas doze prisões.

Pág. 19

DL

Governador civil de Lisboa convidado a demitir-se — Pág. 5

Drexel assume culpas — Pág. 6

Posto de Escuta: José Magalhães versus Pulido Valente — Pág. 6

Irão e Líbia apelam à libertação de mais reféns no Líbano — Pág. 13

Li Peng na URSS em busca de cooperação — Pág. 11

Prémio da APE faz sair um livro da prateleira — Págs. 24 e 25

Eugénio de Andrade entrevistado pelo DL — Págs. 26 e 27

Menos tropa, mais dinheiro — Pág. 7

Cerimónia da posse marcada para amanhã

DL revela a lista dos novos secretários de Estado

Pág. 6

GRANDE ANGULAR

Antigos e actuais árbitros dizem de sua justiça, mas só um, António Garrido, não ataca abertamente as nomeações comandadas por Lourenço Pinto

No futebol, os bodes expiatórios vestem-se todos de preto

SIC

Silva Resende
«A missão do árbitro é tão difícil que todos os demais participantes do fenómeno da bola podem ali acobertar-se alijando os seus erros e sacudir as suas culpas.»

Amado de Freitas
«Tem suscitado casos incríveis que só geram intranquilidade no reino delicado da arbitragem. Coisas rocambolescas que não existiam, por exemplo, com Pinto de Sousa, que era muito mais respeitado do que Lourenço Pinto, sobretudo por razões que ultrapassam a nomeação dos árbitros.»

Lourenço Pinto
«Comigo não há clientismo, as pessoas sobem ou descem conforme as classificações ao longo de todo o campeonato. Os internacionais sê-lo-ão por mérito e não pela sonância dos seus nomes.»

Vítor Correia
«A unidade que há pouco tempo existia está a perder-se por completo. Porquê? Para analisar os porquês, teremos de viajar até ao âmago da questão e verificar o que é que está a ser feito dentro da arbitragem. Mas essa viagem não sou eu que a vou fazer.»

Fernando Alberto
«Houve, e há árbitros que estão bem na vida, enquanto outros têm boas amizades dentro das altas patentes do futebol. Através desses dois factores conseguem, por vezes, ultrapassar barreiras que outros, com grande valor, se ficam pelos quadros regionais.»

Sousa Cintra
«Este árbitro é um ladrão. Este árbitro não deveria arbitrar mais jogos do Sporting e, mais do que isso, devia ser irradiado de ser árbitro de futebol.» (O visado foi Bento Marques, após o jogo Chaves-Sporting referente à 7.ª jornada do actual campeonato).

Manuel João
«Esta partida foi dirigida por um gatuno, tanto que veio aqui para roubar o Portimonense... Nós perdemos, o Porto ganhou, o tipo vai para casa contente e a verdade é que não há um tribunal que julgue estes tipos e que os meta na cadeia.» (O árbitro em questão, chama-se José Guímaro).

Acusações, denúncias, suspeições... Tudo contra os árbitros

Os árbitros de futebol são alvo preferencial para os dirigentes dos clubes alijarem insuficiências de gestão, para os treinadores remeterem as suas falhas, para os futebolistas esconderem a falta de engenho. Acusações, denúncias, suspeições, agressões físicas e verbais formam o leque de injustiças lançadas sobre uma classe que teimaremos em considerar isenta, competente e de honorabilidade inquestionável. Naturalmente que os árbitros erram, apenas porque se situam dentro dos parâmetros da falibilidade humana e recusamos aceitar que cometam erros premeditados, ainda que determinados julgamentos possam conduzir à dúvida se houve premeditação ou mera falha de percepção.

Naturalmente que entre os 32 árbitros que integram o quadro da 1.ª categoria nacional existem alguns que não reúnem o desejado somatório de potencialidades, uns porque terão sido promovidos à revelia da competência (isto porque desde sempre reinou no aerópago da arbitragem o primado do compadrio) e outros que «treparam» através de métodos «laboratorialmente» preparados. Desse facto, ressalta a necessidade de se proceder ao saneamento de hábitos, pessoas e processos e cuidar de actualizar uma orgânica anacrónica e caduca onde se finca tão melindroso sector do futebol.

A arbitragem carece de se tornar fortemente moralizada por forma a deixarem de se escutar acusações de tentativas de suborno e de outras com igual gravidade ainda que, depois do «escândalo Calabote» não se tenha averiguado a confirmação de qualquer desvio da honestidade, da ética e dos preceitos que regem a actividade.

Nos últimos tempos têm ocorrido casos excessivos e denunciadores de incompetência, particularmente no que respeita a alguns árbitros recentemente promovidos ao escalão superior.

Foi a vergonhosa actuação de Francisco Silva no Porto-Guimarães depois continuada no Bonfim durante o confronto entre o clube sadino e o Benfica para a Taça de Portugal, foi a infeliz coordenação de José Guímaro no Portimonense-Porto, foi o colapso de Alexandre Morgado no Feirense-V. Setúbal, entre outras que não adianta recordar e tudo porque o dr. Lourenço Pinto chegou à Praça da Alegria disposto a modificar o que estava mal, procedendo de igual para o que estava bem.

Ao colocar os árbitros «em linha» fazendo a sua distribuição pelos jogos sem cuidar de atentar nos factores fundamentais onde a experiência terá, obviamente, de sobressair e chamar a si, a exclusiva tarefa das nomeações foram erros graves e que originaram diversas convulsões. Medir pela mesma bitola Vítor Correia e José Silvano, Carlos Valente e Alexandre Morgado, Rosa Santos e José Guímaro, Veiga Trigo e João Mesquita, foi decisão que pecou por precipitada e indiciadora de que «as boas intenções» nem sempre são correspondidas.

Lourenço Pinto falhou e vai persistindo no erro recusando escutar os reparos e atender aos protestos.

Uma atitude que revela falta de humildade e sabe-se que os homens de Direito sabem cultivar essa virtude e não usam a teimosia ao lado dos códigos porque regem a sua actividade.

A nossa convicção está expressa nas linhas que o leitor acabou de ler, mas o trabalho ficaria incompleto se não recolhêssemos o testemunho de pessoas ligadas ao sector como é o caso de António Garrido, Joaquim Campos, Rafael Rodrigues (antigo presidente da Comissão Central), Vítor Correia e Carlos Valente.

Seguem-se os seus depoimentos.

Joaquim Campos

António Garrido: «Críticas injustas»

«A onda de contestação que se tem vindo a registar relativamente ao critério de nomeações e ao nível das actuações dos árbitros é um ciclo irreversível. Sucede todos os anos e com superior incidência com a aproximação do termo das provas.

Naturalmente que os métodos de Lourenço Pinto diferem dos usados por Pinto de Sousa, o que considero natural, porque são pessoas distintas com ideias diferentes.

No que respeita às críticas que têm sido feitas ao dr. Lourenço Pinto, sobre o facto de ser ele o único responsável pelas nomeações, considero-as injustas porque é uma norma usual em diversos países e cito-lhe o

Lourenço Pinto

António Garrido

O que eles recebem

A questão das subvenções pagas aos árbitros de futebol, tem vindo a ser debatida com alguma constância e, ainda recentemente, os dirigentes do Conselho de Arbitragem da FPF conseguiram que a Federação procedesse a um ligeiro aumento. Não se discute se os árbitros auferem muito ou pouco, mas da leitura dos «rendimentos», tidos na última temporada, verifica-se a inexistência de qualquer critério distributivo, com os árbitros do Sul a serem claramente beneficiados relativamente aos seus colegas do Norte. Mas melhor será referir nomes e números:

ÁRBITO	JOGOS	VERBA RECEBIDA	FILIAÇÃO
Veiga Trigo	38	2 266 250$00	Beja
Vítor Correia	36	2 251 100$00	Lisboa
Pinto Correia	37	2 214 000$00	Lisboa
Rosa Santos	34	2 095 250$00	Beja
Carlos Valente	35	2 035 250$00	Setúbal
José Pratas	35	1 977 000$00	Évora
Sepa Santos	33	1 962 000$00	Lisboa
Alder Dante	37	1 950 000$00	Santarém
António Marçal	35	1 888 000$00	Lisboa
Francisco Silva	26	1 872 500$00	Faro
João Rosa	34	1 864 750$00	Évora
Bento Marques	32	1 682 750$00	Évora
Jorge Coroado	36	1 747 250$00	Lisboa
Francisco Caroço	29	1 583 000$00	Portalegre
Fortunato Azevedo	35	1 563 000$00	Braga
Manuel Nogueira	32	1 410 250$00	Porto
Miranda de Sousa	33	1 380 250$00	Porto
Ezequiel Feijão	31	1 335 250$00	Setúbal
Fernando Alberto	30	1 308 000$00	Porto
Mário Leal	31	1 210 500$00	Leiria
José Garcia	23	1 103 500$00	Setúbal
José Silvano	32	1 085 750$00	Vila Real
Raul Ribeiro	32	1 070 000$00	Aveiro
João Simãozinho	32	1 063 000$00	Leiria
Xavier Oliveira	28	910 000$00	Porto
Soares Dias	28	866 500$00	Porto
Juvenal Silvestre	25	836 750$00	Setúbal
Adão Mendes	26	660 250$00	Braga
Teixeira Dória	16	572 750$00	Funchal

O número de jogos citados, referem-se às I, II divisões e Taça de Portugal. Quanto aos mais solicitados para os encontros da divisão principal, Rosa Santos dirigiu 22 encontros, enquanto Veiga Trigo, Vítor Correia, Carlos Valente e Alder Dante foram chamados a dirigir 21 encontros.

A.H.

caso de Itália em que é o vice-presidente Bussoni quem cumpre tal tarefa no difícil campeonato italiano. Terão sido cometidos alguns erros pelos actuais dirigentes do sector, mas eles foram, certamente, menos do que os que lhes têm sido apontados.»

Joaquim Campos: «Excessivo desvario verbal»

«Eu creio que existem excessos de contestação e são os árbitros que sofrem as consequências do desvario verbal que estamos a assistir.

Falta o desejável clima de compreensão e também tenho de reconhecer que os árbitros fazem mal ao entrar nas lutas intestinas com afirmações que seria aconselhável não fazerem.

Continua na pág. 4

Rafael Rodrigues

Vítor Correia

Carlos Valente

O «veto» aos internacionais

Naturalmente que o critério de nomeações seguido pelo actual presidente do Conselho de Arbitragem (dr. Lourenço Pinto), ao colocar internacionais «em linha» com os «debutantes» tem merecido generalizada contestação e a avaliar pelo irregular comportamento dos «novatos» e pelos casos que alguns deles têm vindo a provocar, sobra razão a quem protesta.

Não considerando Alder Dante, que foi «reformado» no final do ano, nem Pinto Correia, então promovido a internacional nessa mesma altura, o quadro seguinte evidencia a diferença de critérios de Pinto de Sousa, presidente do sector até à 9.ª jornada, e de Lourenço Pinto, relativamente aos mais credenciados (não será por acaso que ostentam as insígnias da FIFA) árbitros:

ROSA SANTOS: nas 9 jornadas iniciais («era» de Pinto de Sousa) dirigiu seis encontros, enquanto nas 18 seguintes foi chamado igual número de vezes (Setúbal-Chaves, Benfica-Boavista, Setúbal-Braga, Porto-Sporting, Portimonense-Benfica e União-Nacional).

VÍTOR CORREIA: Sete jogos nas 9 primeiras rondas, e apenas 4 nas 18 jornadas seguintes, estando presente no Marítimo-Braga, Tirsense-União, Beira Mar-Braga e Guimarães-Boavista.

CARLOS VALENTE: oito jogos com Pinto de Sousa e cinco nas 18 jornadas imediatas (Benfica-Marítimo, Amadora-Sporting, Sporting-Beira Mar, Belenenses-Boavista e Beira Mar-União.

FRANCISCO SILVA: sete jogos com Pinto de Sousa e cinco com Lourenço Pinto, que lhe destinou os seguintes: Penafiel-Amadora, Porto-Guimarães, Nacional-Sporting, Feirense-Beira Mar e Tirsense-Nacional.

VEIGA TRIGO: seis presenças na primeira fase e sete nomeações nas 18 jornadas imediatas (Feirense-Sporting, Benfica-Setúbal, Belenenses-Benfica, Penafiel-Portimonense, Benfica-Porto, Estrela da Amadora-Vitória de Setúbal e Boavista-Penafiel).

FORTUNATO AZEVEDO: seis chamadas até à 9.ª ronda e outras tantas nas 18 seguintes (Portimonense-Boavista, Sporting-Belenenses, Feirense-Amadora, Penafiel-Benfica, Nacional-Feirense e Sporting-Marítimo).

Resumo dos jogos dirigidos pelos seis internacionais:

	C/ Pinto de Sousa (9 jornadas)	C/ Lourenço Pinto (18 jornadas)
Rosa Santos	6	6
Vítor Correia	7	4
Carlos Valente	8	6
Francisco Silva	7	5
Veiga Trigo	6	7
Fortunato Azevedo	6	6

Critérios diferentes com consequências desiguais. Com os métodos actuais, o futebol nada ganha.

COMENTÁRIO

A terceira equipa

É o juiz mais soberano das suas decisões e julgamentos. É também o mais contestado e discutido protagonista do espectáculo desportivo dos dias de hoje. O árbitro de futebol, durante os noventa minutos, dispõe da autoridade máxima e absoluta na aplicação das leis do jogo. É o poder por excelência, um poder soberano e das suas decisões não há, em princípio, possibilidade de recurso - tenha sido ou não obtido de forma irregular, o golo de Vata colocou, *irreversivelmente*, o Benfica na final da Taça dos Campeões. Figura cimeira do jogo, vértice regulador da contenda em que se envolvem as equipas na disputa da vitória, ao árbitro exige-se comportamento exemplar, a ausência de erros e o juízo perfeito da licitude das jogadas. Pede-se-lhe também que actue de modo a que a sua presença seja a menos marcante visível dentre todos os participantes no espectáculo. E o curioso e paradoxal da situação, é que este elemento sujeito a exigências de exemplar desempenho do seu papel, é um arcaísmo na estrutura actual do futebol de competição. A expansão e desenvolvimento do futebol no quadro das sociedades modernas foi acompanhada de um processo de profissionalização crescente quer dos atletas quer dos técnicos e especialistas que se ocupam dos diferentes aspectos da organização e preparação das equipas, enquanto que os árbitros permaneceram exteriores a tal processo.

Esta coexistência de posicionamentos distintos, amadorismo ou profissionalismo consoante se trate de árbitro ou de jogadores, dentro de um jogo apaixonante e motivador para as legiões de adeptos mas que é também e cada vez mais um campo de enormes investimentos económicos, evidencia o assincronismo na evolução das componentes básicas do futebol. Enquanto espectáculo desportivo de competição característico da maior parte das sociedades industriais, o futebol foi progressivamente adoptando critérios e modelos da actuação próprios deste tipo de sociedade. O primado da especialização, com tudo o que encerra de domínio, aprimoramente e aprofundamente constante de competências específicas, encontrou na profissionalização do jogador bem como do treinador e de mais técnicos, a modelidade eficiente e adequada para responder aos desafios resultantes do próprio processo de crescimento do futebol como desporto de multidões.

Alheio a este fenómeno, o árbitro permaneceu com o seu estatuto de amadorismo enganoso, embora justificado por muitos como fundamento e razão da sua autonomia e independência. Entendem estes que, pelo facto da sobrevivência económica dos árbitros não estar dependente dos rendimentos provenientes das suas actuações na direcção dos jogos, tal lhe garante a independência e os liberta dos constrangimentos derivados de ter de equacionar a decisão em função dos impactos da mesma sobre a sua situação enquanto profissional.

O enganoso deste raciocínio assenta no facto de se pressupor que o estatuto de amadorismo confere como que um escudo invisível que protege os cidadãos - árbitros - de futebol de apreenderem e incorporar no seu comportamento as actuações e estratégias orientadas dos agentes desportivos que participam no jogo. De facto e isso é talvez cada vez mais saliente, os clubes (nos bastidores) e os próprios jogadores (no terreno de jogo) procuram contribuir activamente para a estruturação dos contextos situacionais em que o árbitro tem que julgar. As razões de *marketing* e as operações de charme a que os clubes concedem uma atenção cada vez maior, mais não são do que intervenções tendentes a sugestionar o estado de espírito e a consciência do árbitro do jogo. É que a tomada de decisão, mesmo a que exige instantaneidade e se efectua em cima do acontecimento, não é um processo sem história e sem raízes. Há todo um clima emocional, de interesses e de paixões que não deixa de se fazer sentir e provocar efeitos na atitude e comportamento dessa figura, investida de toda a autoridade e poder durante os noventa minutos do jogo, mas de recursos limitados fora desse contexto.

A profissionalização dos árbitros, ou pelo menos o proporcionar de condições materiais adequadas tanto a responsabilidade da função como permissíveis de realização de um aperfeiçoamento permanente para exercício correcto da sua actividade, não é panaceia milagrosa que elimina o debate e discurso sobre a justeza das suas decisões.

Mas contribuirá para uma modificação do modo como se encara esta dimensão do espectáculo competitivo que é o futebol. O importante, na realidade, é convergir para a criação de uma cultura futebolística em que todos os protagonistas do jogo sejam entendidos, responsabilizados e julgados como profissionais cuja prática se desenvolve a partir de padrões ético-deontológicos comuns. Neste sentido, seria igualmente tão importante discutir se a decisão do árbitro foi adequada ao lance como julgar da actuação deliberadamente faltosa do jogador da qual extraiu benefícios próprios e para a sua equipa. A não ser que o crime compense, desde que invisível aos olhos do juiz, a ética desportiva, mesmo no terreno do espectáculo de alta competição, não pode ser um instrumento de pesos e medidas diferentes.

A polémica em torno das actuações dos árbitros acaba por chamar a atenção para o absurdo maior desta complexa teia de relações e enredos por via da qual se foi construindo o futebol como espectáculo desportivo, aliciador de multidões. Neste espectáculo, através do qual os indivíduos procuram a excitação e o meio de manifestação de emoções contidas e controladas pelas exigências do comportamento próprio dos quotidianos rotinizados, bem como a possibilidade de expressão de sentimentos de pretensa e onde o investimento económico e político tem um papel cada vez mais significativo, o absurdo, dizíamos, reside no facto de os responsáveis pela organização desportiva, os dirigentes dos clubes, se preocuparem e centrarem muito mais a sua atenção em relação à terceira equipa que participa no jogo, a de arbitragem, do que com a sua própria equipa. Afinal, é a esta que compete ganhar o jogo e, se possível, evidenciar o mérito da sua vitória.

João Baptista

GRANDE ANGULAR

Árbitros são bode expiatório

Cont. da página 3

Naturalmente que para este clima de suspeições e denúncias, muito contribuíram os dirigentes da arbitragem com decisões falhas de sensatez e nomeações que pecaram por precipitadas. O presidente do CA, ao chamar a si a exclusividade das nomeações, procedeu contrariamente ao que seria recomendável uma vez que tal tarefa deverá competir ao colectivo e não só a um só elemento. Outro aspecto que contribuiu para a onda de protestos que avassalou o futebol, derivou do facto do dr. Lourenço Pinto, durante algum tempo, ter ignorado os árbitros internacionais em favor de filiados sem a experiência necessária. Se atentar na escala das nomeações, verificará que Rosa Santos, Carlos Valente e Vítor Correia que são, inquestionavelmente, três dos mais cotados árbitros a nível nacional e internacional, estiveram tempo exagerado na "prateleira" enquanto outros de craveira mais baixa eram chamados para jogos com algum risco. Outro aspecto que importa corrigir, para que possamos ter uma causa fortemente moralizada, é a alteração dos estatutos concedendo aos árbitros, como outrora sucedeu, o direito de nomearem os seus dirigentes evitando-se que sejam os mandatários de clubes a interferir na gestão da arbitragem.»

Rafael Rodrigues: «O reino da bagunça»

«O que penso do momento actual da arbitragem? Está cada vez mais degradado. São sucessivos casos que surgem na ribalta a revelar que a orgânica está totalmente desajustada aos interesses do futebol, que as pessoas não reúnem as condições mínimas para dirigirem o sector e, mais grave ainda, como quem manda nos árbitros são dirigentes colocados na Federação pelos clubes, está franqueado o reino da "bagunça". Há muitos interesses em causa e vamos assistindo a que alguns deles sejam satisfeitos. Tudo isto porque os árbitros acederam, em tempo já remoto, a que a arbitragem fosse integrada na Federação perdendo toda a autonomia. E repare que após a integração, os árbitros podiam eleger três membros dos nove que compunham o conselho, mas não tardou que esse direito lhes fosse retirado. Os árbitros são dirigidos pelos clubes e isso parece-me constituir grave atropelo às normas da isenção que deverão vigorar num sector tão vulnerável e sensível. Quanto ao actual elenco do Conselho de Arbitragem bastará verificar que o único dirigente de Lisboa (Porfírio Alves) foi excluído da Comissão Executiva, num propósito bem evidente de calar o bico, aos clubes de Lisboa. Será necessário dizer mais?»

Vítor Correia: «Excesso de convulsões»

«Porque sou homem de paz recuso entrar em qualquer guerra e daí que venha recusando saltar a terreiro para comentar o momento presente da arbitragem, todavia sempre lhe direi que com a saída de Pinto de Sousa e a entrada de Lourenço Pinto se verificaram convulsões que poderiam ter sido evitadas. Repare que não pretendo dizer que as actuações dos árbitros recentemente chegados à primeira categoria, tenham sido defeituosas como por alguns foi feito constar, mas, na verdade, eu creio que eu ou o Carlos Valente ou Rosa Santos não deixámos de ser árbitros capazes só porque chegou outro presidente. Pinto de Sousa tinha uma larga vivência no sector e com todos os árbitros mantinha relações e com todos os demais agentes do futebol, protagonizava um relacionamneto impecável e isso reforçava a moralização da arbitragem e de todos os seus filiados. No momento presente, existem convulsões em excesso e dispenso-me de referir os culpados. Dir-lhe-ei que o que agora está a suceder, resulta do facto da integração da arbitragem na Federação ter sido feita à revelia do bom senso, desprezando-se que, para o êxito da arbitragem, concorre a autonomia integral e neste momento nem os árbitros têm qualquer representante no Conselho já que tanto César Correia como Porfírio Alves foram remetidos para pelouros sem grande intervenção. Mas sobre a orgânica não falo porque não a conheço.»

Carlos Valente: «Cuidado com as aberrações»

«A minha leitura é que a arbitragem não vai bem, mas recuso-me a referir as causas que estiveram na origem de tal situação e penso que os árbitros deverão estar à margem das guerrilhas institucionalizadas. Não adianto mais considerações porque sei no meio em que vivo. Vocês, os jornalistas, é que deverão cumprir a obrigação de denunciar uma situação que está longe de dignificar a arbitragem. Mudaram os dirigentes, alteraram-se os conceitos e os critérios, mas o que não mudou foi a qualidade dos árbitros. Sobre as minhas poucas chamadas aos jogos da divisão principal, e recordo-lhe que estive cinco jornadas sem ser nomeado, é questão que deverá colocar ao dr. Lourenço Pinto. Ele, certamente, lhe responderá. Apenas lhe quero dizer que perfilho da opinião de que os novos árbitros deverão ser chamados às «provas de fogo», mas existem muitos factores que deverão ser equacionados no critério de nomeações. Outra questão que se me afigura importante para que a arbitragem retome a dignificação que se deseja, é proceder à sua desintegração da Federação concedendo-lhe autonomia administrativa, técnica e financeira, e, para nós, é preocupante que não tenhamos o direito de escolher os nossos dirigentes. Trata-se de uma aberração, que não colhe o aplauso da maioria ou talvez da totalidade dos árbitros.»

Alves Henriques

Nos últimos tempos têm ocorrido casos excessivos e denunciadores de incompetência

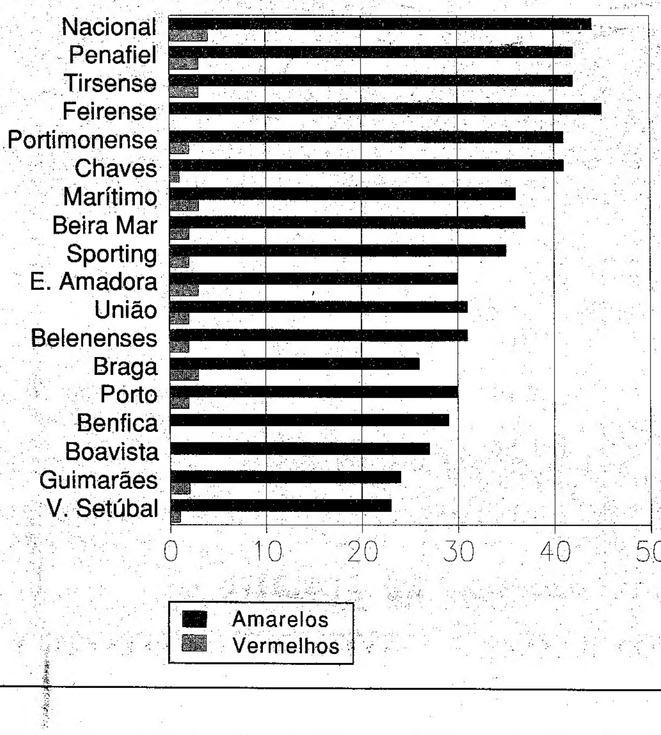
Os mandamentos da UEFA

No último curso de «árbitros da elite» organizado pela UEFA - União Europeia de Futebol e destinado a sensibilizar os árbitros para «a interpretação e aplicação uniforme das leis», foram transmitidos os seguintes 20 mandamentos»:

1 - Pôr fim ao jogo brutal
2 - Ser firme logo desde os primeiros minutos
3 - Punir os actos antidesportivos
4 - Preservar a concentração
5 - Conservar uma visão conjunta do jogo
6 - Estar em excelente condição física
7 - Manter uma plena performance táctica
8 - Saber assumir as decisões
9 - Não ser um árbitro estático
10 - Não hesitar na sinalização de grandes penalidades
11 - Não trocar livres directos por indirectos e vice-versa
12 - Ter coragem na aplicação do respeito pelas leis do jogo
13 - Temporização: saber permitir que se jogue o que se deve jogar
14 - Simulação: não permitir este comportamento considerado de grave
15 - Jogar a bola: permitir que os jogadores desenvolvam o seu futebol
16 - Obstrução: discernir
17 - Punir e sancionar situações que criem perigo
18 - Vigiar as cargas ao guarda-redes
19 - Colaborar com os fiscais de linha
20 - Utilizar os deveres administrativos.

Indisciplina

Até à 27.ª jornada do campeonato nacional da I Divisão o cartão amarelo foi exibido 616 vezes, tendo os árbitros mostrado o vermelho a 37 futebolistas. O «campeão da indisciplina» é o Nacional e os mais comportados representam o Vitória de Setúbal. Eis o rol:



Arbitragem dá lucro

Apesar de os dirigentes do Conselho de Arbitragem afirmarem, com algum desencanto, que os árbitros não são justamente compensados pelos serviços prestados ao futebol e que as verbas pagas são irrisórias em função da «maquia» que entra nas bilheteiras, o relatório e contas da última gerência encerrou com um saldo de mais de oito mil contos. Com efeito, os nove por cento dos jogos das provas nacionais e os oito por cento dos encontros da Taça de Portugal, que constituem a receita da arbitragem, somaram, na última temporada, 160 688 204$00 e as despesas não foram além de 152 579 776$40, pelo que em «caixa» ficaram 8 107 427$60. Os gastos foram feitos assim:

Vencimento	9 725 182$00 **(a)**
Subsídio almoço	612 600$00
Deslocações	63 000$00
Encargos previdência	2 090 914$00
Seguro	166 205$00
Cons. mov. e utensil.	95 625$50
Impressos	283 676$00
Artigos expediente	485 985$00
Limpeza	213 797$30
Correios	673 801$00
Telefones	216 461$00
Não especificados	13 380$00
CN I Divisão	26 398 375$00
CN II Divisão	27 008 150$00
CN III Divisão	36 940 000$00
CN Juniores	8 822 172$00
Taça Portugal	7 254 375$00
CN Juvenis	7 498 050$00
TN Iniciados	1 245 500$00
Taça Cândido Oliveira	218 000$00
Torn. Fut. Feminino	896 500$00
Taça Nac. Infantis	1 283 500$00
Transp. deleg. técnicos	3 712 520$20
Encargos n. especif.	17 000$00
Rep. país e estrangeiro	4 143$00
Desl. dirig. reuniões	2 337 478$00
Curso, exames, div.	8 449 586$30
Seguro árbitros	5 258 746$10
Emblemas, outro mat.	595 054$00

a) funcionários do Conselho

A.H.

POLÍTICA

Governador de Lisboa convidado a demitir-se

A dança dos governadores civis recomeçou. Após o Congresso do PSD, tal como estava previsto, o Governo iniciou os contactos com alguns governadores no sentido de levar algumas figuras mais polémicas a apresentarem o pedido de demissão.

Afonso Moura Guedes, governador civil de Lisboa, está na lista dos nomes a substituir.

Na passada quinta-feira, o representante do Governo reuniu-se com Fernando Nogueira e com Manuel Pereira.

O número dois de Cavaco Silva e o ministro da Administração Interna tentaram explicar ao governador as razões que o levariam a apresentar o seu pedido de demissão. Mas, segundo apurou o «DL», Moura Guedes não terá ficado convencido e não parece disponível a demitir-se voluntariamente.

Esta atitude vai obrigar o Executivo de Cavaco Silva a demitir Afonso Moura Guedes por razões políticas, decisão que o primeiro-ministro queria evitar.

O caso da governadora civil de Setúbal, Irene Aleixo, protagonista de decisões polémicas, comentadas com ironia pelos próprios sociais-democratas do distrito, está também a ser apreciado há algum tempo. Mas, apesar de toda a contestação interna no PSD, Irene Aleixo tem-se aguentado no cargo, com custos elevados para o partido, frequentemente alvo de acesas críticas da Oposição devido às atitudes da representante do poder central.

A mudança dos governadores civis começou a ser pensada após a remodelação do Executivo em Janeiro.

Os fracos resultados do PSD nas eleições autárquicas e as críticas internas àqueles «que se acomodaram aos lugares» foram factores que contribuíram para o primeiro «ensaio da dança dos governadores».

Arquivo DL

Moura Guedes sacrificado a razões eleitoralistas?

Já na altura, as sugestões de Fernando Nogueira e do ministro da Administração Interna não foram bem aceites junto dos visados. Recorde-se que, tal como noticiou o «DL», o nome de Falcão e Cunha, actual secretário-geral, foi apresentado por Nogueira ao primeiro-ministro para substituir Afonso Moura Guedes. O principal objectivo dos novos governadores é travar o impacto das medidas das autarquias dos partidos da Oposição e contribuir para a ligação entre o PSD e os munícipes.

As mudanças estão relacionadas com a estratégia eleitoral do partido do Governo que, nos próximos meses vai reformular as estruturas reginais com vista a «criar uma dinâmica de vitória» para as eleições legislativas.

Entre os governadores a substituir estão ainda os nomes dos representantes de Aveiro e de Castelo Branco.

Maria João Rocha

Presidente Janoz Drnovsek de visita a Portugal

Jugoslávia quer entrar para a CEE

O Presidente da Jugoslávia, Janoz Drnovsek, está em Portugal para uma visita de dois dias a convite do chefe de Estado português.

Esta manhã, Mário Soares recebeu Drnovsek no palácio de Belém para uma conversa sobre as relações comerciais entre os dois países e a entrada da Jugoslávia na Comunidade Económica Europeia.

Em entrevista à agência Lusa, o Presidente jugoslavo disse que o seu país desenvolveu um sistema político próprio, diferente dos outros países socialistas da Europa de Leste, pelo que não necessita de mudanças radicais.

O Chefe de Estado sublinhou as recentes reformas constitucionais, no campo económico, no sentido de reforçar a economia de mercado, a iniciativa privada e a criatividade dos cidadãos, cabendo ao Estado um papel regulador, indirecto, da macroeconomia.

Janoz Drnovsek admite que o clima político a curto prazo terá «muitas discussões sobre o futuro carácter da federação jugoslava e sobre as ligações entre as Repúblicas e o Governo Central», e destaca a necessidade de um desenvolvimento com ritmo igual em todas as regiões.

A Eslovénia e a Croácia aguardam os resultados das eleições para os novos órgãos que definirão as modificações constitucionais. A Sérvia, disse o Presidente, já tem um Governo constitucional, eleito à pouco, embora não multipartidário. Após as negociações entre as três repúblicas deverá sair o caminho a seguir por todo o país.

O Presidente da Jugoslávia encontra-se amanhã com o primeiro-ministro Cavaco Silva. Da agenda do chefe de Estado consta ainda um almoço, esta tarde, oferecido por empresários brasileiros residentes em Portugal.

Redacção DL/Lusa

25 DE ABRIL

EM ALMADA

DIA 23
SESSÃO SOLENE
ESPECTÁCULO "25 DE ABRIL, O TEMPO DOS POETAS"
21H30 NA ACADEMIA ALMADENSE

DIA 24
ESPECTÁCULO DE MÚSICA PORTUGUESA E AFRICANA
"LUA ESTRAVAGANTE"
COM
VITORINO, JANITA SALOMÉ E PEDRO CALDEIRA CABRAL
"BANDA AFRICANA"
MOÇAMBIQUE, ANGOLA E CABO VERDE
21H30 NA PRAÇA S. JOÃO BAPTISTA

DIA 25
HOMENAGEM AOS PERSEGUIDOS
10 HORAS NA PRAÇA DO MFA
À TARDE, PARTICIPAÇÃO NA MANIFESTAÇÃO EM LISBOA

VENHA VIVER ABRIL CONNOSCO!

CÂMARA MUNICIPAL DE ALMADA

Drexel paga o que deve?

Do nosso correspondente em Washington

Michael Milken, o financeiro considerado o principal responsável pelo caso das «junk bonds», concordou em pagar 600 milhões de dólares em multas e considerar-se culpado em seis das 98 acusações de que é alvo por parte das autoridades norte-americanas. O nome de Milken está directamente relacionado com a falência da empresa Drexel Burnham Lambert Inc. - cujo processo de falência poderá causar ao Estado português prejuízos avaliados em dezoito milhões de contos. Apesar do espectacular «volte-face» da situação, que culmina meses de negociações entre os advogados de Milken e o governo norte-americano, ignora-se se esta decisão terá qualquer impacte na situação dos credores, entre os quais se incluiu o Banco de Portugal.

Milken, que tem vindo a ser a figura central de um inquérito oficial lançado em 1986, firmou um acordo ao abrigo do qual lhe é dada a garantia de que não será acusado de extorsão ou de recolha de informações por processos ilícitos. Pelo contrário, ao considerar-se culpado em seis acusações menores, o ex-patrão da Drexel parece ter conseguido evitar o pior, o que lhe poderia vir a custar uma pena de 20 anos de prisão e a maior parte da sua fortuna, obtida de forma fulgurante durante uma década de actividade na frenética Wall Street.

A admissão de culpa por parte de Milken surge na véspera da data limite marcada pela comissão de inquérito para apresentar novas acusações.

O acordo negociado pelos advogados de defesa, que deverá ser confirmado em tribunal ainda esta semana, só será considerado válido depois de ter sido aprovado por um juiz federal. Recorda-se que Milken já havia depositado uma caução de 700 milhões de dólares com o objectivo de fazer face às acusações de extorsão.

Ao abrigo do actual acordo, cujo teor o «New York Times» revelou parcialmente, não só congelou o eventual reforço da acusação, como anulou o processo em curso movido contra o irmão de Michael Milken, também ele envolvido no escândalo Drexel. Dada a admissão de culpa, aquele mesmo acordo poderá, eventualmente, fazer com que grande parte das provas escolhidas pela comissão governamental não sejam tornadas públicas, deixando sem resposta muitas questões suscitadas pela investigação das actividades ilegais em Wall Street.

Filipe Vieira

Serpa discutiu cultura e poder local

Saramago contesta em Serpa utilidade do dirigismo cultural

A cultura e o poder local, a sua relação com a comunidade, saber o que é que uma autarquia sem dinheiro pode fazer no plano cultural, foi tema vasto para um colóquio em Serpa, com a presença de José Saramago, promovido pela autarquia local. Sem respostas, mas levantando pistas, colocando-se na posição de observador e não «de quem vem trazer receitas», o ex-presidente da Assembleia Municipal de Lisboa, convidado por esta Câmara CDU, levantou um certo número de questões, por vezes em choque com as concepções tradicionais de intervenção do poder local na cultura.

Foi a primeira vez que Saramago participou numa sessão pública após a sua demissão da Assembleia Municipal de Lisboa. Na sua intervenção, condicionou o êxito de qualquer acção cultural ao envolvimento da comunidade a que a mesma se destina e à realidade local.

«Tal como não é desejável que o poder central defina uma política cultural - defendeu o escritor - também não é desejável que o poder local, variando com as cores políticas respectivas, produza uma política cultural local. É daquilo que de facto existe em cada comunidade que deve sair a expressão cultural desse local».

Embora pessimista algumas vezes, José Saramago não dramatizou a influência que um mundo em mudança, as novas tecnologias e os novos hábitos da juventude possam ter para a cultura.

«As coisas são boas ou más conforme o partido que se tira delas. O computador é uma porta de entrada para o mundo do conhecimento como o livro».

Quanto ao poder local, José Saramago lembrou a necessidade de se fazer um esforço para sair dos esquemas habituais e citou o caso de não haver praticamente nenhuma autarquia que não tenha ido à procura dos jogos tradicionais para os integrar na nova sociedade democrática.

«Isto é compreensível naquilo que significa de ligação às raízes, mas nada pode viver para além do seu tempo. Uma coisa que morreu pode ser ressuscitada como objecto de museu, mas não se pode pensar que aquilo que foi bom para os nossos avós é bom para nós».

Na opinião do escritor só uma relação viva entre a acção cultural e a comunidade, a possibilidade de a fazer participar em qualquer coisa de que se sinta protagonista, pode dar resultados, de nada valendo pensar em grandes projectos se eles tiverem como destinatários apenas uma élite.

«Ou a comunidade participa ou nada passa para a inteligência. Fica tudo do lado de fora». Mas para isso, lembrou o escritor, é necessário também que a comunidade esteja interessada, chamar as pessoas que estão fora da Câmara, ver as ideias que têm, «não esperar que a Câmara faça tudo».

Francisco Paraíso

José Saramago

Negando validade a qualquer tipo de dirigismo cultural, José Saramago afirmou que a primeira coisa que o poder local deve fazer é «entender as pessoas que existem no local», proporcionar as condições e deixar que as coisas funcionem, no sentido de «uma cultura que seja a expressão da colectividade e não orientada».

Mas, ao mesmo tempo que contestava a cultura dirigida pelo poder, Saramago considerou que no plano externo Portugal tem que ter uma política de expansão cultural, «e não a tem por incultura dos nossos governantes que não se tornam mais cultos por, em certas alturas, citarem Fernando Pessoa». «As guerras do futuro vão ser linguísticas e culturais e nós não temos satélites para passarmos a nossa cultura aos povos».

Mais adiante, num debate difícil de arrancar face à inibição da audiência, Saramago contestou que o livro estivesse em crise, afirmando que as tiragens são agora maiores e há mais gente a ler, «mas gente que já passou a juventude». Acrescentou não saber, porém, se os jovens, passada esta fase de jogos de computadores, das discotecas e do *rock*, serão capazes de passar a uma fase seguinte e entrar na leitura.

Salientou existir apesar de tudo uma geração que anda agora pelos 15 anos que, neste aspecto está a distinguir-se daquela que se lhe segue imediatamente.

Abordando ainda a questão da juventude e o aparente choque com as gerações mais velhas, Saramago disse que muitas vezes a diferença de gerações não é mais que uma diferença na maneira de comunicar. «As dificuldades de comunicação de geração para geração são dificuldades de linguagem».

Augusto Vilela

Novos membros do Governo tomam posse amanhã

César Torres é o titular do Turismo

Vão tomar posse amanhã os novos titulares dos ministérios do Comércio e Turismo e das Obras Públicas, Transportes e Comunicações, soube o «DL» de fonte oficial. Faria de Oliveira, o designado ministro do Comércio, escolheu já Alfredo César Torres, presidente do Automóvel Clube de Portugal, para secretário de Estado do Turismo. Para o Comércio Externo vai ser nomeado Neto da Silva, que já foi vice-presidente do Instituto do Comércio Externo Português. Em dúvida parece estar o nome para a Secretaria de Estado do Comércio Interno, mas, pelo que este jornal pôde apurar, Teresa Ricou é quem reune mais possibilidades de assumir o lugar.

Para o Ministério das Obras Públicas, Ferreira do Amaral, indicou Carlos Costa para a Secretaria de Estado da Habitação, Álvaro Magalhães para as Obras Públicas, e Ponte Zeferino para secretário de Estado Adjunto. Este ministério passa a ter assim uma nova estrutura, prescindindo Ferreira do Amaral, como o «DL» noticiou em primeira mão, de todos os anteriores titulares. Aliás, o ministro acabou foi por recuperar Carlos Costa, há cerca de um mês afastado por Oliveira Martins da Secretaria de Estado dos Transportes Interiores.

Álvaro Magalhães vem dos CTT e Ponte Zeferino do IFADAP, onde chegou a trabalhar com Ferreira do Amaral. Zeferino vai desempenhar um papel muito importante no Ministério, pois terá a seu cargo os financiamentos comunitários e a «máquina» daquele departamento governamental. De salientar que a área das Comunicações ficará a cargo exclusivo do próprio ministro. O último acto público de Ferreira do Amaral, como ministro do Comércio, ficou esta manhã assinalado com a colocação da primeira pedra do empreendimento da General Motors no Seixal.

CDU com maioria absoluta na Quinta do Anjo

A CDU venceu ontem, com maioria absoluta, as eleições para a Junta de Freguesia da Quinta do Anjo, concelho de Palmela. A repetição do acto eleitoral ficou a dever-se ao facto de elementos do PS e PSD, na Assembleia de Freguesia terem provocado sucessivamente falta de quorum.

Sampaio traça futuro do País segundo o PS

«Regionalização é mecanismo económico de desenvolvimento»

O Partido Socialista considera que a regionalização desencadeará mecanismos importantes, entre eles o que o texto fundamental estabelece quanto ao desenvolvimento económico descentralizado. Esta ideia foi ontem explicitada por Jorge Sampaio no distrito de Bragança, depois do líder do PS ter falado na Convenção Autárquica do Porto, do Partido Socialista. Tema de diversas formas glosado nos últimos meses por todos os partidos da oposição, a regionalizaçao assumirá particular relevo no próximo Congresso do PS, em Maio, no Porto. Trata-se, de resto, de matéria contemplada por algumas das seis moções globais, havendo inclusivamente uma moção exclusivamente regional, subscrita pelo líder do PS da Madeira, Jardim Fernandes. «Para governar Portugal» é o título da moção do líder socialista que ontem, em Macedo de Cavaleiros, se referiu desenvolvidamente à regionalização em Portugal.

«Há que caminhar decididamente para a regionalização, não como uma guerra sem sentido, mas como uma necessidade absoluta de encontrarmos o mecanismo constitucional de desenvolvimento da actividade económica», disse Jorge Sampaio, segundo o qual «o compromisso do PS é o de governar na base do seu programa«. Na análise que faz à conjuntura interna, acusa o PSD de «ter ignorado a sociedade, confundindo partido com Estado», considerando o partido de Cavaco Silva de «irremediavelmente conservador».

Sampaio afirma ainda «ser necessário cordenar os recursos a distribuir pelo território nacional, por forma a derrotar as desigualdades regionais que ainda subsistem», aspecto para que a sua moção aponta, na perspectiva de uma «maioria absoluta para 1991».

Entretanto, nas suas Jornadas Parlamentares, o PS decidiu levar a cabo várias iniciativas, incluindo uma interpelação ao Executivo sobre formação profissional e educação especialmente centrada no ensino superior.

Redacção DL/Lusa

POSTO DE ESCUTA

Criados

«O Parlamento é a vergonha deste regime: os deputados não são independentes, são uns criados das comissões políticas dos partidos. Devíamos ter uma lei eleitoral que desse aos deputados, eleitos em círculos uninominais, uma representação real e autónoma do seu eleitorado.»

Vasco Pulido Valente

Elogio viciado

«O elogio à uninominalidade e ao sistema maioritário é um elogio viciado. O problema político do sistema português não é esse: é a inexistência de mecanismos que combatam a partidocracia. O que você chama a reforma da lei eleitoral é a fabricação de maiorias a martelo.»

José Magalhães

Deve ter estado na Noruega

«No programa eleitoral do dr. Mário Soares, em 85, constava que ele faria todos os esforços possíveis para promover a revisão da lei eleitoral e para que o poder judicial fosse fortalecido. Ele deve ter estado na Noruega, durante estes anos, porque não notei que o dr. Soares tivesse feito esforços nem num sentido nem noutro.»

Vasco Pulido Valente

Maiorias a martelo

«A redução do número de deputados e a alteração da lei eleitoral no sentido de reduzir a proporcionalidade pode conduzir a maiorias feitas a martelo e à bipolarização, o que significaria a redução do espectro político.»

José Magalhães

Comidos como crianças

«O dr. Carlos Macedo, se voltar ao PSD, não será incluído nas próximas listas eleitorais e você também não: estão a ser comidos como crianças. O José Magalhães já abriu a boca vezes demais para ser recandidatado pelo PC.»

Vasco Pulido Valente

Estou a meditar

«O que eu acho de tudo isto é que a discussão (no interior do PCP) se faz à beira do precipício. Não há largueza de fronteiras no debate porque estão excluídos vários temas como a revisão estatutária e a revisão programática e não há reexame de acontecimentos históricos fulcrais. Estou a meditar seriamente na posição a assumir face a este quadro.»

José Magalhães

FLASH-BACK, «TSF-Rádio Jornal», domingos, das 12 às 13 horas, FM, 96.6. Retrospectiva da actualidade da semana. Um programa moderado por Emídio Rangel. Ontem, participaram Vasco Pulido Valente e José Magalhães.

Os responsáveis militares foram apanhados de surpresa, mas não contestam a decisão do poder político. Defendem que chegou a altura de criar incentivos para o voluntariado

Menos tempo de tropa torna-se mais caro

Firmino Miguel: o Exército é o ramo que mais sentirá a redução do Serviço Efectivo Normal

O anúncio da redução do Serviço Militar Obrigatório, SMO, apanhou de surpresa os altos responsáveis militares, desde os comandos das unidades de incorporação aos chefes de Estado-Maior da cada um dos ramos das Forças Armadas.

Nenhum deles se pronuncia sobre a medida, que consideram eminentemente política, mas alguns discordam dela. Contudo, são unânimes no facto de a redução do SMO exigir um maior investimento nas Forças Armadas. Mais fardas e vencimentos competitivos para o voluntariado onerarão o orçamento para a Defesa Nacional.

«O ministro não consultou as chefias sobre a questão», disseram ao «DL». No entanto - obtemperaram outras fontes militares -, «a dimensão das Forças Armadas é definida pelo poder político».

De doze meses no Exército e quinze na Armada e na Força Aérea, os jovens obrigados a cumprirem o SMO poderão passar para quatro no primeiro ramo das Forças Armadas e o mesmo tempo, ou pouco mais, nos outros dois.

É neles que assenta a infra-estrutura de defesa territorial. O problema está em estudo nas altas instâncias militares, que têm em conta o facto do SMO permitir um contacto permanente com todos os sectores sociais da juventude e da constituição de unidades poderosas só ser possível recorrendo ao Serviço Militar Obrigatório. Por tudo isso se aguardam decisões e resultados.

Exército será o ramo mais prejudicado

Há quatro tipos de recrutamento: o SMO, o voluntariado, o pessoal contratado e o profissional. Uma opinião colhe a unanimidade da maioria dos responsáveis ouvidos sobre a medida: o recurso ao voluntariado é mais eficaz que o serviço obrigatório. Esta alteração será mais evidente no Exército, que será o ramo mais prejudicado pela decisão, já que é o sector das Forças Armadas que mais recorre ao SMO. Curiosamente, é este ramo que abastece os outros dois, já que todos os efectivos dos outros ramos são testados por este e passam obrigatoriamente por uma primeira avaliação no Exército.

Os números por nós recolhidos junto do Estado-Maior do Exército, EME, são elucidativos: de um contingente, entre oficiais, sargentos e praças, da ordem dos 250 mil, antes de 1974, incluindo Portugal e as ex-colónias, passou-se para 120 mil, logo após o 25 de Abril, descendo a 39 mil em 1985. Perdeu mais 4500 elementos em 1989, sendo 23 050 a previsão para este ano. Neste último número caberão novecentos contratados, praças e oficiais. Trata-se, neste caso, de elementos que estão a estudar ou ocupados em missões de formação e que cessarão os seus contratos com o Exército logo que assim o pretendam.

Armada e Força Aérea pouco sofrerão

A Armada e a Força Aérea atingiram já tamanho grau de voluntariado e profissionalização que a medida pouco os afectará.

Há quem não concorde com o tempo mínimo de tropa, previsto abstractamente pela medida de Fernando Nogueira e apresente razões para tal.

Quatro meses não chegam para preparar minimamente ninguém, sobretudo na Força Aérea a na Armada, a não ser para polícia naval e polícia aéreo, e pouco mais, referem ao «DL» fontes militares. E, mesmo assim, sem aquela garantia de eficiência exigível a um País da NATO e da CEE que tem nas Forças Armadas «um último recurso a utilizar pelos detentores do poder político, se outras acções não tiverem produzido os efeitos desejados», lê-se no «Livro Branco da Defesa Nacional» publicado pelo Ministério da Defesa em 1986.

É no tempo de duração mínima do SMO que reside o busílis da questão. A iniciativa do ministro da Defesa Nacional tem, contudo, defensores entre os altos responsáveis das Forças Armadas. Vem até ao encontro do que o actual director do Instituto de Altos Estudos Militares, Loureiro dos Santos, preconiza, a título pessoal: um contingente nacional instruído durante cinco a seis meses.

Responsáveis militares admitiram ao «DL» que o tempo mínimo indicado por Fernando Nogueira, a título meramente exploratório da situação, venha a ser alargado.

Quatro meses de Serviço Militar Obrigatório, agora dito Serviço Efectivo Normal, «não dá para nada». Três meses seriam para a chamada instrução básica e um para manobras. Nos últimos tempos, além de tarefas de condutor, dactilógrafo e cozinheiro a operador de central e telefonista, os jovens têm sido destinados à informática, comunicações e serviço de secretaria.

Há que criar incentivos para o voluntarido

Não é líquido que o período de quatro meses venha a prevalecer como tempo mínimo do SMO. «Perdeu-se uma ocasião soberana para, passos largos, se optar pela profissionalização das Forças Armadas», disseram ao «DL».

Caso venha a impor-se essa duração de quatro meses, as Forças Armadas poderão, de uma forma geral, avançar para o serviço militar voluntário. Mas para isso é necessário criar incentivos - defendeu um chefe militar a este jornal.

De acordo com o seu raciocínio, há três razões para se optar pelo serviço militar como voluntário: ou porque se tem vocação; ou porque se quer adquirir conhecimentos e prática importantes para a vida profissional (o que acontece muito nesta área); ou porque se está desempregado e, de facto, as Forças Armadas oferecem ocupação.

«Nestes casos, é fundamental criar incentivos que a nova situação não pode descurar e é necessário propor vencimentos competitivos», disse a mesma fonte.

O próprio despacho do ministro da Defesa Nacional avança com essa duração como ponto de partida para o estudo a que o Conselho de Chefes de Estado-Maior neste momento procede.

Chamam-lhe Serviço Nacional Efectivo

É uma tarefa delicada e absorvente sobre a qual os chefes das Forças Armadas se debruçam. De uma forma geral ainda não há uma avaliação rigorosa do impacte que a medida provocará nos três ramos das Forças Armadas.

Foi essa a posição que recolhemos junto do Estado-Maior do Exército, ao passo que o da Armada considera «prematuro» adiantar o que quer que seja, enquanto «não forem analisadas, discutidas e aprovadas as soluções que melhor servem o interesse do País».

A redução do Serviço Militar Obrigatório, agora Serviço Nacional Efectivo, dará azo a um sistema que vai ficar mais caro.

Mas permitirá, segundo a mesma fonte, criar uma «base de voluntários que melhorará, inevitavelmente, o sistema de defesa, mais pronto e mais equitativo», disse um outro responsável militar ao «DL». Segundo ele, «a sociedade terá de pagar essa factura». O voluntariado implica vencimentos competitivos, o que não acontece com o SMO, em que os incorporados cumprem um dever.

Júlio Rodrigues

COMENTÁRIO

Ministro precisava-se — mas sem exageros

Esta a minha primeira reacção à «lei» publicada na Imprensa nacional (não pela Imprensa Nacional, editora do Diário da República onde surgem as leis e decretos-leis habituais) pelo ministro Fernando Nogueira ao dar a conhecer com tão grande ênfase o seu despacho para que se estudasse a hipótese de o Serviço Militar Obrigatório (SMO) passar a ser de quatro meses.

Chamei «lei» a esse despacho, porquê? Porque, e à semelhança do ocorrido com a taxa do serviço público de radiotelevisão, se cria uma expectativa — quase impossível de contrariar — no sentido de uma situação de facto consumado, sendo politicamente difícil voltar atrás, quer se considere que a definição do tempo de SMO se enquadre no âmbito da competência da Assembleia da República quer no âmbito governamental.

Para além deste aspecto formal, totalmente diferente de uma situação mais lógica e mais desejável em que o ministro, com alguma discrição, pediria antes o estudo de três ou quatro hipóteses alternativas, importa analisar outros factores (admitindo-se a irreversibilidade, no actual momento, da opção já quase tomada dos quatro meses de serviço).

Em primeiro lugar, e quase como de costume, em vez de o tempo de SMO ser uma consequência lógica de uma política de Defesa baseada num estudo sério, a presente opção surge desenquadrada, e fruto de decisões talvez não suficientemente fundamentadas — caso análogo ao das aquisições recentes de dispendiosos sistemas de armas — ou de ausências de decisão consequência da inexistência de uma verdadeira política de Defesa — como, por exemplo, a manutenção de corpos especiais de tropas sem meios apropriados de rápida deslocação para «teatros» de operações.

Em segundo lugar, deveria ter sido tomada em consideração, antes da difusão de tal tipo de despacho ministerial, a probabilidade actual e futura de o serviço militar voluntário poder fornecer os quantitativos necessários (face ao mercado de trabalho) para que os ramos dos sectores das Forças Armadas que deles precisam possam subsistir sem problemas de maior, pois um mínimo de especialização requer um tempo de formação e prática adequados.

Doutro modo, a alternativa é — caso continue a não haver política de Defesa — uma excessiva profissionalização dos corpos militares.

Isto dito, importa ressaltar: que o princípio da redução do SMO é de aplaudir nas circunstâncias actuais quanto à ausência no horizonte de situações de conflito armado; que a hipótese da respectiva prestação também em outros organismos armados (ou não) como a Guarda Nacional Republicana e a Guarda Fiscal, ou como os Bombeiros, não deve ser esquecida; e que a redução de serviço militar não deve ser tal que impeça os jovens recrutas de terem presente a sua capacidade crítica durante o tempo em que estão sujeitos a um regime algo condicionador da sua personalidade.

Teríamos assim o que queríamos ter evitado: ter umas Forças Armadas excessivamente profissionalizadas e, paradoxalmente, pouco eficazes em caso de necessidade de mobilização.

Luís da Costa Correia*

** Oficial da Armada (RAa)*

FORUM

Diário de Lisboa

Fundado em 1921
Editado por Renascença Gráfica, S.A.

Presidente do Conselho de Administração: **António Ruella Ramos.**
Administradores: **Maria do Carmo Ruella Ramos, João Manuel Ruella Ramos, António Brás Monteiro e António Gomes da Costa.**
Secretário-geral: **Jorge Galamba.**

Director **Mário Mesquita**
Directora-adjunta **Diana Andringa**

Exerceram anteriormente a Direcção:
Joaquim Manso (1921/1956)
Norberto Lopes (1956/1967)
António Ruella Ramos (1967/1989)

Chefe de Redacção
Acácio Barradas
Chefes de redacção-adjuntos:
José Leite Pereira, Paulo David, Rodrigues da Silva e Rui Camacho

Redactor-principal
João Paulo de Oliveira

Coordenadores de Secção:
António José Teixeira, Eurico Vasconcelos, João Galamba de Oliveira, José Luís Feronha, Maria Guiomar Lima, Neves de Sousa e Vítor Leitão

Repórter-coordenador:
Adelino Cardoso

Redactor-paginador
António Ribeiro Ferreira

Redacção e reportagem fotográfica:
Almeida Henriques, Alves Henriques, Ana Mafalda Inácio, Ana Paula Sá, Augusto Vilela, Carlos Camponez, Céu Neves, Daniel Reis, Dina Soares, Duarte Calvão, Elsa Andrade, Emília Trindade, Ernesto Sampaio, Fernando Brederode Santos, F. Dias Brito, Gisela Oliveira, João Isidro, Jorge Ferreira, José Rui Cunha (Bruxelas), Júlio Rodrigues, Luísa Alexandra Botinas, Lurdes Féria, Maria Antónia Martinho, Maria João Martins, Maria João Rocha, Maria José Belo Marques, Marina Tadeu, Marina Tavares Dias, Paulo Martins, Pedro Alvim, Pereira de Almeida, Rodrigues Borges, Rui Eduardo Paes, Rui Ferreira e Sousa, Rui Nunes e Rui Pacheco

Colaboradores permanentes da Redacção: **Alessandra Balsamo, Daniel Oliveira, Francisco Paraíso, Isabel Joyce, Jorge Fallorca e Roby Amorim.**

Cartoonistas: **António Alfredo e José Bandeira**

Grafistas:
Ribeiro da Silva (coordenador), **Ermelinda Silva, Filipe Veríssimo e Luís Tenreiro**

Paginadores:
Antonieta Teixeira, José António Carvalho, Jorge Santos, Pedro Pessoa, Óscar Figueiredo e Ricardo Magalhães

Secretária de Direcção
Maria Eduarda Soutello

Secretaria de Redacção:
José Agostinho (coordenador), **António Lima e Maria Helena Matos**

Chefe de Publicidade
Luísa Valadas

Gestor de Informática
Luís Canteiro

Redacção, Administração, Publicidade e Serviços Técnicos: Rua Luz Soriano, 44 - 1200 Lisboa. Telef. 3474870/9 - Telegramas DIBOA - Telex 12363 DIAROP - Telefax 3467134. Impresso na Renascença Gráfica, SA - Rua Luz Soriano, 44 - 1200 Lisboa. Distribuído por Interpress - Rua do Norte, 115-1º - 1200 Lisboa - Telef. 322100/322204/320784. Depósito legal nº 1426/82. Preço do jornal: no Continente, 60$00; na Madeira, 75$00; nos Açores, 85$00.

PORTE PAGO

RELÓGIOS FALANTES

O CIVISMO NA EDUCAÇÃO

Reflectindo sobre a importância actual da educação cívica, Jean-Marie Domenach cita um professor de Filosofia que considera absurdo fazer dos direitos do homem um capítulo de programa escolar, uma vez que o que está em jogo nesta questão dá-se à livre reflexão através da cultura literária, histórica e filosófica. «Com efeito, continua o autor de «Ce qu'il faut enseigner» (Paris, 1989), isolar os direitos seria diminui-los, mas é essencial que todos tenham conhecimento deles e façam o seu comentário, quando não os aprendam de cor, porque são os direitos que tecem a trama das nossas liberdades sem pararem numa fronteira ou numa época: são válidos em toda a parte e em qualquer momento. É certo que o direito natural que os fundamenta pode ser contestado; é verdade que o esquecimento que registam em face das condições práticas da sua realização deixa lugar a muitos complementos. Mas Marx apenas os criticava para os consumar e a Igreja Católica, depois de os ter rejeitado, agora luta por eles. Constituem, portanto a base consensual da nossa República e, virtualmente, da Europa toda.»

Para o ensaísta, ao dogmatismo defunto das sociedades fechadas sucedeu, porém, uma certa indiferença que põe no mesmo plano todas as opiniões e «particularidades» da cultura. Trata-se, no fundo, de um entendimento débil e incompleto do que sejam o exercício dos direitos, o pluralismo e a tolerância como se estes significassem renúncia da procura das vias que conduzam a mais dignidade dos homens e a mais respeito mútuo. Afinal, é a consciência dos problemas éticos que dá significado à vida em comunidade e à afirmação das singularidades e do direito à diferença. Dirão alguns que a democracia pluralista exige projectos propositadamente frágeis que facilitem a compatibilização das diferenças de interesse e de opinião. Todavia, indiferença e pluralismo são inconciliáveis - a primeira, a ser cultivada, destrói o segundo. Daí a necessidade de se olhar cada vez mais o cidadão como alguém que permanentemente opta - empenhando-se, como pessoa livre, no acto que pratica, consciente do espaço que ocupa na sociedade e das zonas de conflitualidade com os seus próximos. Conscientes dos direitos e dos deveres, os cidadãos não deverão renunciar, assim, em nenhum momento da sua vida à procura das melhores vias de aperfeiçoamento. Desde modo, a democracia tem de deixar de ser pensada como solução tolerada ou como mal menor - numa teia complexa onde se encontram os mitos do eterno retorno e do fim da história ou de um futuro de modelos de reconciliação definitiva - para passar a ser o lugar possível de encontro de vontades e de compromissos, de direitos e deveres. A democracia tem de se pensar à luz dos valores democráticos e não de referências a modelos acabados ou a tradições fechadas. Nessa medida há uma *indeterminação última*, para usarmos a expressão de Claude Lefort. Cria-se, deste modo, um espaço de jogo, submetido a princípios éticos e a normas jurídicas, onde liberdade, respeito e igualdade se encontram. Então, a tolerância deixa de ser uma reivindicação frágil para se tornar uma condição essencial de uma liberdade solidária, que não esquece a conflitualidade e a necessidade de uma regulação eficiente e equitativa das diferenças e dos diferendos. Só assim será possível ultrapassar os receios de relativismo sem cair na tentação impositiva das «boas vias» e das rectas intenções.

Num texto recente de comentário ao livro de Allan Bloom *The Closing of American Mind* Rui Ramos reflecte com lucidez sobre estes temas demarcando-se do pessimismo do autor norte-americano e apontando alguns dos riscos dos seus elitismo e apelo à tradição clássica. Recorda a propósito Ortega y Gasset que «responsabilizou a democracia liberal por ter preparado a rebelião das massas. Minorias esclarecidas do século XVIII tinham inventado a ideia de que todo o indivíduo possuía direitos pelo simples facto de nascer. Os regimes fundados no reconhecimento destes direitos existiram no século XIX, mas sem que o povo, apesar da legislação democrática, tivesse deixado de viver como no antigo regime. Com o século XX, a industrialização e a Grande Guerra, o «ideal» jurídico tornou-se «realidade» social, deu origem a um estado psicológico generalizado: degradou-se. Enquanto foi quimera, a ideia de que os homens eram iguais, levava a élite a praticar nobres acções. Agora, era um pressuposto inconsciente, libertava brutalmente o apetite do *homem vulgar (o homem sem qualidades)»* («Paradoxos Culturais do Regime Democrático», revista *Risco*, n.º 13, Primavera 1990). Há, porém, que ter cautelas com este tipo de raciocínio comum a Bloom e a Ortega - que Rui Ramos critica. A partir dele o regime democrático parece tornar-se «a gata borralheira de uma cultura aristocrática», e Bloom, reivindicando a tradição racionalista do iluminismo, até parece estar «muito mais saudoso da tradição do que do iluminismo»... Importa, porém, não esquecer que existem dois pólos que urge compatibilizar: de um lado, a permanente procura de verdade - num processo de gradual e permanente aperfeiçoamento - e, de outro, a necessidade de preservação dos direitos do homem e do pluralismo, na sociedade concreta em que vivemos. Nessa medida o homem vulgar tem de ser encarado como cidadão e como pessoa. Não se trata, todavia, de criar qualquer tipo de concepção democrática autêntica, mas sim preservar espaços de autonomia, capazes de evitar a dissolução das singularidades individuais na massa e de contribuir para que as solidariedades sejam o mais possível voluntárias e legítimas.

Nesta ordem de ideias, a educação cívica e a reforma de mentalidades exigem que os direitos do homem e a democracia sejam encarados no contexto da acção e do compromisso - devendo os princípios ser preservados à luz da liberdade e dignidade das pessoas e do respeito pela sua individualidade e integração social. Só assim o político e o social não se confundirão - e desse modo, poderemos afastar muitas das tradições saudosistas ou totalizantes do nosso tempo. A educação cívica não poderá, por isso, ser um compartimento estanque isolado da vida e da restante educação. A democracia precisa de acção. Os valores apenas serão respeitados se não nos deixarmos fechar nas torres distantes do jurismo ou da tentação perfeccionista...

Guilherme d'Oliveira Martins

SANTINDIANA LOPES

A política cultural do Governo acaba de afixar o cartaz.

É «O Mistério de Castro Perdido».

Anunciou-o, aos microfones da TSF, em entrevista a propósito de um fabuloso castro calcolítico soterrado em Vila Nova de São Pedro, na Azambuja, o responsável pelo departamento de Arqueologia do IPPC - Instituto Português do Património Cultural, dependente, como se sabe, da Secretaria de Estado da Cultura.

Em resposta à impaciência do sr. presidente da Câmara da Azambuja, que não descansa enquanto o castro calcolítico não for desenterrado, posto a céu aberto, estudado, o representante da Secretaria de Estado da Cultura disse, aproximadamente:

- A proprietária do terreno em que está o castro não deixa que se façam escavações, o que é legítimo. Não é grave, a arqueologia não se esgota em escavações. Portugal é uma grande reserva arqueológica! Há que legar essa reserva, esse património, aos nossos filhos!

É isso.

Mal andou, já no século XVI pelas bandas de Évora, André de Resende.

Mal andaram Gaspar Estaço, Martinho de Mendonça de Pina e Proença, Contador de Argote, e Frei Manuel do Cenáculo.

Malissimamente andou Champollion, no Egipto.

Fatais foram, na Grécia, Winckelmann, na Mesopotâmia, o cônsul Botta, na Pérsia, D. Garcia da Silva.

E Cheliemann, na Tróia homérica.

E Evans, em Cnossos.

Porquê?

Pois por terem feito aquilo que é reclamado pelo sr. presidente da Câmara da Azambuja.

Escavado.

Posto a céu aberto.

Estudado.

Pois por não terem compreendido isso que é óbvio para o Departamento de Arqueologia do IPPC e para o sr. secretário de Estado da Cultura - que Portugal é uma grande reserva arqueológica e há que legá-la, intacta, e soterrada, aos filhos dos filhos dos filhos dos nossos filhos.

A Arqueologia, que foi ela se não uma impaciência milenar na ponta de uma estúpida picareta?

Impacientes os Médici.

Impaciente a senhora D. Maria I que mandou proceder a escavações em Tróia (Setúbal).

Violentamente impacientes o sr. Possidónio da Silva, a Associação dos Arqueólogos Portugueses, a Sociedade Martins Sarmento, de Guimarães, a Sociedade Santos Rocha, da Figueira da Foz, o Instituto de Arqueologia, História e Etnografia, do Museu de Belém, o Centro de Estudos Humanísticos, do Porto, a Secção de Arqueologia da Sociedade de Geografia, de Lisboa.

Não sabia a Arqueologia, não sabiam Martins Sarmento, Leite de Vasconcelos e Manuel Heleno aquilo que é líquido para o sr. secretário de Estado da Cultura e para o Departamento de Arqueologia do IPPC - a singularidade da arqueologia portuguesa, a honra da arqueologia portuguesa, o patriotismo da arqueologia portuguesa, é, hoje, justamente, não escavar, não pôr a céu aberto, não estudar.

Em defesa, liberalmente coerente, da propriedade privada.

Mas também em defesa do inalienável direito do futuro que é - saber amanhã o que podia ter sido sabido, hoje.

Dir-se-á que este contributo da política cultural do Governo, sendo forte, se resume à Arqueologia.

Não se resume.

É tudo o conhecimento científico que está em causa.

Toda a investigação científica.

Para quê descobrir, hoje, a vacina contra aquela doença fatídica, para quê avançar, hoje, na forma de fechar, sobre a calote polar, o buraco do ozono, para quê ir, de sonda, assistir, em directo, ao Big Bang?

Para quê investigar?

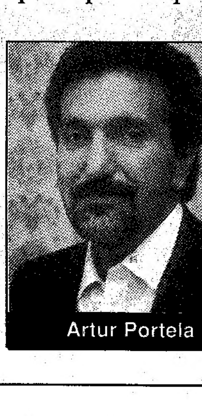
Se investigarmos, hoje, tudo o que há para investigar, o que é que fica para ser investigado, amanhã?

Compreende-se agora o motivo pelo qual o sr. prof. Mariano Gago se demitiu.

O cavaquismo acaba de substituir o mito do ouro de Salazar pelo mito da reserva arqueológica soterrada.

Champollion, se fosse português, e se fosse hoje, era - presidente da Câmara Municipal da Azambuja.

O sr. dr. Santana Lopes, porque é hoje e é português é - secretário de Estado da Cultura.


Artur Portela

UM SERVIÇO DE VALOR ACRESCENTADO

Adquirir um Lancia é adquirir mais do que um automóvel de classe superior. É conquistar uma assistência total, que complemente a sua elevada tecnologia, com técnicos especializados, através de uma vasta rede de concessionários em todo o país. O seu prestígio expressa-se desde o design avançado, passando pelo conforto, pela segurança e pelos mínimos detalhes qualitativos de construção, continuados pela nova garantia anti-corrosão válida por seis anos.

Mas o Serviço Lancia tem agora um **valor acrescentado:** o do ACP, o maior e mais prestigiado clube automóvel nacional. Através do acordo que a Fiat Auto Portuguesa e o ACP celebraram, o cliente passa a ser sócio deste clube e a dispor deste valor acrescentado durante 1 ano a partir da data de compra de qualquer modelo Lancia. Este serviço proporciona-lhe gratuitamente desempanagem, pronto-socorro até ao concessionário mais próximo mesmo em caso de acidente, assistência sem-fronteiras durante 24 horas por dia, 365 dias por ano, e, ainda, acesso às instalações e lojas ACP.
Ao seu dispor, mais um serviço Lancia. Basta telefonar.

LANCIA e ACP. Uma dupla protecção.

Fiat Auto Portuguesa, S.A.

LANCIA acp LANCIA acp LANCIA acp LANCIA acp LANCIA acp LANCIA acp LANCIA acp

FORUM

O VINTE E SEIS DE ABRIL

Alberto Caracciolo num excelente estudo sobre o modo de **contar** história adoptado pelos media, e em especial, pela televisão, diz que é sempre mais difícil fazer a história que nos «está vizinha», a história que nos escapa, "la storia sfuggente", a história cujas personagens estão vivas e são a cada momento suas testemunhas, do que a história cujos actores estão mortos.

O recente colóquio organizado pelo DL, «O 25 de Abril revisitado pelos media internacionais», isso mesmo o comprovou.

A discussão não era entre historiadores. Era entre testemunhas, co-autores dos diversos episódios que fizeram aquele acontecimento. Volta não volta, surgia lá do fundo da sala ou da mesa dos comunicadores, alguém que dizia, «não foi assim», «eu estava lá», «sou disso testemunha participante». E este, para além de muitos outros, terá sido um dos méritos desta realização: afinal, nem os autores, nem os «intérpretes» dos acontecimentos, esgotam a história. O episódico dos acontecimentos só tem sentido integrado no todo da sua história, pois esta, como nos recorda Braudel, «faz-se da sua totalidade». Por ora, não bastam à história de Abril nem o testemunho das personagens, nem a interpretação dos seus narradores. Estão todos a escrevê-la.

E nesta perspectiva, para a feitura da historiografia deste facto nacional, numa altura em que está em moda fazer a «autópsia» do 25 de Abril, não deixa de ser importante, desde já observar, e ter em conta, a forma como muitos estão a fugir de assumir a sua corresponsabilidade no episódico desse acontecimento. Sobretudo, no que diz respeito aos «erros» cometidos. O maior erro será por certo analisar a protagonização de episódios passados num determinado contexto e em circunstâncias próprias com posições de presente e quadros de leitura de ângulos e tempos bem diferentes. Quando aconteceu o 25 de Abril estava eu na ilha, na Ilha da Madeira. Uma ilha, na definição do dicionário e na realidade sociológica, é, com efeito, «uma porção de terra, cercada de mar por todos os lados». Mas não obstante esta condição de ilhéu, uma condição que, sem complexos, enferma de alguma inferioridade, principalmente sobre o perceber dos episódios que se iam desenrolando à distância, sucedeu que episodicamente estive envolvido entre 74 e 75 no governo regional. Essa situação permitiu-me, de alguma maneira, ver por dentro algumas actuações, determinados episódios, cujos principais actores, tanto habitavam a ilha, como eram poder no continente. Quer como governantes, ou seus conselheiros, quer como militares do MFA ou não.

Em poder, regional embora, pude constatar que as causas e os autores de certos actos praticados, não eram aqueles publicamente indicados. E se hoje fosse a divulgar o nome das pessoas ou dos grupos que, ainda mal sepultado o «fascismo», ordenaram ou vieram pedir para sanear pessoas, embargar a livre circulação de cidadãos, consultar as fichas individualizadas da PIDE, prender padres e jornalistas, destituir professores, «nacionalizar» bens ao nível local (imagine-se!), talvez no seu episódico estas estórias construiriam outro discurso sobre certas interpretações a propósito do 25 de Abril na Ilha e não só.

José Manuel Paquete de Oliveira

Episódios deste tipo não serão a história, mas poderão, porventura, sugerir interpretações diferentes, especialmente sobre certas desculpabilizações fáceis a propósito de alguns «erros».

Numa expressão feliz, dizia o jornalista José Carlos de Vasconcelos, numa das intervenções do colóquio « 25 de Abril revisitado»: "Foi uma época em que todos nós caminhávamos descalços sobre lume".

Os acontecimentos nunca se desenvencilham das condições ideológicas, sociais e materiais em que se desenrolam. Toda a História, com personagens e actores singulares, é de algum modo colectiva.

Evoluir com o tempo, mudar de ideias e posicionamentos, neste ou naquele sentido, é próprio à trajectória de cada um, dá ritmo e significado à vida. Não vale é para justificar-se onde e como se está a 26, depois de Abril, tentar fugir à co-autoria de episódios que não serão a História, mas dela fazem parte.

S. R.

CÂMARA MUNICIPAL DE MONTEMOR-O-NOVO

ANÚNCIO
PLANO DIRECTOR MUNICIPAL
CONCURSO DE PRÉ-QUALIFICAÇÃO

A Câmara Municipal de Montemor-o-Novo na sua reunião ordinária de 4/04/90 deliberou mandar elaborar o Plano Director Municipal, de acordo com o Decreto-Lei 69/90 de 2 de Março.

1. Podem concorrer ao presente concurso de pré-qualificação as equipas projectistas, gabinetes ou sociedades de estudos e projectos, habilitados a exercer a actividade de planeamento territorial e urbano.

2. O concurso destina-se à selecção de equipas para posterior elaboração de propostas de acordo com o programa de concurso do Plano Director Municipal a fornecer às equipas seleccionadas.

3. O concurso assenta numa avaliação curricular dos concorrentes que deverão indicar:
— designação e sede social da empresa
— curriculum na área do planeamento urbanístico
— número de trabalhadores a tempo inteiro
— constituição da equipa e ficha técnica
— razão social do consórcio (se for o caso)

4. As inscrições para o presente concurso de pré-qualificação deverão dar entrada, até ao dia 10 de Maio de 1990, e dirigidas a:

Câmara Municipal de Montemor-o-Novo
Divisão de Administração Urbanística
Secretariado do Concurso do Plano Director Municipal
Largo dos Paços do Concelho

7050 MONTEMOR-O-NOVO

O PRESIDENTE DA CÂMARA,
(assinatura ilegível)

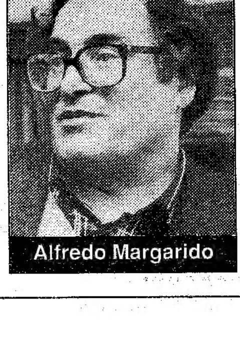
PRODUÇÃO E FUNÇÃO DOS ANTICOMUNISTAS PRIMÁRIOS

O produto mais refinado e mais constante do comunismo soviético foi o anticomunista primário. Uma parte deles foi executada nas masmorras da Polícia política. Outra foi morrer nos campos de trabalho, nessa nefanda constelação do gulag, que fora já denunciada por Victor Kravchenko, quando passou para Oeste nos anos 45-50 e miudamente desenhada pela obra de Soljnetsine.

A eficácia desta produção foi tal que uma parte dos comunistas europeus recusou a autenticidade do relatório que Krutchev apresentou no XX Congresso do Partido Comunista da URSS, convencidos de que se tratava da obra difamadora de um anticomunista primário.

Continua a sobreviver entre nós essa fauna política fossilizada, produzida pelos partidos que se pretendem comunistas e, pior ainda, socialistas: cada partido fabrica os mamutes que pode.

Contudo, face às provas acumuladas da ineficácia da União Soviética e dos países de Leste, verifica-se o lento recuo dos dirigentes dos Partidos Comunistas que ainda sobrevivem, condenados já pela razão da história que foi, durante anos e anos, um dos motores da filosofia política do comunismo de cariz soviético, chinês ou cubano. Creio que há dois autores que merecem hoje uma releitura, para melhor se compreender a produção e a sobrevivência dos anticomunistas primários. O romance *O Zero e o Infinito*, do anticomunista primário Arthur Koestler, e *O Triunfo dos Portos e Homenagem à Catalunha*, de Georges Orwell. No primeiro denuncia-se o carácter porcino de toda e qualquer ditadura, ao passo que, no segundo, se conta como é que a Tcheka - Polícia política soviética - inventou em Espanha os anticomunistas primários, que, afinal, eram todos os republicanos que não pertenciam ao Partido Comunista.


Alfredo Margarido

Estão há muito nos cemitérios organizados pela Tcheka, que os abateu «corajosamente» com um tiro de pistola na nuca.

Agora são os ainda dirigentes dos Partidos Comunistas residuais que se vêem obrigados a confessar ter sido aldrabados pelos dirigentes soviéticos. De maneira quase poética, Georges Marchais, que continua a secretariar o deliquescente PC Francês, declara: «É verdade, fomos aldrabados pelos soviéticos. E não foram só eles, de resto, que nos aldrabaram, mas sim todos os dirigentes dos países de Leste» («Oui, les soviétiques nous ont dupé. Et non seulement eux d'ailleurs, mais tous les dirigents des pays de l'Est». *Intervenção de G. Marchais no 2.º canal francês, a 10 de Abril*).

O saldo político e económico dos países de Leste é hoje reconhecido como «globalmente negativo».

Como negá-lo quando, dia após dia, os antigos «comunistas» estatísticos votam à direita, repudiando, assim, nas urnas o comunismo oficial? Será que este só pode dar origem a anticomunistas primários?

É o que está a acontecer: lenta, mas constantemente, os países de Leste dão lugar a regimes da direita, que pretendem, sobretudo, varrer o lixo do comunismo oficial.

Há dias, anunciou-se a chegada à fronteira de mais um anticomunista primário, que trazia como única bagagem a mala de cartão dos emigrantes extremamente pobres: tratava-se do doutor Karl Marx, que procurava regressar à sua casa de Trèves, para poder fruir durante algum tempo de uma gestão social-democrática. Única maneira de acalmar um sistema nervoso muito abalado pelo carácter burocrático-despótico do comunismo oficial.

INTERNACIONAL

Cada vez mais isolada, a China procura, com a visita do seu primeiro-ministro à URSS, incrementar a cooperação entre os dois países, durante trinta anos envolvidos numa guerra ideológica

Li Peng visita a União Soviética

O primeiro-ministro chinês, Li Peng, inicia hoje uma visita oficial de quatro dias à União Soviética, a primeira de um chefe de Governo da República Popular da China em 25 anos.

Li, de 61 anos, viajou acompanhado do governador da província de Xinjiang, cenário no princípio do mês de violentos confrontos que provocaram 22 mortos e 13 feridos.

A visita, que a Imprensa oficial chinesa considera de «profundo significado» para a paz na Ásia e no mundo, tem por objectivo a intensificação das relações bilaterais e o fim das tensões fronteiriças, numa altura em que os dois países enfrentam graves problemas internos.

O chefe do Governo chinês terá pelo menos duas rondas de conversações com o Presidente soviético, Mikhail Gorbachev, cuja visita a Pequim, em Maio do ano passado, marcou o início de uma nova era no relacionamento entre os dois países.

Acordos previstos

As duas partes deverão assinar um acordo comercial e delinear as bases de um tratado de redução de tropas estacionadas ao longo dos 7.000 quilómetros de fronteira entre os dois países.

A União Soviética tem cerca de 500.000 efectivos militares na fronteira e a China um milhão.

O último primeiro-ministro chinês a visitar a União Soviética foi Chou En-Lai, que se encontrou com Leonid Brejnev e Alexei Kossygin em 1961.

A situação no Camboja, onde Moscovo e Pequim apoiam diferentes partes em conflito, e as mudanças na Europa do Leste serão outros pontos da agenda das conversações.

Segundo diplomatas ocidentais, o governador Tunur Dawamet aproveitará a visita para discutir com as autoridades de Moscovo a situação na província, dado que Xinjiang faz fronteira com repúblicas soviéticas da Ásia, que foram também palco de agitação étnica.

O problema do contrabando de armas ao longo da fronteira entre os dois países e o incremento do comércio de Xinjiang com a União Soviética centrarão as conversações do governador em Moscovo.

A televisão de Xianjiang, captada pela BBC, acusou ontem separatistas, «dentro e fora do país», de estarem por detrás dos incidentes.

A ideologia posta de parte

Li Peng encontra a «Casa Soviética» tão desarrumada como a «Casa Chinesa», na altura em que o Presidente Mikhail Gorbachev visitou Pequim, em Maio do ano passado.

Li, que saiu reforçado da luta pelo poder com a ala mais liberal do partido, personificada pelo ex-secretário-

O primeiro-ministro chinês, Li Peng

geral Zhao Zyiang, tem agora a oportunidade de se desforrar da «perda de face» sentida há quase um ano e observar como Gorbachev se desenvencilha da crise social, económica e política em que a URSS se encontra mergulhada.

No capítulo da ideologia, esta visita poderá trazer surpresas. O regime chinês está neste momento isolado, tendo como únicos parceiros incómodos na cruzada comunista de fim do século países como a Coreia do Norte, Albânia ou Cuba.

Publicamente, Pequim já disse que «deseja ao povo soviético os maiores êxitos na reforma encetada», mas acha que «cada país tem as suas condições próprias, pelo que a reforma de uns não pode ser exportada para os outros».

Em privado, os líderes chineses mostram-se traídos por Gorbachev, a quem consideram o principal causador da morte do ideal comunista na Europa e no resto do mundo.

Pragmáticos, é muito possível que os chineses, pela boca de Li Peng, continuem a desejar boa sorte à Perestroika, fazendo com que a ideologia não separe de novo os dois países, depois de tanta dificuldade em pô-los a cooperar, ao fim de 30 anos de guerra ideológica.

Os tempos agora são outros, e tanto chineses como soviéticos pretendem acima de tudo atingir os níveis de desenvolvimento económico dos países mais ricos, deixando de fazer da ideologia cavalo de batalha para tudo.

Redacção DL/Lusa/AFP

Ministros da CEE debatem união das Alemanhas

Os ministros das Finanças da CEE reunem-se hoje no Luxemburgo, num conselho que, pela primeira vez, discute formalmente a união económica e monetária (UEM) entre as duas Alemanhas.

Vários Estados membros solicitaram a inclusão do assunto como ponto da ordem de trabalhos do conselho, «apesar da irritação demonstrada pela delegação da República Federal da Alemanha», salientaram fontes diplomáticas dos Doze.

A UEM entre as duas Alemanhas tem sido debatida apenas a nível informal, mas vários Estados membros consideram que o assunto tem repercussões demasiado importantes na comunidade que justificam a sua análise a nível do conselho, acrescentaram.

Os ministros voltam a discutir um conjunto de propostas de harmonização da fiscalidade das empresas, não estando previsto qualquer acordo sobre o assunto.

O principal problema centra-se na oposição da Holanda às pretensões da RFA de obter, por tempo indeterminado, uma derrogação que lhe permita manter a retenção na fonte dos lucros distribuídos pelas empresas filiais alemãs às sociedades-mães localizadas em outro país.

A delegação portuguesa ao conselho é chefiada pelo ministro das Finanças, Miguel Beleza.

União até princípios de Julho

O chanceler alemão federal, Helmut Kohl, disse este fim-de-semana esperar que até 2 de Julho se concretize a união monetária entre as duas Alemanhas e que sejam efectuadas eleições conjuntas no último trimestre de 1991.

Fontes governamentais revelaram que Bona está a considerar a conversão directa em marcos alemães federais dos salários, pensões e algumas poupanças da Alemanha Democrática após a união monetária entre os dois Estados.

Falando num comício na localidade industrial de Wolfsburg, perto da fronteira da fronteira alemã oriental, o chanceler Helmut Kohl assegurou pretender fazer «tudo o que fôr humanamente possível» para introduzir o marco alemão federal na RDA antes das férias oficiais de Verão, que se iniciam em 2 de Julho.

A decisão sobre a união monetária, que é o primeiro passo para a total reunificação alemã, terá de ser tomada até às eleições autárquicas de 6 de Maio na RDA, para que, segundo Kohl, o povo alemão oriental «conheça exactamente a situação».

Redacção DL/Lusa/AFP

Comunista reformador eleito Presidente da Eslovénia

O comunista reformador Milan Kucan venceu as eleições presidenciais de ontem na república jugoslava da Eslovénia, indicam os primeiros resultados hoje divulgados. Na vizinha república da Croácia, os resultados iniciais da primeira volta das eleições parlamentares mostram que a União Democrata da Croácia (UDC), de centro direita, é o partido mais votado em 13 das primeiras 25 circunscrições já apuradas.

Milan Kucan, antigo dirigente do Partido Comunista esloveno - agora denominado Partido Democrata Reformista - liderava as eleições com 57,9 por cento dos votos, com 75 por cento dos sufrágios escrutinados. Segundo resultados preliminares na Croácia, a seguir à União Democrata da Croácia vem o PC Reformista, que lidera em 10 das circunscrições já apuradas e a Coligação do Entendimento Popular, que vai à frente em apenas duas circunscrições.

Ontem os croatas escolheram os representantes de duas câmaras do Parlamento da república, num total de 196 lugares. Hoje voltam às urnas para eleger os deputados à terceira câmara do Parlamento de 356 lugares. A segunda volta das eleições parlamentares realiza-se nos dias 6 e 7 de Maio.

Lusa

Lituanos negoceiam com Moscovo suspensão do boicote económico

O Parlamento lituano dedica hoje a sua sessão de trabalhos ao exame da delicada situação económica em que a república se encontra, na sequência do boicote imposto por Moscovo, enquanto que uma delegação de Vilna chegou de manhã à capital soviética para tentar mais uma vez fazer valer o seu ponto de vista às autoridades. Por outro lado, o congresso do movimento nacionalista lituano, Sajudis, que, desde sábado, se reuniu com representantes do PC moscovita para analisar a situação, não conseguiu, até à noite passada, eleger uma nova direcção. «Espera-se que, nos próximos dias, a questão esteja resolvida», precisou à Agência France Presse um porta-voz do movimento. Vytautas Landsbergis, actualmente presidente do Parlamento lituano e presidente do Sajudis, deverá renunciar a este ultimo cargo, devido às funções dirigentes no seio da organização serem incompatíveis com um mandato parlamentar ou governamental, acrescentou a mesma fonte. Outros responsáveis em situação análoga deverão igualmente demitir-se.

O Sajudis (movimento lituano), novo nome da organização nacionalista, decidiu renunciar a transformar-se em partido e permanecer um movimento informal e de convergência de diversas tendências. Esta decisão advém da necessidade, de novo sublinhada por Landsbergis na abertura do congresso, no sábado, de «omitir as divergências políticas num período difícil da história da república».

Moscovo ainda não reagiou oficialmente à decisão de Vilna de interromper as remessas de produtos fabricados por empresas lituanas com destino à URSS, parte dos quais são, aliás, fortemente deficitários no mercado soviético. Um dos vice-primeiro-ministros lituanos, Romualdas Ozolas, enviou ontem um telegrama ao primeiro-ministro soviético, Nikolai Ryjkov, sublinhando que o seu Governo foi forçado a esta decisão devido ao boicote económico soviético, que, com o corte do fornecimento de matérias-primas às fábricas da república, obrigará empresas lituanas a suspender a laboração nos próximos dias e a instaurar «um regime económico particular».

A situação económica na república continua a degradar-se, e o boicote imposto por Moscovo ultrapassa largamente o simples embargo das matérias-primas energéticas.

Nepal: ex-dissidente preside ao Governo

A composição do Governo de coligação encarregado de organizar as primeiras eleições livres do Nepal foi aprovada a semana passada pelo rei. O novo Governo é presidido por um antigo dissidente que agora assume os destinos da abertura neste país.

Krishna Prasad Bhattarai, de 62 anos, é solteiro e tem a reputação de ser bem-humorado assim como de riso fácil. Este ex-dissidente passou catorze anos da sua vida encarcerado nas prisões nepalesas, e das dez vezes que foi enviado para a prisão só se pode deduzir que o rei o aprisionava facilmente. A mais longa estada atrás das grades foi de três anos e meio. A última, ocorreu dias antes da eclosão do movimento que pôs fim a trinta anos de monarquia absoluta, há algumas semanas atrás. Ao mesmo tempo que o velho líder do Partido do Congresso, Ganesh Man Singh, ele foi colocado em prisão domiciliária, numa tentativa de afastar os líderes do movimento popular. Bhattarai é o presidente em exercício da principal formação política desde 1977. Agora à frente do Governo, o novo primeiro-ministro não fazia parte da equipa de dirigentes históricos do Partido do Congresso que, como Ganesh Man Singh e B. P. Koirala, tinham lutado contra o regime de Katmamdu, no exílio em Calcuta. O movimento de oposição, exilado na Índia, contou desde sempre com o apoio e a solidariedade do Congresso indiano. A sua legitimidade é, no entanto, indiscutível mesmo se com a sua ligeireza de espírito ele tenha recentemente feito algumas afirmações contraditórias. Ainda na semana passada, depois de ter afirmado que os *pachás* - os representantes do rei - não fariam parte do seu Governo, acabou por aceitar dois, ou seja, adoptou a linha política defendida por Ganesh Man Singh.

Krishna Prasad Bhattarai vai, pois, dirigir um Governo provisório composto por onze ministros até à organização de eleições livres, provavelmente dentro de um ano. Três dos seus ministros são militantes do Partido do Congresso e três outros da Frente Unida da esquerda (que reuna as organizações comunistas) cuja presidente é uma pequena senhora «marxista» que tinha previsto que haveria colaboradores próximos do rei no futuro Governo do «povo». É, porem, um Governo bem-estruturado, pois engloba também os dois advogados de Direitos do Homem mais conhecidos: Devendra Raj Pandey, vice-presidente da Organização dos Direitos do Homem e economista de renome, que será ministro das Finanças, e o dr. Mathura Shrestha, eminente especialista do campo da Medicina que dirigirá o Ministério da Saúde.

Exclusivo DL/Le Monde

SACAVENAUTO

E. N. 10 — N.º 69 — SACAVÉM • ☎ 942 50 40 - 942 52 40

Viaturas Usadas

Renault 4 GTL 84/86/89
Renault 5 TC 86
Renault 5 TL (5 P) 78
Renault 5 GTL 3 e 5 P 86
Renault 5 TD Societé 2 L 78
Renault 5 GTR 87/88
Renault 5 TD SL 87
Renault 9 GTC 84
Renault 9 GTL 83
Renault 11 GTL 85
Renault 11 TSE 85
Renault 11 GTD 86
Renault 21 RS 86
Renault 21 GTS 89
Renault Express Gas. Diversas
Renault Trafic Diversas
Opel Kadett 1.3 LS 87

CRÉDITO RENAULT GEST
Garantia total de 6 meses

Portas abertas
Dias úteis das 9 às 20h • sábados das 10 às 18h

RENAULT

Enquanto os EUA concentram a luta anti-droga nos países latino-americanos, a heroína asiática abre caminhos em direcção aos mercados internacionais e ameaça substituir a cocaína nas ruas norte-americanas

Heroína asiática regressa em força ao Ocidente

Uma nova rota da droga surgida a partir do Triângulo Dourado (que engloba a Birmânia, Laos e Tailândia), aumenta os receios de uma nova epidemia de heroína, sobretudo nos países ocidentais. Outra preocupação é o anúncio de uma colónia de férias na Birmânia, a estabelecer no meio de plantações de papoila.

Os traficantes de droga do malafamado Triângulo Dourado preparam a abertura de uma rota através da China, a partir da qual pretendem passar heroína para os mercados internacionais. O percurso atravessa a província de Yunan, no sudoeste, e contém caminhos paralelos na Índia, Bangladeshe Tailândia.

No ano passado, os chineses produziram cinco vezes mais heroína do que em 1988. Este ano, a produção de ópio do Triângulo Dourado deverá exceder as 2.500 toneladas, batendo todos os recordes e aumentando extraordinariamente os «stocks» nos mercados internacionais.

Entre as fronteiras da Birmânia, a nordeste, da Tailândia e de Laos, a norte e noroeste, o Triângulo Dourado é constituído por 100 mil quilómetros quadrados de território montanhoso, florestado e inacessível. A área, habitada por rudes tribos das montanhas e agora também por traficantes de drogas, é praticamente incontrolável por qualquer dos três governos.

Há dez anos, cerca de 700 toneladas de ópio em bruto eram produzidas anualmente nesta área. Este ano, a colheita é quase o dobro da registada nos últimos dois anos, perfazendo quase 80 por cento de toda a produção mundial. A maioria das plantações pertencem às tribos das montanhas e a agricultores da província birmanesa de Shan. Essa poderosa fonte de rendimento sazonal (a papoila é plantada no Verão e colhida no Inverno) existe na região há muitos anos.

Tradicionalmente, a seiva desta flor servia de moeda entre as tribos da área e alimentou camponeses durante gerações. Era ainda utilizada como condimento e ração para porcos e cavalos.

EUA são o principal consumidor

Agentes norte-americanos em Banguecoque garantem que mais de metade da heroína produzida na Birmânia e Laos transita através da Ásia para a Europa Ocidental, América e Austrália. Destes destinos, os EUA ocupam o primeiro lugar em termos de mercado consumidor.

O país atribui as culpas do incremento do tráfico à corrupção de funcionários de alto nível, em Banguecoque e na fronteira Tailândia-Birmânia, que operam em conluio com os traficantes. Os comandos militares, ávidos de divisas estrangeiras, recebem, desde o ano passado, chorudos subornos dos traficantes.

Dois incidentes significativos antecederam este processo. Primeiro, nas operações encetadas este ano contra os grupos étnicos rebeldes Karen, Mon e Wah, que, através da fronteira entre a Birmânia e a Tailândia, lutam pela autonomia de Rangum, o exército não atacou os redutos e laboratórios dos fabricantes de droga.

A força dos subornos

O Exército birmanês não atacou igualmente o mais procurado barão da droga, Khun Sa, e o seu bem equipado exército operacional de oito mil homens estacionados no Triângulo Dourado, embora os seus redutos estejam bastante próximos da área, onde se desenvolve a luta contra os rebeldes.

Khun Sa, conhecido como «o rei do ópio do Triângulo Dourado» é também procurado pelos EUA. No entanto, continua a dominar a área mercê de estreitos contactos com o Exército tailandês e com elementos da polícia, que dele obtêm subornos regulares.

Recentemente melhorou o seu relacionamento com os militares birmaneses e é considerado um aliado na luta contra os rebeldes de Rangum, em troca da manutenção do seu comércio ilegal.

Em segundo lugar, Rangum permitiu a um grupo de empresários tailandeses a construção de um complexo turístico no meio das plantações de papoilas, na província birmanesa de Keng Tung. O empreendimento será erguido na fronteira com a província tailandesa de Chiangrai, que é o coração do Triângulo Dourado.

O facto de o Governo birmanês ter assegurado a protecção contra ataques dos traficantes através de elementos tailandeses, confere a seriedade necessária à viabilidade do projecto.

Entretanto, a abertura da nova rota da heroína, através da província chinesa de Yunan, está a causar uma grande preocupação às organizações mundiais anti-droga.

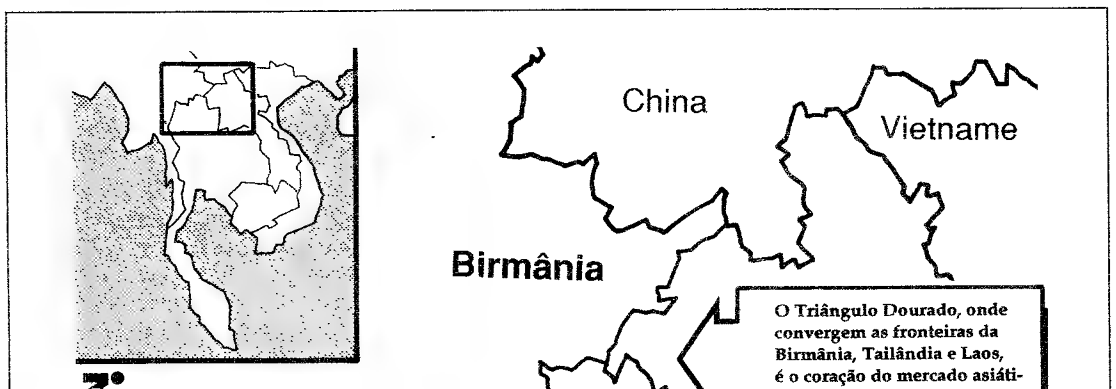
Antes da revolução comunista em 1949, um terço das terras de Yunan eram destinadas ao cultivo das papoilas de ópio e a sua preparação florescia. No entanto, no princípio da década de 50, e graças aos esforços das autoridades chinesas, essa actividade quase foi eliminada. Agora reaparece em força. Não apenas o ópio para cachimbo mas também o seu derivado, em forma de heroína.

Controlo impraticável

As fronteiras de Yunan com a Birmânia são constituídas por rios, montanhas e florestas. Devido às longas distâncias, um controlo estreito é impraticável. Consequentemente, as autoridades chinesas receiam que, face aos elevados proventos do comércio da heroína, os camponeses de Yunan voltem a cultivar ópio, havendo já indicações de que isso está a acontecer.

As cifras envolvidas são elevadas. No ano passado, 450 pessoas foram presas por traficar droga na China. Os números disponíveis não são, no entanto, fiáveis, dado que as estimativas foram feitas na China, muitas vezes sobre cálculos sem qualquer espécie de rigor.

Enquanto a cocaína sul-americana é o alvo dos esforços da luta anti droga nos Estados Unidos, a heroína poderá, em breve, substituir a «coca» e seus derivados nas ruas norte-americanas. Uma vez que o Governo militar birmanês não revela interesse em reprimir a produção de ópio, é previsível que uma nova epidemia de heroína possa afectar os países Ocidentais. A agravar o problema, a Tailândia parece ter retirado das suas preocupações o controlo das actividades relacionadas com a droga.



A.J.Singh
Serviço Gemini/«DL»
Trad. J.F./M.T.

Depois de Robert Polhill ter sido solto

Irão e Líbia apelam à libertação de mais reféns ocidentais

Os países que costumam ser responsabilizados pelo apoio aos grupos libaneses que têm em seu poder reféns ocidentais parecem estar a optar por posições menos radicais. Hoje o «Teheran Times», considerado próximo do Governo iraniano, pediu a libertação de um segundo refém americano, após o professor Robert Polhill ter sido solto ontem em Beirute ocidental, já estando neste momento em Frankfurt. Por sua vez, o coronel Kadhafi apelou de novo aos «muçulmanos de todo o mundo» para que libertem todos os reféns antes do fim do período do Ramadão, que coincide com o fim deste mês.

Já bem barbeado e sem as roupas que usava quando ontem foi libertado, Robert Polhill aperta a mão ao embaixador dos EUA em Damasco, tendo à direita o ministro sírio dos Negócios Estrangeiros

«Agora nós estamos à espera da libertação dos reféns iranianos no Líbano, em poder das milícias cristãs, assim como a libertação de todos os reféns libaneses em Israel, incluindo o cheik Obeid», disse ontem em Nova Iorque o ministro dos Negócios Estrangeiros do Irão, Ali Akbar Velayati. Estas declarações e o artigo do «Teheran Times» parecem configurar duas situações: as posições moderadas do presidente Rafsanjani estão a vencer a «linha dura» xiita e a «moeda de troca» pela libertação dos americanos será a pressão de Washington sobre Israel para que solte o cheik Obeid, um dos principais dirigentes xiitas libaneses (ligado ao Hezbollah) sequestrado por um comando israelita no sul do Líbano no ano passado, para além de outros iranianos detidos pelos cristãos libaneses.

Velayati não quis ligar directamente a libertação dos americanos aos iranianos e ao cheik Obeid, mas, segundo o «Teheran Times», «os grupos libaneses demonstrarão mais uma vez a sua boa vontade e a decisão de resolver o problema libertando outro refém americano, passando a bola para o outro campo, para que ele demonstre por sua vez a sua boa vontade». Como se sabe, George Bush, quando da recente libertação dos reféns franceses, declarou que «a boa vontade engendra a boa vontade».

Assim pode estar para breve o fim do cativeiro para Allan Steen e Jesse Turner, os outros dois reféns detidos pela Jihad Islâmica para a Libertação da Palestina, que durante 39 meses partilharam o cárcere com Robert Polhill. Hoje, este professor americano da Universidade de Beirute, teve uma «recepção exuberante» na base de Wiesbaden, perto de Frankfurt. Embora enfraquecido (teve de ser amparado por dois militares norte-americanos à saída do avião), Polhill, de 55 anos, diz sentir-se bem e não ter sido maltratado pelos sequestradores.

A Jihad Islâmica tinha anunciado na quarta-feira que libertaria um refém, provavelmente Jesse Turner, nas próximas 48 horas, mas só o fez ontem à tarde quando um BMW preto parou na Embaixada da Síria em Beirute, deixando sair Polhill. Depois seguiu para Damasco onde foi entregue à embaixada dos EUA.

Se o Irão prioriza a libertação dos americanos (há ainda sete reféns dessa nacionalidade no Líbano, entre 16 ocidentais), a Líbia pediu que sejam soltos em primeiro lugar os suíços Elio Erriquez e Emanuel Christen, dois membros do Comité Internacional da Cruz Vermelha (CICV), raptados por desconhecidos em 6 de Outubro do ano passado no sul do Líbano.

Redacção «DL»/AFP

B R E V E S

Intentona na Nigéria teve motivação antimuçulmana

O presidente nigeriano, general Ibrahim Babangida, foi, na noite de sábado para domingo, alvo de uma tentativa de golpe de Estado que, 12 horas mais tarde, já estava derrotada. O chefe de Estado revelou que a intentona provocou algumas vítimas, nomeadamente um dos seus mais estreitos colaboradores, o coronel Usman K. Bello, num breve encontro com os jornalistas ao fim da tarde, na sua residência, o quartel-fortaleza de Dodan, na capital. «A situação está sob controlo», garantiu o líder nigeriano, «e a maior parte dos oficiais rebeldes já estão presos e sujeitos a interrogatórios». Os confrontos provocaram um número impreciso de vítimas na residência presidencial que foi bombardeada pelos rebeldes. Segundo os analistas, o golpe teve uma motivação regionalista - provavelmente um conluio entre cristãos e animistas - contra o domínio muçulmano. O general Babandiga, de 48 anos, tomou o poder em 25 de Agosto de 1985, também na sequência de um golpe de Estado.

Namíbia torna-se hoje 160º membro da ONU

A Namíbia entra hoje na Comunidade das Nações, 23 anos depois do início da luta armada contra o regime colonial da África do Sul. A entrada do novo Estado nas Nações Unidas, aprovada por unanimidade pelo conselho de segurança da ONU, ocorre pouco mais de um mês após a independência do território.

Papa promove encontro de bispos europeus

O Papa João Paulo II apelou ontem à realização de um encontro sem precedentes dos bispos europeus a fim de permitir à Igreja Católica acompanhar o passo com as mudanças políticas que estão em curso no continente. João Paulo II fez este apelo no final de uma visita de dois dias à Chescoslováquia e, na ocasião, prometeu que a reunião, ou sínodo, ocorrerá «numa data não muito distante». Também na Checoslováquia o porta-voz do Vaticano, Joaquin Navarro-Vals, anunciou que o sumo pontífice visitará Cuba em Dezembro deste ano.

AFP/Lusa

O fim da censura no Chile

Patricio Aylwin, presidente do Chile, enviou na última semana ao parlamento um projecto de lei que acaba com a censura. Deverá ser aprovado sem dificuldade, já que existe uma maioria de deputados democratas-cristãos e de esquerda. O país, como todos os que tiveram que suportar ditaduras, pagou um preço muito alto neste campo, preço medido em assassínios, prisões, torturas e exílio de mulheres e homens que eram (e alguns são ainda) parte do património cultural chileno.

No Chile, as pessoas ligadas directa ou indirectamente à informação em geral tomaram posição contra a ditadura, embora, como é evidente, tenha havido excepções. Tomar essa posição equivaleu a perseguições implacáveis em que muitos morreram. Mesmo assim, nos primeiros anos da ditadura fez-se informação correcta com os meios possíveis. Editaram-se jornais, panfletos, livros e revistas clandestinas que saíam como e quando podiam. Houve também rádios clandestinas que, como os outros meios, eram recebidos com apetência sem limite pela população. No último período da ditadura começou a aparecer um maior número de revistas, muitas delas ligadas aos sectores da Teologia da Libertação que se opunham à hierarquia católica.

Curiosamente não houve auto censura, pois ao ser vencido o medo dizia-se tudo sem receio de chefes, directores ou editores; a auto-censura parece ser uma doença da democracia. Assim o projecto de Aylwin (cuja vitória foi ajudada justamente pela Comunicação Social) vem consagrar *de jure* um direito ganho pela luta dos chilenos. Resta saber se, no novo contexto, a informação continuará a ser verdadeira e rigorosa.

André Martin

MINISTÉRIO DAS OBRAS PÚBLICAS TRANSPORTES E COMUNICAÇÕES
GABINETE DO SECRETÁRIO DE ESTADO DA CONSTRUÇÃO E VIAS TERRESTRES

JAE

JUNTA AUTÓNOMA DE ESTRADAS
DIRECÇÃO DOS SERVIÇOS REGIONAIS DE ESTRADAS DO CENTRO

AVISO

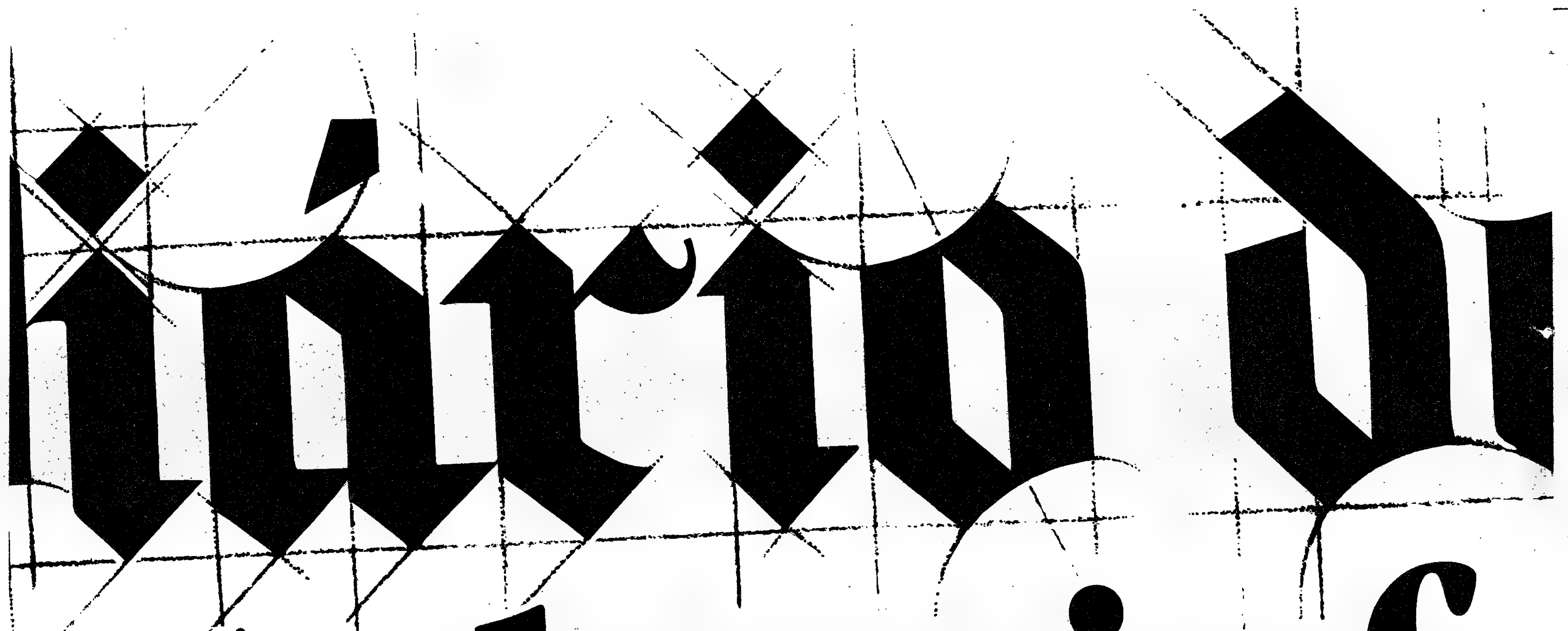
CONCURSO PÚBLICO INTERNACIONAL NO ÂMBITO DA CEE
EN 224 — BENEFICIAÇÃO ENTRE VALE DE CAMBRA E VALE GALHARDO

1. Para os devidos efeitos, avisam-se os concorrentes da empreitada em epígrafe, a que se refere o anúncio publicado no Diário da República, III Série, n.º 297, de 28 de Dezembro de 1989 e o aviso publicado no Diário da República, III Série, n.º 67 de 21 de Março de 1990, do seguinte:
   — A data de entrega das propostas passa de 23 de Abril de 1990, para 23 de Maio de 1990, às 17 horas;
   — A data do acto público do concurso passa de 24 de Abril de 1990, para 24 de Maio de 1990, às 15 horas.
2. O aviso referente a esta empreitada foi enviado ao Serviço das Publicações Oficiais das Comunidades Europeias em 17 de Abril de 1990.

Coimbra, 17 de Abril de 1990

O Director de Serviços
Luís Alberto de Figueiredo do Vale

14/90



Toda a info
com o máx
rigor.

Diári

Lituânia preten
ainda hoje com

Ministro insultad

O jornal de d

e Notíci

rmação

imo

de Notícias
FUNDADO EM 1864
DIRECTOR DINIS DE ABREU
M. BETTENCOURT RESENDES
ANO 126.º N.º 44 205
SEGUNDA-FEIRA • 2 DE ABRIL DE 1990
de diálogo
Moscovo
Página 12
o em Londres

A verdade é que uma notícia nem sempre
é transmitida da forma mais nítida.
Também é frequente um acontecimento
ser divulgado com grande exagero
e um facto importante
ser omitido ou distorcido.
Tudo isto prejudica
a objectividade de uma notícia.
Por isso, informamos com o máximo rigor.
Somos o Diário de Notícias.
O jornal de quem decide.

uem decide.

ANTENA/BBDO

Autarcas e ecologistas alimentam a esperança de demover o Governo da decisão de ampliar a área do Campo de Tiro de Alcochete

Contra o alargamento marchar, marchar

Luta e festa, festa e luta: assim foi a jornada de ontem contra o alargamento do Campo de Tito de Alcochete (CTA). Entre Montijo e Alcochete, durante duas horas e meia, um cordão humano traduziu o repúdio pela tentativa de alargar de dois mil para cerca de oito mil hectares o Campo de Tiro de Alcochete. A Espanha deu uma ajuda nesta manifestação: o alcaide de Anchuras, um agregado populacional do distrito de Ciudad Real, entre a Estremadura e Castela, participou na iniciativa.

O desfile realizou-se entre alas de atletas e de ranchos folclóricos, que marcaram encontro em S. Francisco, uma freguesia que dista quilómetro e meio da Câmara administrada por Miguel Boeiro e que se orgulha de acolher mais de oitenta espécies de aves migratórias na Reserva Natural do Estuário do Tejo, a maior parte delas proveniente do Norte da Europa, mas que integra também outras vindas do Norte de África. Essas aves espalham-se por ecossistemas riquíssimos, férteis, doravante ameaçados pela inquinação de águas (lençóis friáticos), com o desaparecimento da junção de águas doces e salgadas que originam os sedimentos indispensáveis ao plancton.

Governadora civil espreitou desfile

«Contra o alargamento do Campo de Tiro de Alcochete, marchar, marchar», foi uma das frases de ordem desta manifestação que reuniu alguns milhares de pessoas, apesar do mau tempo que inicialmente ameaçou o desfile. A ameaça de chuva não afastou os defensores do meio ambiente, que a nível associativo estiveram significativamente representados na jornada de ontem.

Não faltaram a Quercus, Liga Portuguesa da Natureza, e GEOTA, nem a UDP (MárioTomé e Carlos Marques), além do PSR, bem como o MDM. E sindicatos e organizações de moradores e outras associações do distrito de Setúbal estiveram também presentes, assim como muitas câmaras do Ribatejo, e com elas inúmeras juntas de freguesias desse extenso lençol bordando o Tejo, desde Alhandra a Pancas. Disso teve conhecimento a governadora civil do distrito de Setúbal, Irene Aleixo, cuja presença, pretensamente discreta, se tornou perceptível perto do Montijo, em viatura do próprio Governo Civil.

«Paz e solidariedade» foram outras das palavras de ordem que ecoaram no trajecto de cerce de cinco quilómetros entre Montijo e Alcochete, durante as duas horas e meia que durou o «cordão humano» que emoldurou e catalogou esta manifestação, em que tomaram parte os eurodeputados Maria Santos, de «Os Verdes», Carlos Carvalhas e Barros de Moura, da CDU, entre outros.

«Temos a opinião pública a nosso favor», disse o presidente da Câmara Municipal de Alcochete, como se isso fosse necessário para travar, como diz o ministro da Defesa, «um facto consumado e ireversível». Mas Miguel Boeiro sabe também, porque é autarca desde o 25 de Abril - muito antes de Fernando Nogueira pensar no Ministério da Defesa - que «há muito que se fala no alargamento e, até ao presente, ele ainda não foi feito», disse ao «DL».

Municípios e JSD estão contra

Entre as milhares de pessoas que caminharam empunhando cartazes onde se lia «De mãos dadas contra alargamento do Campo de Tiro de Alcochete» incluiam-se, como já se disse, dirigentes de vários partidos e deputados europeus. Mas outros que ali não estiveram, já se manifestaram contra a intenção governamental.

O presidente da Câmara Municipal de Benavente - António José Ganhão - revelou ao «DL» que, além da Associação Nacional de Municípios ter, em momento oportuno, aprovado por unanimidade uma moção contra o alargamento, também a JSD se manifestou nesse sentido, o que confere à jornada de ontem uma amplitude que não pode ser minimizada.

A nível do Executivo, os promotores da manifestação afirmam que há muito confusão e divisionismo, porque o Ministério da Defesa exprime uma opinião e o do Ambiente outra. Miguel Boeiro chamou a atenção, a propósito, para os pareceres que os directores do Ambiente expressaram acerca do alargamento, que contradizem rotunda e literalmente o que o Governo tem veiculado nas últimas horas.

«A conflitualidade perde sentido a favor da paz e da negociação», afirmaram os promotores deste desfile, tendo em conta a fase de desanuviamento e desarmamento em curso, aspecto aflorado pela eurodeputada Maria Santos numa reunião com os jornalistas, na Câmara Municipal de Alcochete.

«Nada é irreversível, pois a oponião pública está connosco», garantiu, ainda na mesma reunião com os jornalistas, o presidente da Câmara Municipal de Alcochete, cuja área será atingida pelo prologamento do campo. Com efeito, o polígono localiza-se, actualmente, nos concelhos de Benavente e Montijo, representados na manifestação pelo presidente António José Ganhão e a vereadora Jacinta Ricardo, respectivamente.

Oitenta espécies ameaçadas

Uma ameaça para as mais de oitenta espécies de aves migratórias que passam pela reserva natural do estuário do Tejo (num total que supera os cem mil exemplares), de que as colónias mais significativas são o alfaiate - emblema da própria reserva- e o flamingo -, foi como como Miguel Boeiro considerou a decisão do Governo em alargar de menos de dois mil para oito mil hectares o Campo de Tiro de Alcochete. Numa segunda fase, como todos dizem, o aumento atingirá os 20 mil hectares, pondo em causa a segurança de três milhões de pessoas.

Este ajuizamento contradiz o do ministro da Defesa, segundo o qual - ninguém percebe como - a operação visa ampliar a segurança das populações. Maria Lídia Angélica Reis, de 58 anos, na sua santa voz de moradora alcochetana alheia às grandes questões políticas e de suposta segurança europeia, disse ontem, ao «DL», durante o cortejo, que «estamos fartos de guerra». Com uma das filhas ao lado e a neta caminhando à frente, reivindicou «mais condições e emprego para todos nós, porque isto é tudo gente de trabalho que espera que haja mais fábricas aqui, pondo a política de lado», acrescentou. A Firestone, Alumínios e Orbis são alguns centros industriais de emprego na zona. Vinte quilómetros será, por outro lado, a distância a que o Campo de Tiro de Alcochete, alargado, ficará de Lisboa, se porventura algum dia - como Fernando Nogueira assegura - se estender a trinta e dois concelhos, num raio de 50 quilómetros que atingirão os distritos de Setúbal, Lisboa e Santarém. Para já, o projecto de tranporte europeu de gás (através da Setegás) parece estar em dúvida no seu trajecto por Alcochete, uma vez que - garantiram fontes autárquicas de Alcochete ao «DL» - não parecem dispostas a furar o subsolo do Campo de Tiro.

A participação de interesses militares estrangeiros no projecto de alargamento, sem qualquer interesse para «o carácter de importância para a defesa nacional», eis outro aspecto que os autarcas de Benavente, Alcochete, Montijo e Palmela, apoiados pelos do Seixal e Moita, denunciaram na manifestação de ontem.

O tipo de desenvolvimento que se pretende para Alcochete foi também questionado, assim como referido que devem ser as autarquias e as populações a definirem o tipo de crescimento que pretendem. «O PSD não entende o que são as populações e faz tudo ao seu arrepio», acusou Maria Santos, corroborada por Carlos Carvalhas e pelo presidente da Associação de Municípios do Distrito de Setúbal, Eufrásio Filipe.

Júlio Rodrigues

Eurico Vasconcelos

A população de S. Francisco veio para a rua, engrossando a coluna de manifestantes contra o alargamento do Campo de Tiro de Alcochete

Parlamento projectos de

A deputada de «Os Verdes» Maria Santos, do Grupo Parlamentar Europeu «Os Verdes», e os deputados comunistas Carlos Carvalhas e Barros de Moura, da Coligação da Esquerda Europeia, anunciaram ontem em Alcochete que apresentarão, ainda hoje, no Parlamento Europeu, um projecto de resolução sobre a tentativa de alargamento do Campo de Tiro de Alcochete.

Aqueles três eurodeputados adiantaram que pretendem assegurar o apoio de Espanha e de Itália para «exercer pressão sobre o Governo português» e «defender a Península Ibérica e o Sul da Europa» que, acrescentaram, «não pode continuar a ser o caixote do lixo da Europa».

Na circunstância, Barros de Moura salientou ser contraditória a posição do Ministério do Ambiente em relação à posição anteriormente assumida pela Secretaria de Estado do Ambiente, ao concordar (agora) com o alargamento do Campo de Tiro para oito mil hectares. O eurodeputado acusa o Governo de fazer uso deste Ministério «não para resolver os problemas reais» - de acordo com o nome do seu ministro -, mas para «fazer campanha eleitoral».

Ao desanuviamento e à dissolução dos blocos reportou-se este eurodeputado, como o fez também Maria Santos, que anunciou para Maio, em Estrasburgo, a tomada de uma decisão de fundo sobre a matéria, no quadro dos próprios interesses dos três países do Mediterrâneo e especificamente de Portugal, contra a proliferação de estruturas militares. Maria Santos acrescentou que «O Governo dá de mão beijada território nacional aos estrangeiros, mas nós aqui damos as mãos para marcar a vontade das populações. Hoje, aqui, as populações uniram-se para defender a verdadeira riqueza do País que é a da ecologia, a da cultura e a da solidariedade», afirmou ao «DL». Sobre o caso do alargamento do Campo de Tiro de Alcochete, Barros de Moura admitiu estarem em jogo interesses estrangeiros diversos, designadanente da RFA e da NATO, com «contrapartidas muito

Eurico Vasconcelos

A defesa da Reserva Natural do Estuário do Tejo, outra das preocupações de quem ontem se manifestou em Alcochete, está bem expressa neste cartaz

Europeu vai apreciar resolução

pequenas para Portugal».

Caso o alargamento vingue, menos casas serão construídas na área, o valor global do conjunto da sisa diminuirá drasticamente, o impasse industrial manter-se-á em qualquer dos quatro concelhos do perímetro bélico, nunca mais será encarada a tão ansiada marina de Alcochete que a Harris deixou entretanto cair da lista dos seus projectos imediatos. Adeus ao desenvolvimento industrial, dirão a Câmara e a população de Alcochete e mesmo a prevalência de Rio Frio para Aeroporto Internacional de Lisboa não será tão fácil como parece.

Rio Frio: aeroporto cada vez mais longe

Responsáveis da região receiam que o general Lemos Ferreira, indefectível defensor do alargamento do Campo de Tiro de Alcochete quando desempenhou as funções de chefe do Estado-Maior-General das Forças Armadas - EMGFA e agora presidente da ANA-Aeroportos e Navegação Aérea (entidade à qual cabe a superintendência dos aeroportos), não sinta qualquer inclinação por Rio Frio como local a escolher para futuro Aeroporto Internacional de Lisboa.

A própria referência circunstancial a Lemos Ferreira traz-nos à memória um artigo publicado no «Baluarte», revista do EMGFA, segundo o qual o campo não se destinaria própria e exclusivamente às Forças Armadas nacionais, pois que «as solicitações que têm vindo a ser efectuadas nos últimos tempos indiciam uma ocupação muito razoável no Campo de Tiro de Alcochete, pelo que os investimentos que venham a ser efectuados poderão ser recuperados a prazo, não só no plano nacional como em tremos internacionais».

Fernando Real alvo das maiores críticas

Um relatório militar a que em tempos tivemos acesso defende a necessidade de se dispor de trinta mil hectares para ensaios de munições de 120 milímetros. O documento foi fornecido pelo Ministério da Defesa ao do Ambiente e neste momento ambos os ministérios afirmam, em conjunto, «estar consumado e irreversível» o alargamento do Campo de Tiro de Alcochete.

Fernando Real é agora o principal alvo das críticas tecidas pela frente de autarcas que luta contra o alargamento do CTA, tudo indicando que, mesmo no seio do PSD esta medida venha a criar problemas, quando a ZLAN (Zona Livre da Ameaça Nuclear) se apresta para eleger seu líder Carlos Pinto, presidente da Câmara Municipal da Covilhã, recentemente eleito vice-presidente do Partido Social Democrata.

Para os referidos ensaios de munições de 120 mm o citado documento do Ministério da Defesa afirma ser necessário uma área com um comprimento mínimo de 30 quilómetros e 10 de largura, números que poderão aumentar para uma área total de 60 mil hectares se se vier a confirmar a aposta de Fernando Nogueira - herdada de Eurico de Melo - para ensaios simultâneos de morteiros de 150 BB com um ensaio de 55 mm 107.

J. R.

Alcaide de Anchuras ao «DL»:

«Os partidos são iguais em todo o lado»

O presidente da Câmara Municipal de Anchuras afirmou ao «DL» que «os partidos são iguais em todo o lado». Santiago Martin, 27 anos de idade, que veio daquele *ayuntamiento* (câmara municipal) das cercanias de Ciudad Real, entre Toledo e Talavera de la Reina - a caminho de Madrid - protestar contra a tentativa de instalação de um polígono militar na região, acusou os partidos políticos no poder de se comportarem, em questões desta natureza, «contra a voz das populações».

Em conversa travada, durante o trajecto, com o jornalista do «Diário de Lisboa», Santiago Martin, pelo que conhece da relação de forças partidárias em Portugal, disse que o que acontece entre nós é o mesmo que ocorre em Anchuras e na região de Castela-Badajoz-Estremadura: «O PSOE assume em Espanha a posição que aqui tem o PSD, isto é, de defesa do alargamento do polígono militar de Alcochete.

Como em Espanha, em Anchuras, quando o PSOE viu em 1979 que não podia alargar Cabañero, porque esta localidade se situava numa parque natural.»

Segundo Santiago Martin, a tarefa do PSOE no caso de Anchuras, não é fácil, embora os seus propósitos se reduzam, neste momento, a um mero projecto. «Mas contra isso e contra ele têm já tudo e todos, desde a população de Anchuras às de Ciudad Real, Talavera de la Reina e Toledo.»

Eleito por 5 300 votantes de Anchuras numa lista de independentes, Santiago Martin reconhece que sem a existência de partidos - da democracia - não seria neste momento alcaide, mas acusa o PSOE de cada vez menos representar os interesses e aspirações do povo espanhol, como «de resto os próprios resultados eleitorais - à semelhança do PSD em Portugal - o vêm demonstrando», sublinhou.

Na região de Alcochete consideram incompreensível que, num momento em que se procede ao arranque da elaboração do Plano Regional de Ordenamento do Território e está em curso a Operação Integrada de Desenvolvimento da Península de Setúbal, com acentuada participação financeira da CEE, se persista num projecto que inviabilizará todos os projectos e estudos feitos para a área, desde o Plano Integrado do Desenvolvimento do Distrito de Setúbal (PIDDS) à canalização de gás natural entre Braga e Setúbal.

J. R.

Seixal

com a população para defender Abril

Comemorações do 25 de Abril

destaques

TERÇA-FEIRA 21.30h

24

Grande Festa Popular
No Largo 1.º de Maio - Seixal

- **Arraial Popular**
- **Espectáculo Musical com "Maio Moço" e Dany Silva**
- **Alocução do Presidente da Câmara**
- **Fogo de Artifício na baía**

25

10.00h **Saudação ao Poder Local Democrático pelas Bandas Filarmónicas**

11.00h **Ampliação da Creche e J. Infância dos S. Sociais dos Trab. Autarquias** *Inauguração*

12.00h **Sede do Centro de Dia da A.U.R.P.I. de Amora** *Lançamento da 1.ª Pedra*

12.30h **Almoço - Convívio entre eleitos do poder local e trabalhadores das autarquias** *organizado pelos Serviços Sociais*

15.30h **Loja Municipal - Espaço Jovem no Centro Comercial d'Amora** *Inauguração*

Mais de 300 iniciativas nas cinco freguesias do Concelho

COMISSÃO COORDENADORA DAS COMEMORAÇÕES DO 25 DE ABRIL NO MUNICÍPIO DO SEIXAL

Aniversário do «DL»

Foram muitos os leitores e amigos do «Diário de Lisboa» que nos telefonaram ou escreveram a propósito do aniversário do nosso jornal, bem como os colegas de Imprensa, Rádio e Televisão que se referiram à passagem da data, o que agradecemos.

De entre as individualidades que nos enviaram felicitações, registamos os nomes de: general Amílcar Morgado, general Hugo dos Santos, José Pedro Caldeira Pires, José Andrade, Rui Andrade, Alexandre Cordeiro, Manuel Ramalho, Carlos Plantier, António Castro Pina, Relações Públicas da Guarda Nacional Repúblicana, Comando Geral da Polícia de Segurança Pública, TAP-Air Portugal, Câmara de Comércio da Argentina em Portugal, Companhia Portuguesa de Rádio Marconi, Inválidos do Comércio, Parodiantes de Lisboa, Sonae Investimentos, Petrogal, Lusogal, Varig, Imprinter-Impressores Internacionais, Consultores de Comunicação Lda, Organizações Hoteleiras Fernando Barata e Delta. Enviou-nos ainda felicitações Vitor Silva, um antigo trabalhador reformado desta casa.

Vias diversificadas para comunicadores

Para assinalar o seu 10º aniversário, o Departamento de Comunicação Social (DCS), da Universidade Nova de Lisboa, tem vindo a realizar diversas actividades durante este ano lectivo, algumas das quais dizem respeito à própria formação dos futuros comunicadores. Assim, entrou em funcionamento a última fase da reforma curricular que veio introduzir maior diversificação nos vários ramos de especialização. São eles: jornalismo, audiovisual e científico.

Por outro lado, este departamento está também a preparar uma reforma do Mestrado em Comunicação Social que irá proporcionar a este grau de pós-graduação uma maior diversidade nos temas a estudar e uma outra maleabilidade na organização curricular.

Por último, no âmbito do Programa Erasmus, o DCS tem estabelecido colaboração com instituições suas congéneres em outros países comunitários ao abrigo da qual a troca tanto de estudantes como de docentes começa a ser intensa.

Apesar do desemprego não atingir níveis preocupantes, há fenómenos novos, como o da ausência crescente de vínculo contratual, que vão ser analisados hoje, em assembleia geral do Sindicato

Sindicalização de jornalistas atinge taxa de 89 por cento

Os jornalistas reúnem-se hoje em assembleia geral para fazerem o balanço da actividade do seu sector profissional, durante o ano passado. A discussão far-se-á em torno do relatório do primeiro ano de mandato da actual direcção do Sindicato, sabendo-se já que, em 1989, receberam a carteira profissional 232 novos jornalistas, elevando os efectivos da classe para 1.938 indivíduos.

Apenas 224, entre esses quase dois milhares de jornalistas profissionais, não se encontravam sindicalizados, no final de Dezembro, o que significa manter-se uma altíssima taxa de sindicalização (89 por cento), na linha das tradições dos jornalistas portugueses. No ano anterior, o universo profissional abrangia 1.706 elementos, dos quais 1.523 eram sindicalizados, segundo dados extraídos do relatório da direcção presidida por João Mesquita.

O relatório acentua o acréscimo substancial da actividade sindical e dos problemas judiciais no sector, em função do encerramento de vários jornais, o que justificou o reforço do Gabinete Jurídico do Sindicato e a criação de um Grupo de Estudos, constituído por dois sociólogos, que está a preparar o inquérito geral à classe e um estudo sobre o estado da Comunicação Social em Portugal.

Euforia do sector já se esvaziou

A perspectiva de expansão e de uma certa euforia no sector da Comunicação Social, vivida no primeiro semestre do ano passado, já se diluiu, acentua o relatório do Sindicato dos Jornalistas, tendo entretanto encerrado o «Europeu», «O Século» — em várias das suas versões — a «Face», o «Notícias de Primeira Página», o «Semanário Desportivo» e o «Liberal».

A maior parte dos jornalistas despedidos pelo encerramento dos referidos jornais foi absorvida pelo mercado, mas continua no desemprego um número indeterminado de profissionais que a direcção do Sindicato calcula situar-se entre as duas e as três dezenas. Engrossaram, entretanto, as hostes dos jornalistas pagos à peça ou por avença, sendo esse facto flagrante entre os mais recentemente chegados à profissão e, com particular gravidade, na televisão. Também nas rádios locais — mais de trezentas por todo o País e consideradas como o fenómeno mais inovador na Comunicação Social, em 1989 — predomina a inexistência de vínculos contratuais com as empresas, bem como o trabalho a tempo parcial ou até não remunerado.

Bloqueios sistemáticos à contratação colectiva

A Direcção do Sindicato reconhece ter-se defrontado com «bloqueios sistemáticos por parte das associações patronais», no processo de contratação colectiva, e admite passar a negociar acordos empresa a empresa.

Já foi celebrado um com a RTP — encontra-se em fase de redacção final — e existem «razoáveis perspectivas de o mesmo vir a acontecer com a Lusa, a RDP e a Rádio Renascença», segundo se diz no relatório.

O Sindicato está de momento a avançar na constituição de um Fundo Complementar de Reformas dos Jornalistas, em colaboração com a Caixa de Previdência, e participa na tentativa de formação de uma federação europeia de sindicatos de jornalistas justificada pelos acontecimentos no Leste. Brevemente, em Málaga, vão reunir-se representantes de 34 sindicatos europeus para uma primeira avaliação conjunta da nova situação.

SÁBADO 21/04/90
17.30 H — CONCERTO CINE-TEATRO ODEMIRENSE
ACADEMIA AMADORES DE MÚSICA
21.30 H — CONCERTO CINE-TEATRO ODEMIRENSE
PAULO DE CARVALHO

DOMINGO 22/04/90
20.30 H — MÚSICA AFRICANA PALCO N.º 1
BONGA

SEGUNDA-FEIRA 23/04/90
21.30 H — CONCERTO CINE-TEATRO ODEMIRENSE
CARLOS PAREDES
JÚLIO PEREIRA

TERÇA-FEIRA 24/04/90
20.30 H— CONCERTO PALCO N.º 1
IBÉRIA
PEDRO BARROSO COM A SUA BANDA
RÁDIO MACAU
00.30 H — FESTIVAL PIROTÉCNICO

QUARTA-FEIRA 25/04/90
14.00 H — FESTIVAL FOLCLÓRICO PALCO N.º 2
GRUPO CORAL DE SABÓIA
G. CORAL OS CUBENSES-AMIGOS DO CANTE
RANCHO FOLCLÓRICO DO CALVÁRIO
RANCHO FOLCLÓRICO VALE DE FIGUEIRA
RANCHO FOLCLÓRICO CASA DO POVO DA BARBEITA-MONÇÃO (MINHO)
GRUPO FOLCLÓRICO DR. GONÇALO SAMPAIO BRAGA (MINHO)

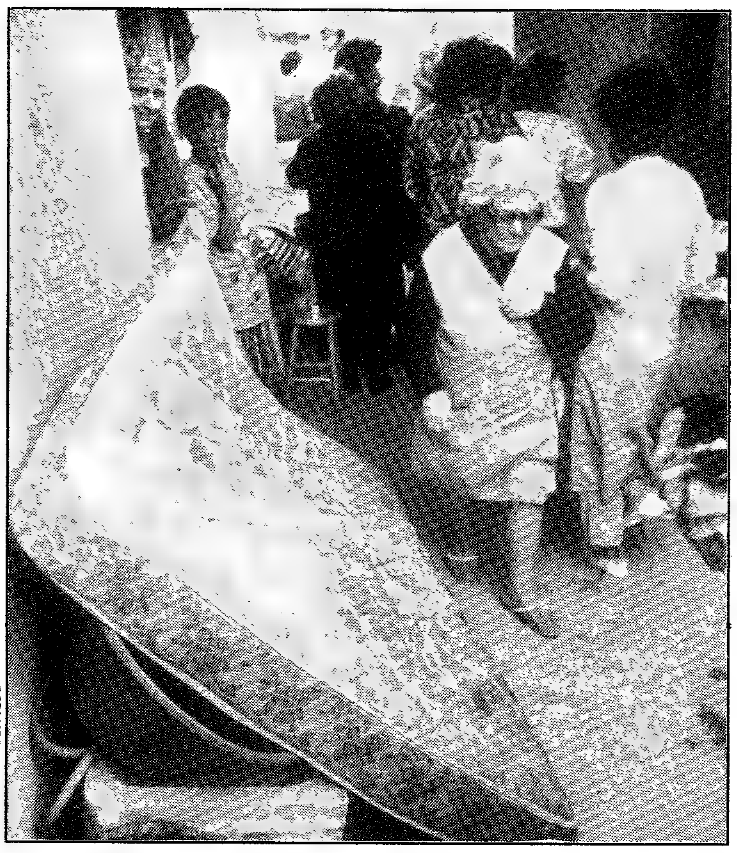
19.00 H— CONCERTO PALCO N.º 1
SÉTIMA LEGIÃO
TROVANTE

Na sequência de uma rusga de grandes proporções efectuada pela PSP na Curraleira, foram apreendidos droga, armamento, dinheiro e outros valores. O bairro ficou em polvorosa

Peixe miúdo não é tubarão

Durante a tarde da passada sexta-feira a Polícia de Segurança Pública passou a *pente fino* o bairro da Curraleira. O objectivo desta rusga era a detenção de *passadores* de estupefacientes que já vinham sendo alvo de investigação por parte da Brigada Especial da 2ª Divisão da PSP de Lisboa. Sendo os seus efectivos insuficientes, a Brigada recorreu ao apoio do Corpo de Intervenção, envolvendo nesta acção cerca de 90 elementos dos dois ramos da PSP.

O responsável pela operação confirmou a prisão de doze civis, na sua maioria do sexo feminino, de idades compreendidas entre os 60 e 20 anos, posteriormente entregues ao Juíz de Instrução Criminal. Dez dos indivíduos foram detidos por posse de droga, e os restantes por recepção de valores e tentativa de fuga com utilização de arma de fogo. Foram apreendidos 64 gramas de heroína, 50 de coca e 400 de um produto não identificado, bem como armamento e munições de vários calibres, mil contos em dinheiro e 4000 em valores (jóias, electrodomésticos, etc.).



Eurico Vasconcelos

Curraleira: um bairro apavorado

Um bairro em pé de guerra

Quando a reportagem do DL chegou ao bairro da Curraleira já a rusga tinha chegado ao fim, tendo encontrado no local somente dois elementos do Corpo de Intervenção da PSP, identificando, à entrada do bairro, todos os que por si passavam. Mas no seu interior a aparente calma reinante revelou-se inexistente. Na zona onde se efectuou a revista às habitações e se realizaram, nalguns casos, detenções, o ambiente era de grande exaltação.

Num bairro degradado, como este, em que as casas se encavalitam umas sobre as outras, não há lugar para a intimidade, todos se conhecem. Entre os seus moradores existem os habituais e consequentes conflitos de uma pequena comunidade com estas características. Dada a parca situação económica em que vivem, alguns dos seus membros optam por formas ilegais de sobrevivência e o índice de criminalidade nos chamados *bairros de lata* é elevado.

Quem tem uma vida regular não quer ser confundido e, muito menos, ter problemas com a polícia, o que faz com que por vezes seja o denunciante do seu próprio vizinho. Após a retirada das forças policiais, seguiu-se a perseguição aos *bufos* com alguns recontros físicos, o que levou o piquete da PSP a regressar à Curraleira para apartar os grupos em confronto.

Réus ou vítimas?

Depois das buscas o aspecto do bairro era catastrófico. À porta de algumas casas viam-se amontoados colchões, roupas e demais haveres dos moradores retirados pela PSP para uma melhor vistoria. O nervosismo era grande, e as reacções à presença dos repórteres do DL foram de dois tipos: o insulto à Comunicação Social que deveria estar presente e fotografar a acção da forças policiais e o apresentar de um rol de queixas.

«A polícia entrou por aqui dentro com uma violência que não se pode admitir. Até tiros para o ar dispararam» - dizia-nos uma mulher visivelmente apavorada. Uma outra convidou-nos a fotografar a sua mãe, uma anciã doente, afirmando ter sido vítima de agressão física por parte da polícia. De agressões físicas muitos outros se queixaram, mas o comandante da operação nega as acusações de que os seus homens são alvo. Um morador manifestou a sua indignação: «Devia ter visto, tiveram durante quase três horas um homem ajoelhado com as mãos algemadas atrás das costas. Ora, se estava preso, pura e simplesmente, deviam tê-lo metido no carro, e não o obrigar a esta humilhação e situação pouco humanas.»

Os que não tinham nada a ver com as actividades dos detidos sentiam-se revoltados com a violência da rusga, e, nalguns casos com lágrimas nos olhos, diziam: «Se já sabiam quem vinham buscar porquê sujeitar-nos a todos a esta violência?»

A operação foi considerada pelos seus responsáveis como normal, pacífica (tanto quanto uma acção deste tipo pode ser) e um sucesso.

De que foi bem sucedida não sobram dúvidas. Resta é saber até que ponto operações deste tipo, sobre os *passadores* de estupefacientes, causam dano às *negociatas* dos grandes traficantes? E se para a sua realização têm que pagar alguns justos pelos pecadores?

Maria José Belo Marques

BREVES

Um morto e quatro feridos em acidente de viação

O condutor de uma viatura ligeira de passageiros morreu esta manhã na auto-estrada do Norte, próximo do nó rodoviário de Espinho, quando a sua viatura se despistou e embateu de frente noutro automóvel que seguia em sentido contrário. O despiste do veículo, com a matricula NO-21-43, terá ficado a dever-se a adormecimento do condutor, a vítima fatal, Horácio Valente Fernandes, de 32 anos. Do sinistro, ocorrido às 6.15 horas, resultaram ainda três feridos graves que foram internados no Hospital de Gaia, situado a poucas centenas de metros. Entretanto e no período de 24 horas que findou ao meio-dia de ontem, os serviços de trânsito da GNR e PSP registaram 184 acidentes de viação de que resultaram nove mortes e 119 feridos dos quais 21 em estado grave.

Bomba destrói habitação em S. Pedro do Sul

Um engenho explosivo de grande potência deflagrou ontem de madrugada, pelas três horas, na aldeia do Sul, freguesia de S. Pedro do Sul, Viseu, causando grandes estragos numa habitação e danificando outras situadas próximas. No entanto, o casal residente saiu ileso do atentado criminoso, devido à forte estrutura da casa. Os locatários, Maria Deoleta de Almeida, de 74 anos e o marido, José Ridrigues de Almeida, de 70, antigos emigrantes em França, dizem não compreender as razões do atentado nem suspeitarem de quem possa ser o autor.

Arrastões libertados na Guiné-Conakry

Os arrastões portugueses apresados pela Guiné-Conakry a 7 de Abril foram libertados no sábado ao princípio da tarde. O comandante do «Frapec», Vitor Almeida disse que o seu barco e o «Sandro Cunha» se dirigem agora para a Serra Leoa, onde continuarão a pescar até Dezembro, se não houver novas instruções. A faina decorrerá nas zonas central e sul das águas da Serra Leoa, «muito longe das águas territoriais da Guiné-Conacry».

Associação Cultural de Artesanato

A Associação Cultural de Artesanato Urbano manifestou, ao DL, o protesto pela forma como os seus associados foram designados na notícia publicada na edição de 19 de Abril, referente às transformações previstas para a Rua Augusta. Utilizou-se a expressão «vendedores ambulantes» para designar os artesãos, o que, naturalmente, os indignou. Gostaríamos de deixar expresso que não houve qualquer intenção de caluniar ou desprestigiar esses trabalhadores, embora, muitas vezes, o desordenamento da actividade comercial naquela zona - a que agora se quer felizmente pôr côbro - suscite algumas dúvidas sobre onde começa e acaba a actividade de cada um.

P. A.

Julgamento de autarca adiado para Outubro

O tribunal de Celorico da Beira adiou para o dia 30 de Outubro a repetição do julgamento do presidente sa Câmara local, Faria de Almeida, marcada inicialmente para hoje, alegando «falta de testemunhas». Esta repetição, agora adiada, deve-se ao facto de a relação de Coimbra ter anulado o primeiro julgamento, realizado há cerca de três anos.

O processo resulta de uma sindicância efectuada à gestão da autarquia celoricense pela Inspecção Geral da Administração Interna, em que foram detactadas alegadas irregularidades.

O tribunal da relação anulou o julgamento por acordão de 8 de Fevereiro do ano passado, considerando que «houve deficiente quesitação em relação ao quesito oitavo do processo», propondo, neste domínio, a introdução de mais duas alíneas.

Trata-se de matéria respeitante à então vereadora da Câmara de Celorico, Clara Almeida, sobre a utilização de bens da autarquia para rpoveito próprio.

A relação preconiza que o referido quesito seja apresentado sob a forma de «dolo necessário ou dolo eventual».O processo envolve nove réus, entre os actuais e os ex-autarcas, funcionários municipais e empresários, e compreende 72 quesitos.A pronúncia judicial contra os réus refere-se à utilização de viaturas da Câmara para fins pessoais, falsificação de documentos e peculato, entre outras imputações.

Projectos de expansão na Galiza

Portugueses e espanhóis contestam celuloses

Várias organizações ecologistas espanholas e portuguesas pronunciaram-se, ontem, contra os projectos de expansão de três empresas de celulose na Galiza. Os projectos coincidiram com o «Dia da Terra» que se comemorou em todo o Mundo.

Os ecologistas subscreveram um comunicado promovido pela Associação para a Defesa da Galiza, onde pedem que o governo recuse os subsídios, a fundo perdido, pedidos pelos grupos industriais para expansão das empresas de celulose.

Os grupos ecologistas, entre os quais a organização portuguesa, «Amigos da Terra», consideram que os projectos tem um custo para o erário público que ronda os 150 milhões de contos e são prejudiciais para os bosques da região.

As empresas relacionadas com estes projectos são a «Eurogaliza Florestal», que pertence à multinacional alemã-federal «Feldmuhle», a «Papelga», filial do grupo finlandês «Tampella», e a «Ence», espanhola.

As duas primeiras querem instalar-se nas localidades de Las Pontes e Narron Produtoras de Celulose e uma fábrica de papel. A «Ence», sediada em Lourizan, Pontevedra, quer investir 117 milhões de dólares (cerca de 18 milhões de contos) em equipamento de protecção ambiental nas suas actuais instalações, medida considerada insuficiente pelas associações ecologistas galegas, que continuam a ver empresa como «altamente contaminante».

Os ecologistas também pediram às entidades oficiais para decretar medidas de protecção aos bosques e para alterar a política florestal em vigor, por forma a paralisar o monocultivo do eucalipto e permitir a plantação de novas espécies.

O Mundo não ficou indiferente

Entretanto, o «Dia da Terra» foi comemorado em todo o mundo com diferentes iniciativas. A mais significativa terá sido a do Papa João Paulo II que no decurso da sua visita à Checoslováquia, plantou uma tília, árvore a que os eslavos atribuem especial significado.

A data foi assinalada em mais de 130 países de todos os continentes.

A posição expressa pela organização ecologista norte-americana «Worldwatch» acaba por obter o *consenso* das suas congéneres estrangeiras.

Os seus responsáveis afirmam que «a diferença entre o que se deve fazer e o que se fez pelo meio ambiente cresceu dramaticamente nos últimos vinte anos».

Os mass media nos países em guerra/1

Salvador : 15 minutos de verdac

O telejornal do Canal 12 explica às pessoas onde há tiros, fala dos religiosos O director Castillo Hernandez diz: «Tendo visto o nosso êxito, o Governo foi obrig

SALVADOR - A cidade é sombria apesar de terem levantado o recolher obrigatório. Saltou um poste. A guerrilha está a atacar algures debaixo do vulcão. «Desde manhã que se ouvem tiros», conta o amigo que me faz atravessar os 40 quilómetros entre o aeroporto e a cidade. «Olha...». A mão aponta para um canto do pára-brisas. Lá ao fundo um clarão ilumina o céu: parece uma festa . Os helicópteros sobrevoam as barracas da periferia . No céu cruzam-se tiros. Mas é uma guerra contra o vento. Não nos chega o ruído; a «festa» permanece muda e longínqua, como dentro de um aquário.

É melhor ligar a rádio e correr, pensando noutras coisas, na «toca» do hotel de sempre, acampamento de jornalistas, câmaras , um turismo especializado em lugares como Salvador. A emissora é Rádio Cadena, a mais importante. Uma guitarra chorosa apaga-se lentamente. «Agora a publicidade e depois falaremos de desporto», diz a voz do locutor .Uma rapariga anuncia ter encontrado o *champoo* da felicidade. Um banco oferece empréstimos. Uma mãe está feliz com a brancura da roupa lavada.

Aqui está o último *spot*. Nunca ouvi nada de parecido na salada dos anúncios publicitários.

«Atenção, a Cruz Vermelha não transporta armas, nem rebeldes: só feridos». Primeira voz : « Pode-se mandar parar uma maca da Cruz Vermelha?». Segunda voz : « Pode-se, para controlar os documentos de quem é transportado». Primeira voz:« A Cruz Vermelha já alguma vez transportou armas?» Segunda voz: « A Cruz Vermelha apenas transporta feridos civis e militares. Não olha a fardas, acode ao sofrimento. Por favor deixem-nos passar. Não disparem sobre aqueles que cumprem um gesto de humanidade...».

«Finalmente o grande *baseball*, novidades sensacionais do campeonato americano ...». O locutor persegue a felicidade das notícias que está quase a revelar ao seu público ávido. «Os militares atingiram mesmo as ambulâncias?». «Acontece de tudo, mas é difícil sabê-lo ...». Narciso Castillo Hernandez é o director de «Al Dia», telejornal do Canal 12. Uma hora , todas as noites, há seis anos. Nessa altura, as informações dos outros canais eram comunicadas à Imprensa, complacentes, nem sequer disfarçadas de notícia. «A secretaria da presidência informa...» Nada de política internacional . Poucos minutos entre um espectáculo e o filme da noite. A multidão dos que vinham narrar os acontecimentos do Salvador não perdia tempo a ver televisão. Dessa multidão fazia parte Castillo Hernandez: a sua história atravessa muitas histórias da América Latina. Tem 34 anos e é chileno; sai de uma escola de jornalismo da Universidade de Santiago, de Pinochet. Uma escola esquisita: ensinavam-lhe a respeitar a verdade , mas com atenção e esperteza. Dizer e não dizer, os militares olham-te. A primeira rádio onde trabalha foi encerrada por «subversão». A rádio da Igreja tem as costas mais robustas, e é essa a sua verdadeira escola. «Provava a embriaguêz de forçar a alusão até roçar a verdade. Quando fugi para a Venezuela, ria a pensar no meu primeiro 'heroísmo' . Mas toda a realidade tem as suas regras, e as regras chilenas, que de alguma maneira tinha tentado aldrabar, no fim obrigaram-me a ter que mudar de ares ...».

Um telejornal como deve ser

Chega a Salvador como enviado de uma televisão venezuelana. É apenas um repórter estrangeiro , mas um estrangeiro que sabe o que quer dizer opressão. Conhece a dureza deste tipo de militares. Encontra um estranho empresário de televisão. Jorge Zedan é salvadorenho com raízes libanesas. O dinheiro vem das lojas de relógios e da propriedade dos cemitérios privados: parece uma profissão estranha, mas rende bem. Comprou um canal de televisão, o Canal 12. Mas a concorrência é forte. Não vinga, não tem publicidade. Como voltar a lançá-lo? «Fazendo um telejornal como deve ser» - diz, quase a brincar, Hernandez Castillo , uma noite, no jardim do hotel de sempre. Passados dois dias Zeldan vai visitá-lo. «Far-me-ias esse telejornal?». O exilado chileno, entorpecido pela liberdade de Caracas, deixa-se tentar pela emoção de contar tudo, mas tudo mesmo, num lugar onde os militares do major D'Aubuisson fazem desaparecer as pessoas.

Para os poderosos de Salvador a primeira edição de «Al Dia» é um murro na cara. Ouvem, na televisão as coisas que ninguém tem coragem de murmurar nem nas suas salas de espera. Pedem ao presidente para calar essa voz «desafinada».

O presidente é Napoleón Duarte: vive a sua ambiguidade democrática, ainda não se afogou nos roubos dos bilhões destinados às vítimas do terramoto. Talvez peça conselhos aos democratas-cristãos venezuelanos. Resiste, o telejornal vai avante. Às famílias da burguesia «compradora» não resta, senão, uma cartada: cortar a publicidade. Canal 12 não tem um único *spot*; em compensação , regularmente às 9 , todo o País procura sintonizá-lo nas televisões.

Canal 12 não polemiza, põe frente a frente os líderes políticos da guerrilha na Cidade do México e no Panamá. Um escândalo. Mostra as suas caras depois da cara do general Casanova ou do presidente Duarte. Os outros canais ficam contaminados. Enquanto os dois maiores jornais («La Prensa» e sobretudo «El Diario de Hoy») continuam a ser a expressão da oligarquia esquadrista (ou seja apoiante dos esquadrões da morte), todas as televisões mudam.

Um só dono: o público

Depois, em Novembro, rebenta a guerra. Quando as milícias da Frente de Libertação entram na cidade , à ordem do presidente Cristiani, o presidente da direita dura, é no sentido de uniformizar as informações de todos os canais num só noticiário, organizado pelas forças armadas. Lembra Castillo Hernandez: «Agarramo-nos à pouca cultura do governo . Quer a censura mas não tem ideias claras sobre o que se deve e não deve dizer. Continuamos a trabalhar à nossa maneira apesar dos militares que controlam a câmara. Apenas quinze minutos por noite ; mas durante esses minutos explicamos às pessoas onde há tiros, o que acontece. O telejornal oficial não o diz . Falamos dos jesuítas mortos e de quem os teria assassinado. Naturalmente não é fácil . O governo pressiona : vocês têm que estar seguros à trela das forças armadas. Procuro explicar que é perigoso esconder as notícias. As pessoas querem saber. Mais tarde, quando descobrirem a verdade, a raiva será mais forte. Entretenho-os com estes jogos, mas não os convenço. No dia 20 de Novembro chega a ordem : o noticiário é o que é imposto pelo Estado-Maior. A aventura parece ter chegado ao fim. Decidimos fechar e informar as pessoas da razão por que fechamos.

« Durante anos tivemos um só dono: o público . Esta lealdade já não é possível.

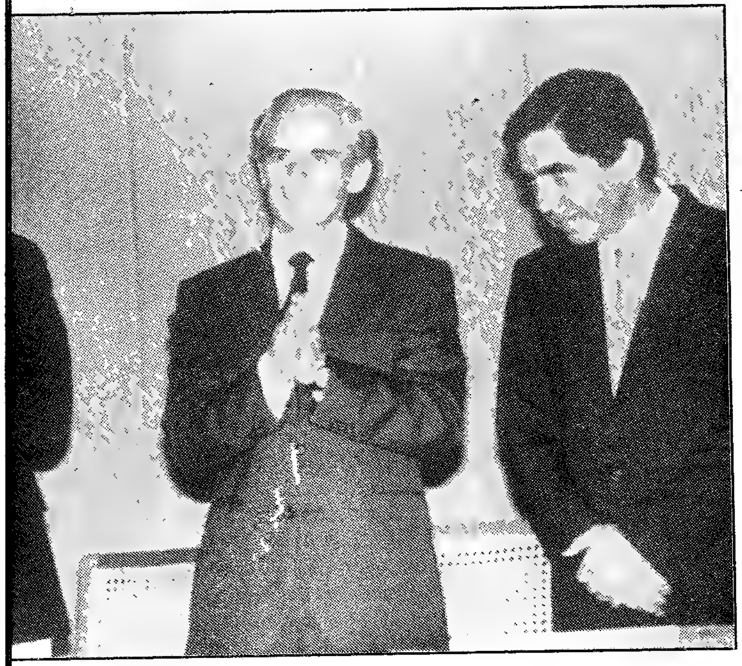
Um soldado regular salvadorenho, a coberto dos carros da imprensa, lança-se ao ataque das forças guerrilheiras

Alfredo Cristiani, o pre tendo à sua direita Ignacio El um dos cinco sacerdotes ass o p

A.M.A. ®
Auto Monumental do Areeiro S.A.
VW Audi
CONCESSIONÁRIOS
AUTOMÓVEIS • FURGONETAS • PEÇAS • SERVIÇOS • OFICINA
Av. Padre Manuel da Nóbrega, 8 — Telef. 894185/6/7/8 — Telex 63 403 AMACAR — 1000 LISBOA

ade na TV

iosos assasinados.
brigado a fechar os olhos»



ani, o presidente «duro» de San Salvador (ao centro),
gnacio Ellacuria, reitor da Universidade da América Central,
lotes assassinados pelas suas tropas.À direita, Oscar Arias,
o presidente da Costa Rica

e , a
Cris-
reita
uni-
s de
noti-
pelas
mbra
gar-
ra do
nsura
laras
não
nos a
neira
que
penas
oite ,
nutos
onde
ce. O
diz .
nortos
a as-
mente
pres-
estar
forças
plicar
ier as
uerem
uando
de, a
Entre-
jogos,
No dia
ega a
que é
Maior.
e ter
dimos
essoas
amos.
os um
a leal-
ssível.

Acreditamos que a verdade é o único meio concedido aos salvadorenhos de encontrarem a paz estável. Sem verdade, não haverá paz ...» Parece o fim feliz de um filme de Hollywood. Acontece o milagre. O discurso impressiona, não só as pessoas, mas também o poder. O chefe do Estado Maior, coronel Ponce, manda chamar Castillo Hernandez. É o líder dos duros; tirou o carisma a D'Aubuisson, mas é também um político esperto. Adivinhe o que acontecerá se o canal for fechado e o discurso fizer ricochete nos Estados Unidos.

«Recomecem». «Eu garanto que as Forças Armadas não vos criarão problemas. Peço compreensão pelo momento que estamos a atravessar ...». Cada partido repete o mesmo discurso . Apenas a direita de Arena permanece silenciosa. Mas Cristiani manda o cunhado ao canal 12 : «O Governo quer que o telejornal continue.»

Esta é a história de um grupo de jornalistas que, por enquanto, impôs uma informação honesta no Salvador. A história é ainda difícil. O estado de sítio impõe, apenas, notícias oficiais: nenhuma concessão aos sindicatos, aos organismos que defendem os direitos humanos, à associação das mães dos desaparecidos. Não se pode discutir a imagem das Forças Armadas. «Mas cada dia reconquistamos um espaço mais largo ...». Agora falamos à frente dos monitores da câmara. Esta noite, Castillo Hernandez decidiu divulgar a denúncia saída de um campo de refugiados de São Vicente: acusam a aviação de ter bombardeado as suas barracas, matando cinco pessoas, quatro eram crianças. A aviação desmente com a resposta de sempre, «foi obra da guerrilha». Mas responde mal e rangendo os dentes. Não gosta do explodir da notícia no *ecrã*.

Desafiando as proibições

Como vive um jornalista que conta aquilo que acontece no Salvador? «Vive usando uma liberdade aceitável, não a ideal. Por exemplo: não podem ordenar a um redactor que aprofunde a notícia para perceber quem tem razão entre os refugiados e o exército . É como se lhe ordenassem que se ponha no centro de um alvo. Não podemos, enfim , indagar as bases de toda a realidade. Desafiando as proibições, pomos frente a frente todas as vozes, aquelas também que não são apreciadas. É a última fronteira: não podemos ir além dessa margem .» O Canal 12 é fechado como um *bunker*. O porteiro espia a chegada dos visitantes pela ranhura de um vidro fosco à prova de bala.

«Como protege a sua vida familiar?.» Castillo Hernandez desata a rir. «Não a protejo. Tenho uma menina, está quase a nascer um menino. Comportamo-nos como se nada estivesse a acontecer. Nenhuma precaução, nenhum guarda-costas. Seria inútil. No Salvador, quando se tem vontade de eliminar alguém, consegue-se sempre.»

Maurizio Chierici
Corriere della Sera/ «DL»
Tradução de
Alessandra Balsamo

INA

TRIBUNAL DO TRABALHO DE LISBOA
5.º JUÍZO
ANÚNCIO

FAZ-SE SABER que pela Segunda Secção do Quinto Juízo do Tribunal do Trabalho de Lisboa, correm seus termos uns autos de Acção emergente de contrato individual de trabalho, com processo sumário, registados sob o n.º 231/89, em que é Autor JORGE VALENTE MARQUES, residente em Outeiro da Vela — Bloco O, n.º 14, 3.º andar — 2750 CASCAIS e Ré — «GREMETAL» — MONTAGENS INDUSTRIAIS, SA, com última sede conhecida na Rua Centro Cultural, n.º 12 — Lisboa, e neles correm éditos de 90 dias (NOVENTA DIAS) citando a Ré acima identificada para, no prazo de, 8 dias (OITO DIAS), contados a partir da segunda e última publicação deste anúncio, contestar a referida acção, sob pena de, não o fazendo, ser condenada imediatamente no pedido. Devendo, ainda contestar, querendo, o pedido do apoio judiciário formulado pelo Autor.

O pedido do Autor é do montante de Esc. 468 887$00, e refere-se a subsídio de férias, subsídios de Natal, alimentação, de transportes e salários em atraso, à referida importância acrescem juros de mora desde a citação até integral pagamento.

O duplicado da petição inicial encontra-se à disposição da citanda, na Secção acima indicada.

Passou-se o presente e outro de igual teor, a fim de serem legalmente publicados.

Lisboa, 6 de Abril de 1990.

O Juiz de Direito,
Paulo Gaspar de Almeida
A Escrivã-Adjunta,
Maria de Fátima Coelho Ferreira Peixoto

«DL» — 1.ª Pub. 23/4/90

TRIBUNAL DE CONTAS
DIRECÇÃO-GERAL
ANÚNCIO
CONCURSO PÚBLICO
N.º 3 — VIAT./90
AQUISIÇÃO DE CINCO VEÍCULOS

1 — Faz-se público que se encontra aberto concurso para aquisição de cinco veículos (Um de representação, três mistos e um furgão).

2 — O processo de concurso encontra-se patente para consulta de Segunda a Sexta-feira entre as 09h00 e as 12h00 e das 14h00 às 17h30, nas instalações do TRIBUNAL DE CONTAS, na Avenida da República, n.º 65, Piso Intermédio, Sala 11, onde poderão ser adquiridas cópias do CADERNO DE ENCARGOS, e serem prestados todos os esclarecimentos necessários (TELEFONE: 793 50 71).

3 — As propostas terão de dar entrada na morada acima indicada até às 17h30 do dia 16 de Maio de 1990.

4 — Se as propostas forem enviadas pelo correio, devem ser enviadas para TRIBUNAL DE CONTAS, Avenida Barbosa du Bocage, n.º 61 — 1094 LISBOA CODEX.
Caso a proposta entre fora do prazo, não será considerada, sendo, o atraso da responsabilidade do concorrente.

5 — O Acto Público terá lugar na sede do TRIBUNAL DE CONTAS, e realizar-se-á pelas 10h00 no dia 17 de Maio de 1990.

Direcção-Geral do Tribunal de Contas, em 1990 ABRIL 03.

O DIRECTOR-GERAL
Ernesto Luís Rosa Laurentino da Cunha

15.º JUÍZO CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA
ANÚNCIO

Pela 2.ª Secção deste Juízo, sob o n.º 6258/C, correm termos os autos de Execução de Sentença movida por José da Conceição Carvalho, divorciado, morador na Av.ª General Humberto Delgdo, n.º 5-11.º letra F., na Costa de Caparica, contra **EUGÉNIO DA SILVA COVANEIRO,** ausente em parte incerta e com última morada conhecida na Rua Visconde de Seabra, n.º 22, c/v, nesta cidade e contra **LUCINDA PINHEIRO MACHADO,** também ausente em parte incerta e com última morada conhecida na Rua 3, n.º 3, Bairro da Calçada dos Mestres, também nesta cidade, — e nos mesmos autos correm éditos de TRINTA DIAS, a contar da segunda publicação do presente anúncio, citando aqueles executados para, no prazo de DEZ DIAS, posterior ao dos éditos, pagarem ao exequente a quantia de 1 500 000$00, deduzirem oposição à execução ou nomearem à penhora bens suficientes para tal pagamento e se o não fizerem será devolvido ao exequente o direito de tal nomeação.

Lisboa, 6 de Abril de 1990.

O Juiz de Direito,
Flávio do Cazal
O Escrivão de Direito,
Martinho Delca

«DL» 1.ª Pub 23/4/90

O saldo do mês de Janeiro de 1990 é inferior em quatro por cento em relação a 1989

Maquinaria importada pesa negativamente na balança comercial

As contas do comércio externo português foram influenciadas negativamente pela importação de máquinas eléctricas e mecânicas, aumentando 2,4 pontos percentuais.

Segundo as estatístias fornecidas pelo INE, a taxa de cobertura das importações pelas exportações baixou naquele mês em mais de 4 por cento em relação ao ano anterior, ou seja, de 67,6 para 63 por cento.

Tendo por base a moeda portuguesa, o saldo da balança comercial foi de 100 milhões de contos, contra 71,9 milhões em Janeiro de 1989, o que equivale a um agravamento de 39,1 por cento.

Dados do INE indicam que o total das exportações foi de 169,9 milhões de contos enquanto o valor das importações foi superior em 100 milhões de contos.

Para além das máquinas, influenciaram a balança comercial os produtos químicos, o material de transporte, o agro-alimentar e o dos têxteis.No seu conjunto, estas cinco categorias atingiram 73,1 por cento da expansão global das importações, no montante de 67,6 milhões de contos.

Nesta evolução, destacam-se os vestuários com 32,2 por cento e as máquinas com 52,9 por cento o que contribui para o seu reforço relativamente ao ano anterior. Em Janeiro de 1989, os quatro principais grupos de produtos, vestuário, máquinas, têxteis e calçado, garantiram 51,2 por cento do total das exportações, reforçando-se em três pontos percentuais a estrutura de Janeiro de 1990.

No caso do grupo de papel e pasta de papel a evolução foi negativa, baixando de 5,6 por cento, por comparação entre os meses de Janeiro de 1989 e 1990.

Para o INE, a CEE aumentou o seu peso relativo no total das nossas importações, 64,2 em Janeiro de 1989 e 67,2 em Janeiro de 1990.

A EFTA apresentou uma evolução inferior à média global, representando agora cerca de seis por cento do total, quando atingia, um ano antes, 7,4 por cento.

Só a Espanha, a RFA, a França, a Itália, Reino Unido e Países Baixos garantiram 61,6 por cento das importações portuguesas em Janeiro de 1990, contra 59,3 por cento no mesmo período do ano anterior.

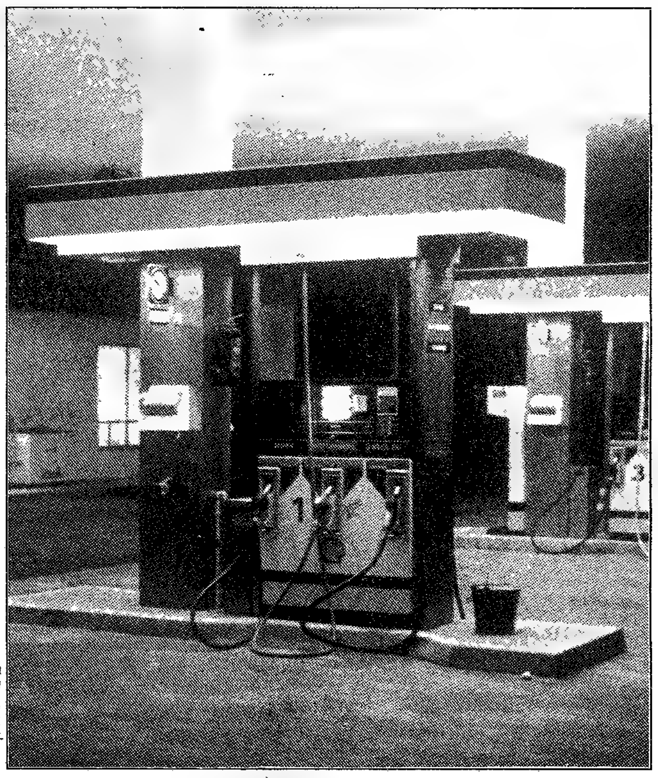
DL/Lusa

A OPEP responde à actual descida do custo do petróleo com uma reunião para estudar formas de aumentar o preço num mercado mundial e expansão

Combustíveis: duvidosa uma baixa de preços

Falar numa descida, no consumidor, de preços dos combustíveis numa situação de instabilidade do mercado petrolífero é, no mínimo, arriscado. Mas o secretário de Estado da Energia português parace não temer o risco ao colocar a hipótese de um abaixamento «dentro de três a quatro meses».

Ribeiro da Silva sustenta a sua tese na «quebra darmática do preço do petróleo nos mercados mundiais», resultante de um excesso de produção dos países exportadores. É um facto que a sua organização, a OPEP, não conseguiu fazer que os preços de referência fossem respeitados pelos países exportadores. Mas também é uma verdade que o consumo do petróleo está a aumentar a nível mundial, o que se irá reflectir, mais tarde ou mais cedo nos preços.



Arquivo «DL»

Combustíveis: irão os consumidore beneficiar de uma baixa de preço?

Por outro lado, a OPEP convocou para o dia 2 de Maio uma reunião de emergência do seu Comité, constituído por oito países, alargada aos ministros dos 13 países que constituem aquela organização.

Segundo o comunicado do seu presidente, esta reunião visa, mais especificamente, «analisar as medidas a tomar para conter a degradação do mercado mundial e repor os preços do petróleo ao nível estabelecido pela OPEP».

Entretanto, foi decidido adiar a reunião ministerial de 25 de Maio para 26 de Junho, «de forma a permitir que as medidas adoptadas pelo Comité surtam efeito no mercado mundial».

Parece, portanto, que se está perante uma «precipitação» do secretário de Estado da Energia português, até porque, como ele próprio reconhece, um eventual reajustamento de preços no consumidor só poderá ser feito daqui a três ou quatro meses, pois que os crudes actualmente utilizados pela refinaria nacional foram importados no final do ano passado, altura em que o custo da matéria-prima estava em alta. Por conseguinte, não se afigura curial que, embora comprando-se agora a um custo mais favorável, se vá baixar os preços no consumidor durante um ou dois meses, para logo de seguida, caso o petróleo entre nos preços de referência da OPEP, se ter de aumentar.

Quer isto dizer que os consumidores portugueses poderão não beneficiar directamente da baixa de custo da matéria-prima. Os seus benefícios serão outros, como por exemplo um período mais alargado com o mesmo preço, mesmo que se venha a verificar uma nova alta no mercado mundial.

O País e a refinadora nacional é que vão ganhar directamente com o negócio, pois que, como diz Ribeiro da Silva, a diminuição de um dólar por barril significa uma poupança, parta Portugal, de cerca de um milhão de contos.

COTAÇÕES

Companhia Geral de CRÊDITO PREDIAL PORTUGUÊS

(Por Unidade)

COTAÇÕES DE NOTAS	COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	46$50	52$50
ALEMANHA FED. (marco)	87$50	88$70
ÁUSTRIA (xelim)	12$45	12$65
BÉLGICA (franco)	4$039	4$289
BRASIL (cruzado)		
CANADÁ (dólar — notas de 1 e 2)	126$60	129$10
(notas de 5 a 1000)	127$10	129$60
DINAMARCA (coroa)	23$00	23$40
ESPANHA (peseta)	1$348	1$468
EUA (dólar — notas de 1 e 2)	147$30	150$80
(notas de 5 a 1000)	147$80	151$30
FINLÂNDIA (marka)	37$00	37$60
FRANÇA (franco)	26$05	26$75
HOLANDA (florim)	77$80	78$90
IRLANDA (libra)	235$70	239$70
ITÁLIA (lira)	$108	$123
JAPÃO (iene)	$892	$947
NORUEGA (coroa)	22$50	23$00
REINO UNIDO (libra)	242$70	247$20
SUÉCIA (coroa)	24$10	24$60
SUÍÇA (franco)	99$95	100$45
VENEZUELA (bolívar)	2$625	3$425

OBSERVAÇÕES:

1 — No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.

2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil

Portugueses podem comprar mais títulos estrangeiros

Foram alargados os limites máximos das operações sobre títulos estrangeiros efectuadas por residentes em Portugal, os quais passam a ser de 20 por cento da carteira total para as pessoas colectivas e de 10 mil contos para as singulares.

O Banco de Portugal vai começar a divulgar pelo sistema bancário as novas regras aplicáveis aos investidores em títulos estrangeiros, as quais constituem a última etapa anterior à completa liberalização das operações neste domínio.

Os novos limites foram fixados no âmbito dos compromissos assumidos por Portugal em matéria de operações de capitais e no contexto das Comunidades Europeias.

Segundo eles, a liberalização da aquisição de títulos estrangeiros está prevista para, respectivamente, 1 de Janeiro de 1991 e para 1 de Janeiro de 1993, consoante se trate de valores mobiliários cotados em Bolsa (ou noutro mercado regulamentado) dos restantes Estados membros ou de valores não cotados. O Banco de Portugal, «reconhecendo as vantagens de um processo de liberalização progressiva do investimento mobiliário no estrangeiro», permitiu, em Janeiro de 1987, a um universo restrito de entidades residentes o acesso, dentro de determinados limites, aos mercados de capitais da zona da OCDE.

Em Setembro de ano passado foi dado um novo passo no processo de liberalização, marcado pela possibilidade de todos os investidores residentes constituírem uma carteira de títulos estrangeiros, a qual é agora alargada para os limites atrás referidos.

Associações mutualistas no mercado de capitais

As associações mutualistas podem recorrer ao mercado de capitais, o que lhes dá igualdade de circunstâncias com o restante tecido económico nacional, conforme afirmou Costa Leal, presidente do conselho de administração do Montepio Geral.

O financiamento no mercado de capitais para estas associações foi autorizado mediante o novo regime jurídico para o sector.

Divisas para viagens sem restrições

As restrições existentes desde 1974 de aquisição de notas e moedas com curso legal em países estrangeiros acabaram, segundo determina um diploma ontem publicado, que especifica que os residentes, à saída do país, se transportarem mais que o equivalente a mil contos em notas e moedas estrangeiras devem apresentar documento comprovativo da sua «regular aquisição junto das entidades autorizadas».

Siderurgia Nacional passa a anónima

A Siderurgia Nacional, cuja facturação em 1989 foi de 64 milhões de contos, vai passar a sociedade anónima antes do Verão, altura em que deve estar concluída a sua avaliação.

Segundo o ministro da Indústria e Energia, Mira Amaral, «a privatização não é apenas uma operação financeira, mas também a busca de um parceiro com vista a uma estratégia. É uma operação subjacente a uma estratégia industrial de viabilizar a Siderurgia no contexto do Mercado Único».

Mira Amaral admite a hipótese de o Estado ficar com uma participação minoritária no capital, existindo já compradores interessados na aquisição da restante parte: o grupo francês Usinor-Sacilor, a British Steel (inglesa), dois grupos alemães, Celsa (espanhola), a Mitsubishi (japonesa) e o grupo português Previdente, que se encontra há muita de um século no negócio da trefilaria e detém mais de 80 por cento do mercado.

CULTURA

Steve Coleman no Porto: um concerto problematizador, sexta-feira passada

Palmas e recusas

Muitas são as justificações para defender a ideia de que no Porto já existe um público para este tipo de músicas, mas não se pode dizer que em número de assistentes o concerto de Steve Coleman na passada noite de sexta para sábado, com os seus Five Elements, tenha sido um sucesso. Se a formidável sala do Coliseu do Porto esteve longe de estar completa, a dinâmica e as características muito próprias do trabalho do saxofonista levaram a que as reacções dos presentes fossem óbvias e espontâneas entre a adesão entusiástica e o abandono puro e simples. A indiferença, essa, é que foi coisa impossível.

As razões do público estavam prédeterminadas. Houve quem se dirigisse à Passos Manuel para circunscrever as arqueologias do *jazz* no estilo de Coleman e ali acorreram quantos souberam das suas colaborações *pop* com Sting, chegando a impossível enumeração até aos que compraram bilhete por mero desfastio cultural e recreativo. Não é defeito, mas uma consequência fenomenal das estruturas mentais imperantes: pode o que é norma ser considerado uma aberração?

Quem ficou até ao fim viu-se tentado a aproveitar do magma sonoro com que foi confrontado aquilo e só aquilo que mais lhe interessava: a filiação saxofonística no *hardbopt* ou a rítmica *funky*, a expressividade técnica e imaginativa pós-*free* ou o guitarrismo negro-urbano da América. Em pouquíssimos casos, percebia-se, a totalidade dessas facetas foi abarcada como um todo, e quem quase lá chegou ficou-se pelas referenciações aos objectos de fusão do *jazz* com o *rock*. Não era bem disso que se tratava. Num contexto de vocação preferencial dos gostos, pouco tocado ainda pelos cosmopolitismos culturais e pelos seus cruzamentos tipicamente esquizóides, uma mensagem como a da M-Base (Macro Base Array of Structure Extemporization, como também, menos prosaicamente, lhe chamam os seus aficionados) não poderia ser integralmente entendida.

Steve Coleman tem um projecto, e um projecto que, contrariamente ao que faz supor o pretenciosismo da denominação acima citada, não tem nada de revolucionário ou sequer de inédito. Digamos que até nem se trata exactamente disso, mas de uma causa: fazer com que o *jazz* volte a ser uma música popular, articulando-o com as formas musicais que o substituíram nas ruas das metrópoles americanas, o *rhythm and blues*, o *funk* e o *rap*. O exclusivo da intenção, convém referir, não é do movimento M-Base, e não o partilha apenas gente como Greg Osby, Jean-Paul Bourelly ou Cassandra Wilson, embora talvez sejam estes os activistas que mais definiram tais propósitos. A diferença residirá, então, entre o acto individual e a militância efectiva.

Charlie Parker e James Brown, Jimi Hendrix e os Weather Report, Albert Ayler e os Public Enemy serão os mentores do complexo musical que os Five Elements de Coleman apresentaram no Porto. Nem, aliás, os temas interpretados procuraram outra coisa senão essa condição alusiva, do alto soprado pelo líder da sessão, filiado numa linhagem do saxofone que continua fiel, por inteiro, aos primados parkerianos, à guitarra eléctrica do ginasticado David Gilmore, na tradição do *blues*. A bateria de Marvin «Smitty» Smith, bastamente conhecido em conjunturas substancialmente distintas, lá estava para cimentar e unificar não uma mudança de termos mas uma conversão na continuidade, sublinhando com as baquetas que o *jazz* não é a única música sustenida da América e muito menos uma fórmula do passado.

Steve Coleman

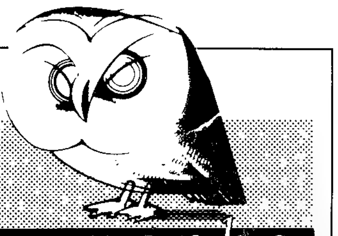
Os puristas de todas as lógicas, evidentemente, não o aceitam. Daí a facilidade de se catalogar o trabalho de Steve Coleman como «fusão», daí o saxofonista ter sido comparado, nas conversas de intervalo, com Miles Davis ou Ornette Coleman, quando, de facto, pouco tem a ver com um e outro. Claro, isso de Macro Base Array of Structure Extemporization é uma tanga, mas concede às suas pretenções a necessária legitimidade, o que não deixa de ser subtilmente irónico. Se um John Zorn, branco e nova-iorquino, prefere a colagem e a rápida sucessão de géneros, Steve Coleman, sediado numa prática musical configurada na Brooklyn negra, funciona por acumulação, ou melhor, por ambiguação. Os resultados, curiosamente, assemelham-nos a ambos mais do que poderíamos supor pelo lado da teoria, mas a verdade é que Steve Coleman, tal como Zorn, tem uma capacidade metamorfoseante digna das mais renovadas surpresas.

Podemos gostar mais ou menos das coisas que faz, e no espectáculo do Porto se nalguns momentos ele esteve muito próximo do desmedidamente excelente, noutros descaiu para a banalidade: as virtudes e os *flops*, todavia, têm as suas próprias proporcionalidades, e nenhuma mistura musical, nenhum cosmopolitismo de culturas em litígio criador, podem iludir o facto. Coleman convence-nos da justeza que pode haver em estendermos e generalizarmos os conceitos. É absurdo utilizar-se a argumentação esquemática que hoje em dia é nosso hábito, indicando as componentes como se se tratasse de uma equação química ou de um menu gastronómico: nem *jazz-rhythm and blues-funk-rap* nem M-Base, afinal, mas tão-somente, **música negra americana**. Foi isso que tivemos perante nós.

Os dados, no entanto, encontram-se viciados. Estavam na altura do concerto, como estão hoje e estarão até ver. Contra este estado de coisas, não basta afirmar que Steve Coleman é dos mais cotados altistas da actualidade, por isto e por aquilo, ou que no seio dos Five Elements as faculdades de um Reggie Washington no baixo são algo duvidosas e que James Weidman poderia trabalhar os sintetizadores de um modo mais inteligente daquele que propôs no Coliseu do Porto. Os anos 80 enquadraram, nos territórios da música, uma mutação de forma (e logo, de conteúdos) que importa apreender na sua totalidade e que a década agora iniciada irá com certeza confirmar. O problema é não sabermos ouvir as novas músicas, é grande parte das editoras não ter a mínima noção de como vendê-las, é a Comunicação Social não estar bem ciente do que fazer com elas.

Quantas palmas se batem a despropósito, e quantas recusas, também, se alicerçam sobre enganos! E no entanto, não há dúvida: alguma coisa acontece e está ao nosso alcance... Se não aqui em Lisboa, pelo menos no Porto, que também merece.

Rui Eduardo Paes

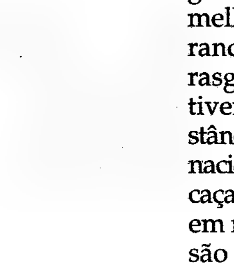


olhar de mocho

O argumento folclórico

No último Jornal de Sábado da te-levisão, ao que parece sem que nenhum dos redactores, editores, locutores, apresentadores e mais responsáveis se tenha disso apercebido, o tema ecológico foi abordado por três vezes. Primeiro, anunciaram-se para a região de Setúbal faraónicas somas de investimentos, e uma fatia deles será para papel, isto é, para o eucalipto, com a sua insaciável fome e sede de matérias orgânicas e de água. Depois, tivemos uma reportagem sobre estrangeiros residentes em Portugal, mais concretamente na algarvia serra de Monchique, e que, convertidos à ecologia, procuram nas últimas zonas sãs do sul da Europa, preservar a natureza e defender a indefesa bicharada. O miúdo luso-britânico de 11 anos apareceu na reportagem a defender os «animais que estão a desaparecer» da paisagem. O algarvio típico, provavelmente, analfabeto mas certamente doutorado em coisas da Natureza, resumiu a acção desses estrangeiros residentes em Monchique: «Os gajos até têm razão» (no dia 10 de Junho esse algarvio merecia uma condecoração e uma faixa de comendador). Ele afinal intuiu com a certeza popular que raramente se engana, que os ecologistas estrangeiros defendem mais e melhor o Monchique e o Algarve agarrando-se à protecção da natureza do que rasgando Vias do Infante. E finalmente tivemos Mário Soares de visita a Constância. O Presidente, o melhor perdigueiro nacional para, em questões políticas, farejar caça de luxo, chamou às coisas pelo nome: em relação ao ordenamento do território são necessários «gritos de alarme», estamos a assistir a «atentados à paisagem tradicional», é urgente acudir à «flora e à fauna» do País, e as «manchas de eucalipto estão a proliferar».

O pior é que estes três apontamentos do Jornal de Sábado foram apresentados em estilo folclórico: ninguém aprofundou nada, ninguém posicionou coisa nenhuma, ninguém debateu politicamente nenhum dos temas tocados. É o estilo teleportuguês de descalçar botas cardadas de espinhos: cospem-se para o ar frases altissonantes para que a nortada rija as dissipe rapidamente. A informação e a cultura dos patrões da RTP ainda não os fez entender que a *principal* preocupação dos países ricos do Norte, CEE, e demais vizinhos nórdicos, consiste em descobrir caixotes do lixo no sul da Europa: para o lixo lixo e para o lixo das indústrias poluentes, celuloses e coisas afins. Não são os tanques «Leopard» da RFA nem os «mirage» da França que fazem, hoje, cócegas à nossa soberania. Com a TV a encarar a ecologia como questão folclórica, ainda nos arriscamos a ter uma soberania nacional folclórica, com o «malhão, malhão» a substituir o hino nacional, pedindo a Deus que não façam de nós, beduínos à busca de pastagens.



José Sousa Monteiro

Fora de Horas chegou a tempo. Publicado por uma pequena editora, quase ninguém o lera; segunda obra do autor, passara despercebido e as previsões excluíam-no em absoluto sequer de candidato ao Grande Prémio de Romance e Novela da APE/1989. Mas ganhou... e por unanimidade do júri, o que em oito anos só aconteceu três vezes. Paulo Castilho que, em 1983, se estreara com um prémio, voltou agora para bisar e prepara já um terceiro romance tendo Lisboa como cenário. Entrevistado pelo D.L., este diplomata de 45 anos, que se confessa cinéfilo, diz que o mais importante são as personagens e as suas circunstâncias. Para este realista, só a realidade o interessa

Um autor seguro de si

O destino faz destas partidas. Quando menos se espera, um célebre desconhecido instala-se nas nossas letras. Mas é um prémio a tempo, diga-se. Quando a vida ainda é longa e a obra revela essa certeza de que chegou a hora... É como que uma lufada de ar fresco a dizer que os Grandes Prémios não estão mortos. Que os júris não andam distraídos.

Para o autor, Paulo Castilho, a surpresa é relativa. Sente-se a segurança de quem amadureceu, durante muito tempo, a escrita e os fios que a ela conduzem. Foram mais de dez anos, os que levaram ao seu primeiro livro, *O outro lado do espelho*, prémio Diário de Notícias, em 1983. Foi a preparação que levou a *Fora de Horas*, escrito vertiginosamente durante umas férias grandes, em computador. São as *after hours* americanas, vividas por portugueses fora do tempo, mais do que do espaço. Um livro sem moralismos, segundo o autor. Preocupado com os factos, o concreto, os planos e as sequências (cinematográficas) da narrativa.

Para o público, tudo é surpreendente: o livro, o escritor. Este não se altera. Na serenidade da sua casa, revela que filho de peixe sabe nadar. Os seus pais, Guilherme de Castilho e Marta de Lima, escritores de mérito, marcam o ambiente literário. Diplomata de carreira, desde os 23 anos, Paulo Castilho é hoje, subdirector geral da Direcção Geral das Comunidades Europeias e coordenador nacional do projecto EUREKA para o audiovisual. Fora de horas faz livros, que escreve rapidamente, com medo de perder as palavras, que depois corrige até ao perfeccionismo. Para além da literatura, apenas tem um outro amor inconfessado: o cinema e o gozo de ver os filmes de John Ford e Howard Hawks.

D.L. - *Este prémio surpreendeu-o?*

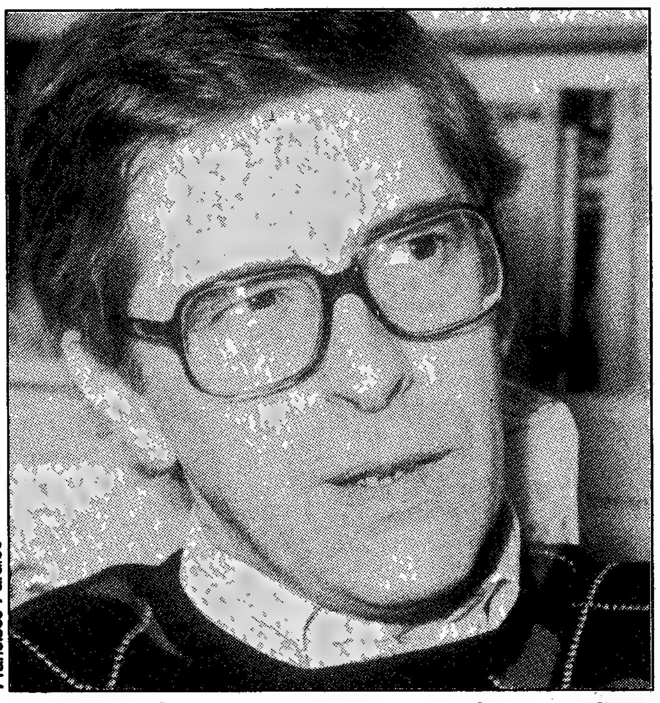
P.C. - Mais do que surpreendido fui apanhado de surpresa. A minha vida profissional é muito intensa e, por isso mesmo, estava um pouco alheio a tudo isto. Confesso que não fazia ideia de qual era a data ou o mês em que seria decidido o Grande Prémio da APE. Foi no próprio dia, quando liguei a rádio, de manhã, que ouvi falar dele e de declarações, em que o meu nome tinha sido referido. Então fiquei alerta... O telefonema do meu editor, depois da atribuição do prémio, foi uma agradabilíssima notícia, que eu recebi com grande júbilo e com um quase sentido da responsabilidade que o facto representa para um escritor com dois livros apenas.

D.L. - *Significa, para si, a consagração como escritor?*

P.C. - A expressão consagração não me agrada muito, porque contém algo de estático. E eu acho que sou ainda demasiado novo, sobretudo, demasiado novo nas letras para ser consagrado no que quer que seja. Mas é, sem dúvida, um reconhecimento que eu considero extraordinariamente estimulante em relação a este meu último livro. O êxito estará em escrever outros que não desmereçam deste.

D.L. - *Quem é Paulo Castilho?*

P.C. - Eu nasci em Matozinhos, no norte, em 1944. Quando o meu pai, Guilherme de Castilho, entrou para a carreira diplomática, nós viajámos com ele durante muitos anos. Estivemos na África do Sul, em fins de 40 e princípios de 50, depois em Hong-Kong, Indonésia e Macau, de 52 a 58. Regressámos a Portugal nessa mesma data. Fiz cá o 6º e o 7º anos do liceu e o curso de Direito, na Universidade Clássica de Lisboa. Iniciei então a minha carreira diplomática em Washington. Interrompi-a para cumprir o serviço militar, em Moçambique, que terminaria, precisamente, em 1974. De 74 a 80, estive em Lisboa no Ministério dos Negócios Estrangeiros, após o que fui colocado em Londres, onde permaneci até Dezembro de 1985. Desde então mantenho o cargo de subdirector geral da Direcção Geral das Comunidades Europeias no MNE.



Francisco Pareiso

Paulo Castilho: «Penso que não se pode ser escritor se não se gostar da palavra, se não se encontrar beleza na língua e na frase...»

D.L. - *Apesar do desenraizamento, resultante da vida familiar, não deixou de ter uma atitude interventiva nos movimentos estudantis antes do 25 de Abril...*

P.C. - De facto, entrei para a faculdade num ano que se pode dizer histórico em termos estudantis. Foi em 61/62. Segui com interesse e emoção empenhada toda a movimentação estudantil que se deu nessa época, o luto académico, por exemplo, como se chamava então à greve às aulas. Fui sempre sócio da Associação Académica da Faculdade de Direito de Lisboa, desde o 1º ano. No meu 5º ano, fui presidente da Associação. Foi um ano, em termos académicos, não dos mais relevantes mas tristemente marcado por um número muito elevado de prisões políticas de estudantes.

D.L. - *Quando começou a escrever?*

P.C. - Comecei muito novo, na faculdade. Ao mesmo tempo que escrevia textos para órgãos da Associação e para o cine-clube universitário, fazia também, com aquela intensidade que é típica dessa idade, textos de ficção, tentando de tudo, desde contos a narrativas mais ou menos desconexas, meras reflexões pessoais, divagações mais ou menos filosóficas. Só mais tarde comecei a escrever uma narrativa, já concebida para ter um princípio, um meio e um fim, que acabou por se transformar no romance, que foi publicado antes deste, *O outro lado do Espelho*. Enfim, é um livro que, apesar de ter demorado muito tempo a escrever, talvez mais de dez anos, resultou bastante pequeno. O impulso final foi dado pelo estímulo de concorrer ao prémio Diário de Notícias. É uma obra que, de alguma forma, representa uma sedimentação.

D.L. - *O que o seduz de modo especial quando escreve?*

P.C. - O trabalho criativo é um caminho de tentativas, o que em inglês se diz *trial and error*. Durante o período de 61/62 mantive um diário dos acontecimentos. Chegava a casa e escrevia as coisas que se passavam.

D.L. - *Vai sair a lume esse relato?*

P.C. - Não sei, no fundo, eu olho para trás e sinto uma certa falta de maturidade. Sobretudo, nessa idade, há alguma tendência para subjectivizar muito as coisas...

D.L. - *Será o encantatório das palavras ou antes o enredo que seduz o escritor?*

P.C. - Sentir o fascínio da palavra é extremamente importante. Penso que não se pode ser escritor se não se gostar da palavra, se não se encontrar beleza na língua e na frase. Dito isto, é preciso ter muito cuidado, porque a palavra, que é o nosso instrumento, pode também tornar-se um adversário perigosíssimo. Um dos pecados habituais da juventude, quando escreve, é esse deslumbramento perante a palavra. O encantamento das palavras não pode dominar-nos e é preciso encontrar o equilíbrio certo. Por outro lado, a maneira como se usa a língua nunca é neutra, no que se refere ao resultado final.

D.L. - *Que influências literárias terão determinado a sua escrita?*

P.C. - Há certamente uma influência da cultura e literatura francesa do século XIX na minha escrita, através de autores que eu li logo desde jovem. Outro aspecto que eu mencionaria é o da poesia portuguesa do século XX e também de alguns poetas de finais do século XIX. Em fases posteriores de evolução, talvez até pelos sítios por onde andei, comecei a estar sujeito a influências da literatura anglo-saxónica, nomeadamente da americana, inclusivamente de áreas «menos nobres», e que eu gostaria de citar, como Raymond Chandler e Dashiel Hammett. Há ainda uma quarta área a referir, que penso ter alguma influência no modo como encaro as coisas: o cinema. Interesso-me extraordinariamente por cinema e, quando jovem, chegava a ver seis, sete, oito filmes por dia. Nessa altura vi todos os filmes clássicos do mudo e do sonoro.

Um livro como um filme

D.L. - *Até que ponto o fio narrativo da ficção cinematográfica influencia o fio narrativo da ficção literária?*

P.C. - As pessoas têm-me feito notar que escrevo, sobretudo neste último livro, com frases bastante curtas, e penso que se pode estabelecer um paralelo entre esse tipo de narração e a narrativa plano a plano utilizada pelo cinema. Eu acho que o cinema tem especial influência na minha escrita quando estou a imaginar situações, principalmente em termos de espaço e no modo como as personagens se relacionam e dialogam.

D.L. - *Quanto aos espaços, não há grandes descrições neste livro.*

P.C. - Repare que não é normal uma pessoa olhar para uma paisagem e estar durante cinco minutos a descrevê-la para si própria. O tipo de descrição que eu faço procura ser um pouco a réplica do tipo de reacção que as pessoas realmente têm quando olham para uma paisagem e procuram exprimir os seus sentimentos perante aquilo que vêem. Com a fotografia e os meios visuais que actualmente existem, as descrições literárias, a não serem extraordinariamente ricas e criativas, perdem um bocadinho a sua finalidade. E a minha vocação não vai nesse sentido.

D.L. - *Uma escrita mais realista?*

P.C. - Penso que posso englobar-me dentro dessa categoria genérica que é o realismo...

D.L. - *O que determinou a sua opção pela acção situada no estrangeiro?*

P.C. - No fundo, não houve uma opção, aconteceu com toda a naturalidade. Cheguei a interrogar-me sobre se deveria optar por uma acção desenrolando-se num país estrangeiro, mas, à medida que avançava na escrita, fui concluindo que o tipo de temática e de problemas que se estavam a levantar careciam, efectivamente, daquele ambiente, daquele *environment*. O como sobreviver ou como viver os anos 80, em pessoas fortemente marcadas pela década de 60, resultava mais claro situando a acção nos EUA. Porque os Estados Unidos foram, de facto, o ponto de referência essencial para a geração de 60, sem prejuízo para a importância dos acontecimentos de Maio 68, em França. Mas o livro não pretende debruçar-se sobre a política. É mais a experiência de uma geração que teve de tudo, desde pessoas profundamente empenhadas politicamente, até pessoas cujo único objectivo era a evasão total àquilo que era considerado o *establishment*. E essa amplitude de reacções é, penso, o contraponto das duas décadas.

Não acertámos no premiado

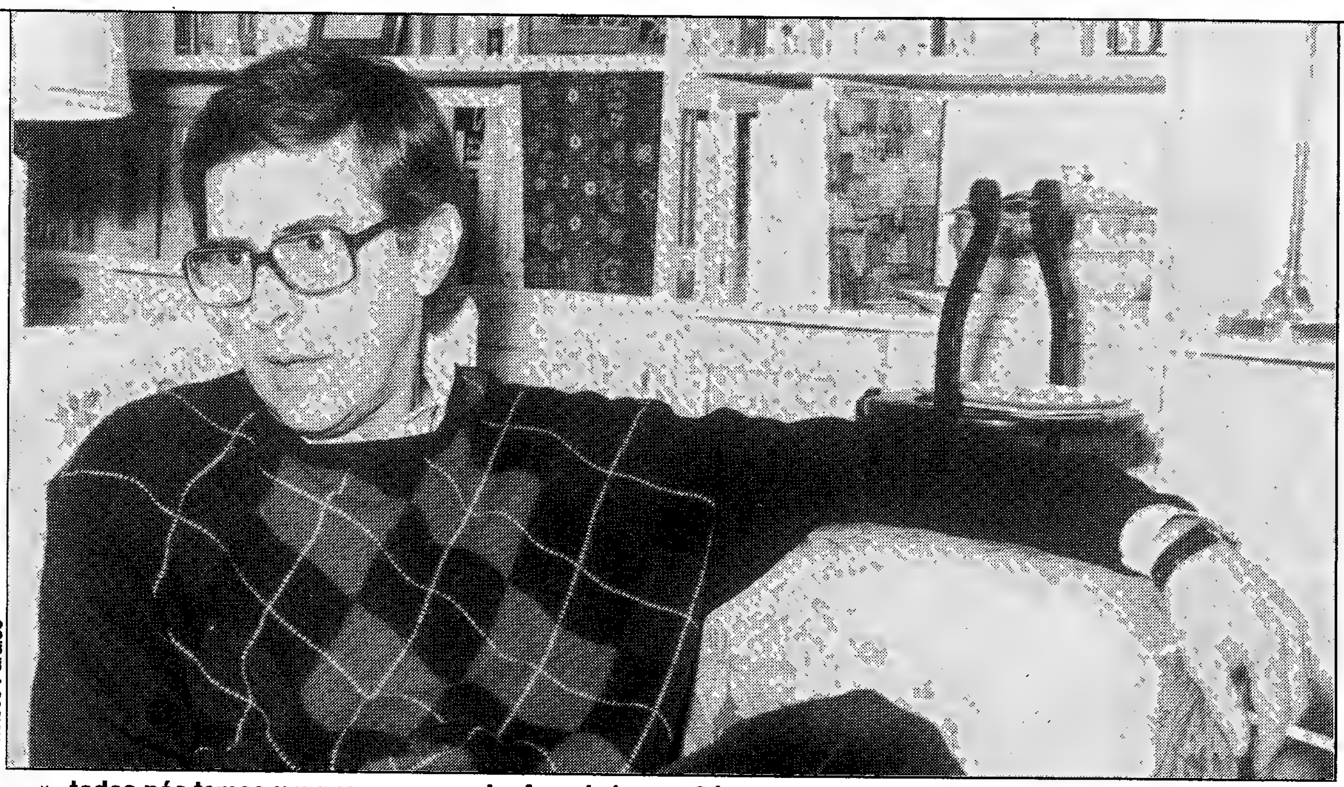
Não deixa de ser curioso notar que, nas páginas de Cultura do "Diário de Lisboa", os livros que mereceram o apreço do Júri (com excepção de «Adágio», de Nuno Júdice) foram, em artigos do nosso camarada de Redação Pedro Alvim, devidamente destacados como títulos merecedores do Prémio da APE.

Tal se comprova pelo seguinte registo:

«Filipa Nesse Dia», de Urbano Tavares Rodrigues (16.2.1989); «Os Dias Felizes», de Luís T. Rodrigues, (31.10.1989); e «O Cavalo de Sol», de Teolinda Gersão, (15.11.1989).

Por sua vez, tendo José Saramago publicado «História do Cerco de Lisboa» em Março de 1989, Ernesto Sampaio entrevistou o autor em 19.4.89.

Azar nítido: sobre Paulo de Castilho e o seu livro «Fora de Horas» não dissemos nada. Mas não fomos os únicos...



Francisco Paraíso

«...todos nós temos um pouco esse estar fora de horas. Só quem não tenha passado não está fora de horas»

D.L. - *Como interpreta os dois protagonistas, Luís e Maria José?*

P.C. - Pode-se dizer que são os dois lados de uma moeda muito *sui generis*. São duas personagens com algo de comum nos seus anos formativos, tendo, depois, diferentes modos de encarar a vida. Luís é hesitante, tem muitas dúvidas e revela uma atitude passiva perante a passagem do tempo, perante o envelhecimento, perante o não ser capaz de se reconhecer já com tanta facilidade nos tempos actuais. Ao passo que Maria José faz o esforço necessário para se inserir, para ter o sucesso que tem, pagando, no entanto, um preço muito elevado em termos psicológicos, pelo que de si própria tem de renunciar. Mas, provavelmente, ela não teria qualquer outra saída.

D.L. - *Curiosamente, mais uma vez na literatura, é uma personagem feminina que revela maior positividade!*

P.C. - Não acho que seja estranho que a personagem feminina seja a mais positiva, porque as mulheres, desde que estejam colocadas em condições de concorrência iguais às dos homens, revelam-se extremamente fortes, práticas e positivas, e, eventualmente, até com mais capacidade, talvez mesmo com mais coragem moral para enfrentar a vida e as realidades. O sexo fraco era apenas o sexo que era mantido em estado de fraqueza.

D.L. - *No entanto, parece percorrer o livro e as opções das personagens, nos anos 80, um certo pessimismo...*

P.C. - Eu não lhe chamaria pessimismo, chamar-lhe-ia antes lucidez. Espero ter criado personagens que, no fundo, são extremamente lúcidas e penso que a lucidez não é incompatível com o optimismo. Se, depois dessa lucidez, conseguirmos ainda ser optimistas, então, acho que se trata de um optimismo autêntico.

D.L. - *Estas personagens são personagens fora de horas?*

P.C. - De alguma forma sim, porque não conseguem adaptar-se à sua vida tal como é descrita no ano em que se passa o enredo do livro, em 1988. Estas personagens são também a explicitação de alguma coisa que existe, porque as pessoas, à medida que avançam na idade, transformam-se num sentido e o tempo evolui noutro, de modo que as duas coisas não coincidem. Todos nós temos um pouco esse estar fora de horas. Só quem não tenha passado não está fora de horas.

As personagens como opção

D.L. - *Tendo em conta o tratamento das personagens, poderemos classificar este livro como um romance psicológico?*

P.C. - Para mim, o ponto de partida são as personagens e as suas circunstâncias. Importa-me bastante conseguir o máximo possível de coerência em termos do que são as personagens, também em termos das suas reacções, que, de uma forma certamente não científica, eu poderia classificar de psicológicas. Não concebo personagens em abstracto nem me interessam estudos psicológicos de natureza abstracta. Penso que a problemática do romance aponta muito para a influência decisiva das circunstâncias concretas das pessoas.

D.L. - *Salienta-se também, neste livro, a grande originalidade de uma escrita ritmada e objectiva, a beber influências do romance norte-americano...*

P.C. - Talvez, em termos do que é habitual ver-se em Portugal, não seja muito comum. Mas no romance norte-americano já se encontram formas de narrar semelhantes. A razão pela qual eu uso este tipo de narrativa é a expressão de um desejo de simplicidade. Quero evitar, ao máximo, que as palavras afoguem o que pretendo dizer.

D.L. - *Que metas... que projectos futuros?*

P.C. - Tenho um projecto, no qual estou a trabalhar ainda na sua fase inicial, de lançamento da narrativa, que é para mim a parte mais difícil da escrita. O enredo do novo livro, em que estou já a trabalhar, desta vez, passa-se em Lisboa e penso que não haverá sequer uma personagem que vá a Badajoz. Procurarei fazer um romance situado, em que as personagens evoluam e reajam perante o país actual, o Portugal que actualmente existe e que actualmente somos.

Manuela Baptista

O livro que (quase) ninguém leu

Fora de Horas começou agora a ser conhecido. Grande Prémio de Romance e Novela APE de 1989, por unanimidade, facto que só ocorreu nos prémios relativos a 82 e 87, teve também a originalidade de ser um livro quase esquecido nas estantes. É a grande unanimidade dos que dizem não o ter lido. De facto, ouvidos pelo DL numerosos críticos e escritores, os já premiados pela APE e os outros, quase ninguém leu o livro de Paulo Castilho.

Nuno Júdice foi o único escritor contactado que leu o livro. Também mencionado pelo júri deste Grande Prémio, pelo seu romance *Adágio*, como obra de «muito apreço», Nuno Júdice disse-nos, sem hesitação, ter gostado de *Fora de Horas*.. «É um livro que tem uma sequência bastante clássica, o que se afasta do tipo de romance que se tem publicado recentemente em Portugal, que joga na modernidade na linha do *nouveau roman*, mas que consegue fazê-lo de forma original». E explica: «O livro tem uma linguagem muito própria. A secura da linguagem e a neutralidade do discurso, que vêm do objectivismo americano, cortam um pouco o lado afectivo e sentimental da obra». Para Nuno Júdice, «*Fora de Horas* vai ainda buscar elementos tradicionais ao romance sentimental do século XIX, conseguindo apresentar esses aspectos num percurso interessante de transformação e de maturação das personagens, o que faz com que o livro se possa colocar na linguagem já gasta do romance psicológico».

É a ruptura amorosa, a tentativa de reencontrar o Eu depois do estilhaçar das personagens, à deriva... até ao fim, factual, sem moralismos. Nas declarações de voto do júri, constituído por Liberto Cruz, Isabel Pires de Lima, Óscar Lopes, Silvina Rodrigues Lopes e António Quadros, sobressai a subtil caracterização das personagens, na vida própria que adquirem no texto, no seu arrancar de máscaras, na alternância das vozes, das gerações.

Silvina Rodrigues Lopes faz o resumo do texto: «São duas as gerações representadas no enredo de *Fora de Horas*: a dos anos 60 e a dos anos 80. Para a primeira a ética identifica-se quase completamente com um ideal de transparência, o que dá lugar a um questionamento e introspecção absolutos, a cargo de uma das personagens femininas, Maria José, ex-hippie, actual yuppie. Sabe que tem um preço a pagar para atingir um entorpecimento afectivo que lhe permita sobreviver. Espera da aceleração do trabalho e da multiplicação dos contactos profissionais o mesmo que Luís espera do Valium que toma com regularidade. Esquecer é para ambos um verbo intransitivo».

José Saramago é, neste prémio de 1989, pela quarta vez preterido. Alguns elementos do júri não deixam, no entanto, de referir a *História do cerco de Lisboa* como romance que, no dizer de Isabel Pires de Lima, «confirma o ficcionista de grande fôlego, contador de excepcionais histórias», embora «nem sempre caldeados pela depuração narrativa e pela contenção verbal».

M.B.

À MARGEM

Eu como tantos...

E se não fosse este prémio ? Se não fosse este prémio, este livro o mais certo era continuar ali na estante, esquecido, como outros que compro ou me dão e os arrumo à espera que um dia - quando? - tenha tempo, vontade (que bom se fosse um impulso) para os ler, atenuar assim a angústia de que fala Jorge Luis Borges..."há algures nesta biblioteca um livro que eu nunca lerei".

Mas houve este prémio. Sei do vencedor à meia-noite do dia em que foi anunciado. Vou-me deitar e, de repente, sinto a curiosidade de saber quem ganhou, assim como quem quer acabar o dia sem a sensação de ter deixado nada para trás.

Telefono à M. Diz que não sabe, estiveramos juntos até há pouco, como é que haveria de saber. Insisto:"Talvez aí em casa alguém tenha ouvido o Telejornal, pergunta lá". Que sim, que fora "um tal Paulo Castilho...". E vêm pormenores do livro, de certeza revelados pela televisão, o início de mais uma coisa de quem toda a gente vai começar a falar... para se esquecer não tarda.

M. pergunta-me:"Conheces?". Respondo que sim, que até tenho o livro,"espera aí, vou buscar". E levanto-me da cama, largo o que estava a ler, e descubro na estante "Fora de Horas" com uma vaga sensação de culpa, qualquer coisa como quem recusara o bilhete de lotaria que o cauteleiro lhe quisera vender e descobre depois que saíra premiado.

Abro o livro, reconheço-lhe a capa, olho a folha de face onde um dia escrevi o meu nome, título de posse, e uma data (Dezembro /89), "aos meses que isto aqui está e eu nada, para mais já lera o anterior e gostara q.b. para uma primeira obra, deste o S.M. dissera-me que era melhor, que não deixasse de ler, não liguei, não tive tempo..." Sinto que começo a autodesculpar-me.

Levo o livro para a cama e sujeito-o ao teste do costume: abro-o ao acaso, leio dois ou três parágrafos a ver se resiste. Resistiu. É meia-noite e meia, amanhã é sábado, posso dormir até mais tarde, decido-me a ler "Fora de Horas" do princípio.

Às tantas, interrompo para telefonar outra vez à M. e anunciar-lhe, como quem se sente um tudo nada mais em dia: "Comecei a ler o livro do Paulo Castilho". M. atira-me com um "que ridículo, pegar num livro só porque teve um prémio", eu fico sem resposta, mas M. pergunta "que tal ?" do outro lado do fio, eu recupero e é a minha vez de ser peremptório: "Vou no terceiro capítulo."

Como é, como não é, conto-lhe vagamente a história, que se passa em Nova Iorque, são portugueses, ele e ela, trintões à beira dos 40, se não fosse a idade eram *yuppies*, assim têm um lastro que eu sei lá, andam por dentro um bocado à deriva, a páginas 36 já foram para a cama, mas não deve ser nada, há uma outra ela, mais nova, apareceu, desapareceu mas intuo que vai aparecer outra vez, concluo, menos peremptório que há bocado, com um "olha ,lê-se..." e desligo.

Desligo para continuar a ler, adoptei já uma personagem, não é ele, é ela, um risco porque esta ela é bem capaz de sair de cena e se sair é pena, porque ele é um chato, ela não.

Acordo a meio da manhã (afinal este "Fora de Horas" não foi capaz de me tirar o sono...) e tenho agora o livro do Paulo Castilho como que adormecido ao meu lado na cama.

Percebo que começou mais uma intimidade efémera, se não der para o torto acabarei por ler o romance até ao fim, hoje não leio que tenho mais que fazer, amanhã sim, depois se vê, veja que não veja, o livro voltará um dia para donde já saiu, o tal sítio exacto da estante onde há-de permanecer (até quando?).

Isso mesmo:até quando? Será este como os livros de culto que de tempos a tempos releio para acabar por constatar que afinal não são exactamente os mesmos que já li, porque o que da primeira vez sublinhei não sublinharia já, sublinho outras frases, sempre com tinta diferente para avaliar assim das eras de leitura (e de mim...) como os geólogos a idade da Terra pelo corte vertical dos solos?

Será assim também com este livro ou será que não, que amanhã ou depois o arrumo de vez na estante para ele transformada numa espécie de jazigo ?

Não sei, ou não sei ainda. "Fora de Horas", afinal, ainda só agora nasceu para a sua segunda vida, depois de uma primeira que quase não teve. O livro saiu, passou despercebido, ninguém falou dele... nem eu que não o li e estava a dois metros da mão que todas as noites procura qualquer coisa para ler antes de dormir.

"*Seguiram-se três dias de ténebras*", página 59, capítulo VI, é aqui que deixo a minha marca de leitura. É sábado, são 4 da tarde, meto o livro no bolso e saio para a rua, adaptando-me já a este novo objecto, fugaz companhia. Pergunto-me quantos como eu hoje assim e não ontem, quantos livros para aí arrumados em estantes à espera de melhores dias que se calhar nunca virão e deveriam vir , sorrio e penso: "E se não fosse este prémio ?..."

Rodrigues da Silva

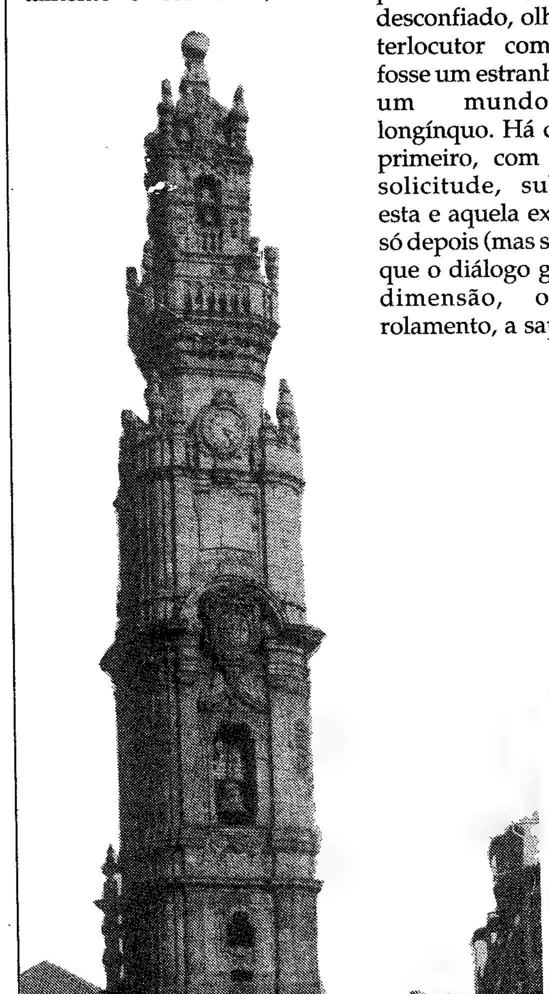
O Porto em quatro tempos-I

O Porto recebe-nos com movimento, solicitações, conversas cruzadas. Não é, de maneira nenhuma, uma cidade petrificada. De cada esquina vem uma nova direcção, uma rua a descobrir, azulejos diferentes de uma fachada para outra fachada. É sempre um panorama diferente, sempre um outro ar que se respira, outras pessoas cruzando-se connosco. Dir-se-ia que a cidade se desmultiplica, mostrando sempre novas feições, em cada recanto nos interrogando, pondo-nos questões históricas, líricas, quotidianas. São vozes diversas numa só voz - e necessário se torna um ouvido sensível a fim de que, não quebrando a unidade invicta, sejam escutadas as palavras todas da cidade. Palavras que são muitas, enformando todas elas maneiras de ser multifacetadas, como, por exemplo, as que nos foram ditas por Eugénio de Andrade, Ângelo de Sousa, Júlio Resende, Filomena Cabral... Outros nomes havia (e há). Mas por aquela semana de Fevereiro, logo a seguir ao Fantasporto, Agustina Bessa-Luís não se encontrava disponível, Mário Cláudio estava em Paris, Siza Vieira fora receber um prémio a Madrid, José Rodrigues refugiara-se em Vila Nova de Cerveira. Enfim - muitos outros cidadãos, com nome firmado, haviam-se dispersado por este e aquele ponto. O que ora oferecemos aos leitores, apesar de uma certa extensão, é um certo retrato «à la minute» sobre a vida intelectual portuense: negativo e positivo, como todas as fotografias são. Ei-las, sem moldura, em directo, naturais - e vivas, no movimento de pergunta e resposta com uma chávena de café a fumegar no meio...

«Uma vez, numa Universidade americana, recitei Camilo Pessanha. Aquele soneto que abre com o verso Conchas, pedrinhas, pedacinhos de ossos... Traduzido o soneto, foi toda uma assistência em pé! Porque, através de um poeta dito por outro, era Portugal que ali estava»

Eugénio de Andrade: a torre e o rio

- Um país é pobre se conta só com um poeta. Nós, em Portugal, somos ricos em poesia. Não só Camões ou Pessoa. Somos muitos. Sabe...? Há sempre os outros. Outros que, por vezes, caem no esquecimento. Mas é sempre um esquecimento temporário. Até porque a surpresa dos estrangeiros face à nossa poesia revela-nos o valor grande dessa mesma poesia. Uma vez, perante a assistência de uma Universidade americana, comecei por recitar Camilo Pessanha. Aquele soneto que (certamente o conhece...) abre



com um verso que, na minha opinião, identifica, de maneira admirável, a nossa maneira de ser. Eis o verso: «Conchas, pedrinhas, pedacinhos de ossos...» Traduzido o soneto, foi toda uma assistência em pé!

Quem assim nos fala, em tom muito discreto, um certo tom felino nos olhos (e mais adiante explicaremos esta adjectivação), é Eugénio de Andrade, poeta da nossa cultura e da mais alta atitude lírica contemporânea. Eugénio de Andrade é um homem de palavra difícil, dir-se-ia até desconfiado, olhando o interlocutor como se este fosse um estranho vindo de um mundo muito longínquo. Há que ouvi-lo primeiro, com a máxima solicitude, sublinhando esta e aquela expressão - e só depois (mas só depois!) é que o diálogo ganha outra dimensão, outro enrolamento, a sapiência, enfim, de se saber estar com outro. Ali, não muito longe do Jardim de S. Lázaro, já muito próximo das Belas Artes, num café com o prosaico nome de "Cifrão", é que foi o nosso encontro. E dissenos o poeta, palavra a palavra, perguntado que foi sobre o ambiente cultural portuense, e, no fundo, menosprezando o sentido da nossa questão:

- Escolhi a cidade do Porto para me isolar. Fartei-me do pouco mundo que percorri. Vivo só numa pequena casa, em rua tranquila, com um gato por companhia...

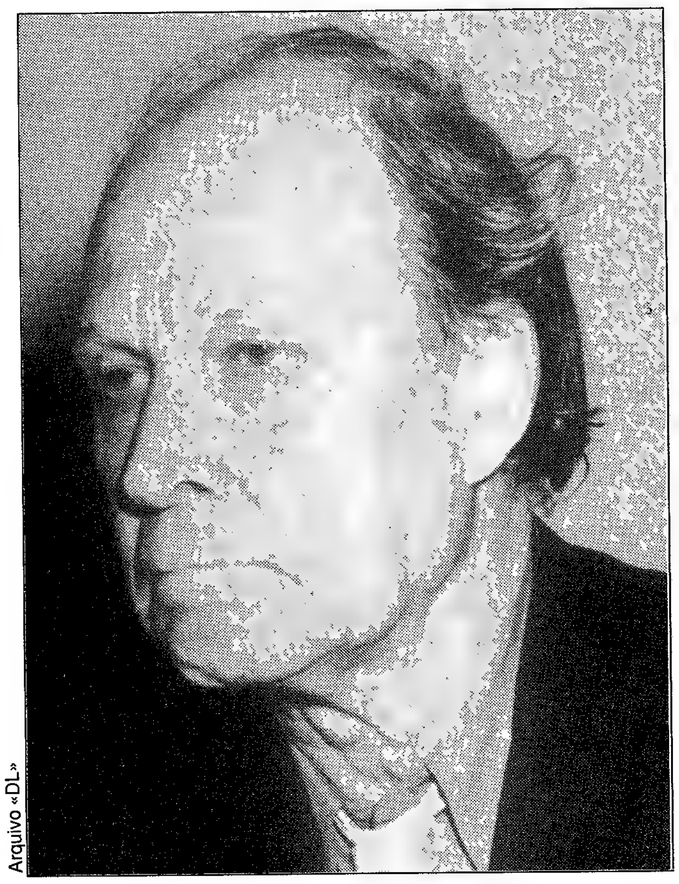
«Uma rua de província»

Abandonando de súbito a mesa do café, e tomando com precipitação provas que estava revendo, disse-nos, já a caminho da porta:

- Venha até a minha casa. Convido-o por eu morar, pura e simplesmente, numa rua plena de tranquilidade. Uma autêntica rua de província, com árvores, as casas olhando umas para as outras. Uma rua com silêncio quando para aqui vim. Agora, sinais do tempo, há por aí umas motocicletas, uns cafés nas proximidades, pessoas com a voz um pouco alta... É aqui. Chegamos... Sabe o nome da rua...?

- Não...

- Rua Duque de Palmela - disse o poeta. - Cento e onze, eis o número da minha porta. Três 1 seguidos: tem qualquer coisa de poético... Antes de subirmos, desde já lhe conto que a rua, quando para aqui vim, tinha árvores até mais não. Castanheiros da Índia, veja lá... Um dia, uma qualquer entidade mandou abater as árvores. Protestei. Preferia uma árvore à porta do que uma medalha pela minha poesia. Acredite que é verdade! Bem, lá compreenderam a minha desolação - e há precisamente três dias, se nas contas me não engano, colocaram uma árvore, um rebento de árvore, mesmo diante da minha porta. É um lódão. Agora é o que vê... Mas com o tempo, com o passar das estações, será mesmo um lódão. Talvez ainda o veja da minha janela. Ou talvez não...



Arquivo «DL»

Rui Pacheco

Entrámos e subimos até um pequeno segundo andar. E o poeta:

- Aqui me isolo, aqui escrevo, aqui leio e ouço música. Entre. Nada receie, que não há monstros... Tenho aí um animalzinho que não faz mal a ninguém...

Um gato angorá

Estamos agora numa sala inteiramente forrada de livros. E também de quadros (Vieira da Silva e Júlio Resende, por exemplo). Fotos, igualmente, de Dario Gonçalves, fotos que têm vindo a ilustrar, juntamente com trabalhos daquele pintor, albuns do poeta sobre a cidade. Por curiosidade, um título: «Porto - Os Sulcos do Olhar». E nós para nós: «Sem dúvida que iremos falar

sobre a cidade...»

Mas um poeta, quando verdadeiro, encontra-se sempre fora da lógica, é sempre um ser que surpreende os outros, sempre jogando com outros valores estéticos - e, porque assim, diz-nos Eugénio de Andrade:

- Já viu este... este... este... Então - muitas saudades minhas...?

Olhámos: do outro lado da mesa frágil a que estamos sentados, frente a frente, algo de muito preto, no regaço do poeta, nos fita a duas cores, amarelo e verde, por vezes distintas, outras vezes misturadas. É um gato (e foi a partir deste momento que, sem ofensa, estabelecemos um paralelismo entre os olhos do felino e os olhos do poeta). E Eugénio:

- Este animalinho quebra em muito a minha solidão. É ele quem me saúda quando entro em casa... Sim, sim, adoptei um menino que, entretanto, irá crescendo... Sabe...? Sempre gostei de crianças, árvores, animais. Gatos. São a minha predilecção: meigos, silenciosos, acomodatícios... Este chama-se «Mickey» (paradoxos...) e é um angorá. Já tive gatos persas - mas foi uma tristeza. E sabe porquê...?

- Porquê...?

- Quando os gatos persas se limpam, lambendo-se todos, ficam com tantos pêlos na boca (autênticas bolas sedosas!), tantos e tantos, que morrem asfixiados... Nunca mais quis ter nenhum... Pois se os não posso salvar quando já não podem respirar! Este, quando acorda, pelas seis da manhã, vem à minha cama ter comigo. E os animais não nos dão desgostos...

A torre e o rio

Subitamente, Eugénio de Andrade abandona esta linguagem lírica, confessional, ingénua quase - e, do outro lado da mesa, deixando de manso cair o gato no soalho atapetado, diz-nos assim, uma certa secura na voz, os olhos mais distantes e frios:

- Mas era do Porto que eu deveria falar. Pois não foi isso que ficou entre nós combinado...? Falarmos sobre a vida intelectual do Porto...? Mas quem sou eu para emitir opiniões sobre tal assunto...? Quase nada, na verdade, posso dizer. Vivo isolado, afasto-me dos congressos, não vou sequer ao lançamento dos meus próprios livros. Vou até ao México, Marrocos, Grécia, Itália... Por aí me fico - e depois...

- Depois volta a esta rua tranquila...

- Ah, sim! Volto, depois, ao Porto. E sinto-me bem. Com excepção de algumas cidades do Alentejo e de Trás-os-Montes, o Porto é a cidade com mais carácter de todo o País. Tem a solidez, tem a limpidez da maneira de ser das pessoas que a habitam. Depois, sabe, vivo aqui mesmo junto do Jardim de S. Lázaro. Conhece, não conhece...? Sim, sim, tem a Biblioteca Municipal como pano de fundo, como os arcanos escondidos de todo o saber... Que jardim! Tem o encanto de ser um jardim fechado, profundo, parado... Que árvores...? Tílias e plátanos - e um repuxo no centro. Que sombra perfumada! Que mistério de geometria! E crianças a brincar, crianças em pequenas corridas, quase paradas também... Como me recordo dos passeios que por ali dei com o meu menino adoptivo pela mão!

Emocionou-se Eugénio de Andrade - e de olhos novamente acesos põe-se a falar de diversos motivos da cidade, de certos locais, deste e daquele recanto...

- Atente - diz-nos - na Torre dos Clérigos e no rio Douro. A Torre na vertical, o rio no horizontal. Para mim, é um diálogo entre duas linhas. Para quem sabe contemplar, e ver para além do rio e da Torre, essa é que é a fala íntima e cultural do Porto. Tudo, tudo está ali: a Torre ergue-se até às núvens, quase perene - e, reflectida no rio, nas águas do rio se vai... E mais ainda: vertical, a Torre é o elemento masculino; e o rio, horizontal, é o elemento feminino. A minha solidão, pode crer, não reflecte nenhuma espécie de petulância. De snobismo. Olhe: vivi com a Ditadura, não me alheei das questões políticas do país, votei sempre em todas as eleições que tem havido... Mas...

- Diga, Poeta...

Eugénio de Andrade ergueu-se, pôs música de câmara a rodar, olhou da janela o pequenino lódão a crescer de maneira invisível. E disse:

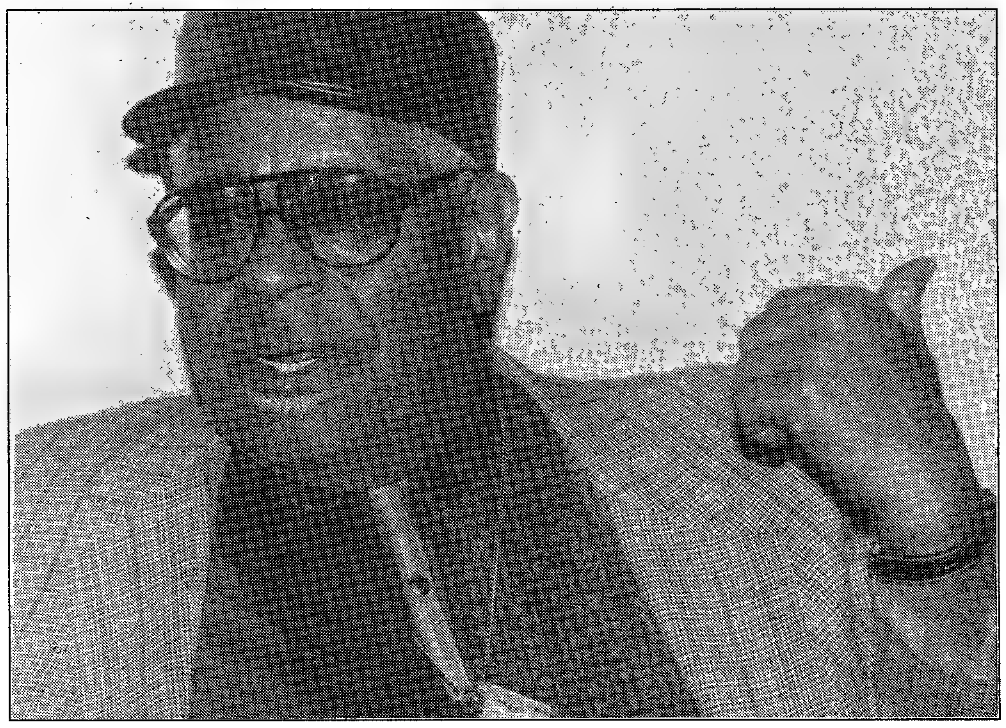
- Mas uma coisa é certa... Embora saiba que o Porto tem a sua vida intelectual (os seus escritores, os seus pintores, os seus músicos, os seus actores, os seus escultores, teatro, cinemas, galerias), a verdade é que, sem ofensa para ninguém, os meus interlocutores são a Torre e o rio. Com ambos dialogo - e sou a um tempo rio e Torre, Torre e rio, linha vertical e linha horizontal... Palavras de um poeta - dirá você.

Sejam, pois, palavras de um poeta - mas são também as palavras da verdade toda do ser humano que eu sou. Bem - não me pediu a morada da Agustina Bessa-Luís...? Aqui a tem. Como vê, até as moradas tenho dos nomes da vida intelectual do Porto. Mas estar na festa, ah, lá isso não... «Mickey»: é frio que tu tens, meu querido, não é...?

Pedro Alvim

Há dois anos, «O Inverno em Lisboa» era um romance espanhol que via com os olhos da paixão a capital portuguesa. Agora, o que está a decorrer nos estúdios da Tóbis são as filmagens da adaptação deste romance ao cinema

Uma Lisboa de sonho



Dizzy Gillespie: a razão de todas as dores de cabeça de Jose Antonio Zorrilla

Quem mais leva a peito o contacto com os outros, vive permanentemente surpreendido. «C'est la vie». Na passada terça-feira, convocados pela MGN para uma conferência de imprensa, os jornalistas foram à Tóbis, onde estão a decorrer as filmagens de «O Inverno em Lisboa», mas, surpreendidos, voltaram às respectivas redacções como delas haviam saído: José Zorrilla, realizador da película, mais impenetrável que uma esfinge, recusou-se a uma palavra que fosse e assim permaneceu, de mãos na cabeça, sentado sobre uma mesa de cenário.

A razão de tal atitude era simples e *quase* compreensível: Dizzy Gillespie, por motivos que não nos foi dado apurar, decidiu abandonar Portugal um dia mais cedo, sujeitando toda a equipa a um esforço suplementar e a uma concentração do calendário das filmagens. São as agruras a que se arrisca uma co-produção ibérico-francesa, sempre que procura cobrir alguma nudez com o esplendor dum outro firmamento.

Quem participa

Embora quatro dos sete principais papéis hajam sido distribuídos a actores espanhóis, apesar do realizador e de boa parte dos técnicos haverem vindo igualmente do país vizinho, «O Inverno em Lisboa» é uma co-produção ibérico-francesa. O produtor executivo Tino Navarro referiu ao DL que «Portugal participa no filme com actores, técnicos e 20% dos capitais», embora as duas primeiras componentes sejam muito mais relevantes que o aspecto financeiro.

Entre os actores portugueses constantes do elenco de «O Inverno em Lisboa» estão Carlos Wallenstein e Víctor Norte, dois «habitués» dos nossos palcos e, refira-se para esclarecimento dos muitos que os não conhecem daí, também das famigeradas novelas de produção nacional. A França, pátria de um outro cinema, trouxe à produção o contributo mais avultado. Santiago Biralbo e Lucrécia, o par cujo percurso afectivo nos é narrado no romance de António Muñoz Molina, são interpretados por dois actores de além Pirinéus. A «vamp» de serviço é Hélène de St. Père e o «herói» é Christian Vadim, um jovem a quem decerto não se daria mais do que a importância trivial nas andanças cinematográficas, caso ele não fosse o fruto dos amores de Catherine Deneuve e Roger Vadim. A tal propósito, a imprensa repetiu o lugar-comum destes casos: «Filho de peixe...» e Vadim Júnior conheceu, assim, meia concretização: só foi ultrapassado em matéria de popularidade por Dizzy Gillespie.

Consta, porém, que o contributo francês não se restringiu aos aspectos artísticos. Segundo afirmações do produtor espanhol Alegel Amigo, publicadas no «El Pais», a companhia de seguros francesa «Films Garantie France» terá financiado a produção, com um tipo de patrocínio que, até hoje ignorado na Península Ibérica, se encontra, no entanto, muito desenvolvido em outros estados europeus que, deste modo, atendem às renovadas exigências do mercado de audio-visuais.

Filmagens: a procura de uma Lisboa que não existe

A cidade a que Antonio Muñoz Molina traz o seu par de apaixonados não existe. É uma cidade de paixões invulgares, de quimeras desenfreadas como só o cinema ou a literatura podem conceber. A realidade é a que nós conhecemos, por um saber de experiência feito, adquirido mecanicamente até à morte ou, se quisermos, até que se dê um pontapé no destino. Não deixará, todavia, de ser curioso apreciar como Zorrilla pôs em linguagem cinematográfica essa Lisboa de sonho, imaginada por Muñoz Molina.

Para já, sabemos que houve exteriores rodados nos bairros ditos típicos, esses locais quase mágicos ao olhar que, como se escreve no romance, constituem «um labirinto de escadarias que nunca chegam aos lugares mais altos». Nos interiores, o elemento indispensável foi o bar com um piano (*play it again, Santiago*), fotografias de Duke Ellington penduradas nas paredes e muitos convivas de sotaque exótico,ou não fosse Lisboa aquilo que o romancista espanhol não cessa de repetir: « a única pátria possível para os que nascem estrangeiros». Como a «Casablanca» de Michael Curtis.

Maria João Martins

O livro

Há dois anos Antonio Muñoz Molina surpreendeu agradavelmente os portugueses. Até então fora um desconhecido, como o são, para nós, quase todos os vultos nascidos e criados no seio da cultura espanhola depois de Lope de Vega. Mas, ao dizer em «O Inverno em Lisboa», que a nossa capital é «a única pátria possível para os que nascem estrangeiros», Muñoz Molina conquistou as simpatias, sempre difíceis, aliás, da crítica literária cá do burgo. Ao fazer de Lisboa a meta ansiosamente desejada por Lucrécia e Santiago, um par amoroso como há muito não se usa, o escritor espanhol envolveu a cidade numa auréola de romance que até então se lhe não reconhecera. Como Paris, Casablanca e todas as paragens que pelo romantismo «se foram da lei da morte libertando», Lisboa foi sentida por Muñoz Molina como uma cidade onde não é possível viver sem uma paixão, uma aventura, um sonho «bigger than life». A realidade do quotidiano desmente-o. A Lisboa que conhecemos não é, como Paris ou Casablanca também não o são inteiramente, a metrópole onde tensões emocionais agitam clubes nocturnos decorados com fotografias de Duke Ellington.

Aos 29 anos de idade já conseguiu aquilo que muitos dos mais dotados não conseguem numa vida inteira: encenou e protagonizou Shakespeare; escreveu duas peças de teatro e a sua autobiografia; realizou, adaptou e foi o actor principal num filme de sucesso; é dono e senhor da sua própria companhia teatral, a Renaissance Theatre Company

Kenneth Branagh: a ambição de um jovem com pressa

Dotado de uma personalidade que combina um misto de «furacão» irlandês pleno de coragem e autoconfiança, com grande afabilidade, simplicidade e sentido de humor. Um homem que fala da arte e do teatro com entusiasmo, sensibilidade e um certo idealismo, mas que não esquece, ao mesmo tempo, os problemas práticos (leia-se, financeiros) relacionados com estas actividades, para os quais, ao contrário de muitos artistas, possui um jeito muito especial...

Eis Kenneth Branagh, o «menino prodígio» que mudou o panorama do teatro inglês, desejando demonstrar que Shakespeare é um dramaturgo acessível a toda a gente.

A imagem do «terror» que muitos estudantes portugueses sentem ou sentiram quando confrontados com textos de Camões e Gil Vicente, pode ser utilizada, também, para ilustrar o temor dos britânicos por Shakespeare.

Aliás, no filme «O Clube dos Poetas Mortos», que tanto êxito tem tido junto do público jovem, há, relativamente ao grande dramaturgo inglês, uma cena elucidativa: quando Robin Williams, no papel de professor de literatura, anuncia que vai ensinar Shakespeare, sente-se, na sala de aula, o sinal da decepção e do aborrecimento.

A intenção e o principal objectivo de Kenneth Branagh (tal como o de Robin Williams, no filme) é «mostrar Shakespeare de uma forma não intimidatória». Como afirmou ao «DL», «sou o director artístico da companhia e porque não possuo um vasto conhecimento das peças, quando as preparo, sinto um grande entusiasmo. Em geral, reajo às histórias e aos personagens de uma forma particular e que talvez não seja a mais académica.

«Tenho escolhido actores que não receiem o autor do "Hamlet", por isso representamo-lo frontalmente: muita gente não compreende e julga que o fazemos simplistamente. Não penso que seja simplista, é diferente.

«Tem-se em vista torná-lo disponível para as pessoas. Confia-se na imaginação do público. Não quer isto dizer que não haja cenários nem iluminação, significa que se está a forjar um estilo no qual o actor é, basicamente, o meio através do qual as peças são levadas, transportadas, para o "outro lado", para a audiência».

A importância de «Henry V», o filme

Mas estará, de facto, Branagh a atingir audiências mais vastas com a forma como está a apresentar as peças? O jovem actor pensa que sim e afirma que nos EUA milhões de pessoas viram a sua adaptação para cinema de «Henry V» e isso ajudou bastante, já que o cinema é uma forma mais acessível de dar a conhecer o poeta inglês.

Por outro lado, esse facto levou a que, em Los Angeles (local onde iniciaram a tourné que os vai levar a 16 outras cidades), muitas pessoas que não sonhariam assistir aos espectáculos teatrais o tivessem feito devido a terem visto o filme.

Quando se questiona o actor sobre a razão que o levou a realizar o filme este responde, invariavelmente, que foi o desejo de levar Shakespeare ao maior número possível de pessoas. «Em Inglaterra - acrescenta - Shakespeare representa uma espécie de barreira de classe. E eu pretendo remover essa barreira, pretendo retirar toda a carga elitista que existe, e o cinema é a mais eficaz forma de o fazer».

Mas, sem qualquer dúvida, existem mais (e fortes) razões para a passagem do teatro ao cinema. Quando Branagh falou pela primeira vez com Stephan Evans, futuro consultor financeiro da companhia, e este lhe perguntou quais eram os projectos para os quais necessitava de financiamento, aquele respondeu-lhe imediatamente que o mais importante era a realização do filme «Henry V».

De facto, não parecem ser apenas objectivos pedagógicos e sociais aqueles que o levaram, aos 28 anos, sem o mínimo de experiência de realização, a adaptar cinematograficamente a peça, com um orçamento quase ridículo e a arriscar uma carreira teatral segura. Há ambição, há a necessidade intensa de responder a desafios cada vez mais complexos: «Se alguém que eu não respeito me diz que não posso fazer qualquer coisa, sinto uma vontade ainda maior de a fazer».

É preciso não esquecer que ao escolher aquela peça, o jovem irlandês estava a enfrentar o risco enorme, e inevitável, da comparação com Laurence Olivier. Branagh não desvenda, na totalidade, a razão profunda da escolha. Limita-se a dizer que «a peça se presta, de uma forma especial, à adaptação cinematográfica».

Se algumas dúvidas restassem quanto ao prazer que retirou da feitura daquela obra, elas dissipar-se-iam com a leitura das páginas da sua autobiografia dedicadas à realização do filme. Aliás, refira-se que a Renaissance Theatre Company tem em vista a produção de mais dois filmes com base em obras do grande poeta inglês (uma delas será, provavelmente, «As You Like It»).

Mário Rocha

Kenneth Branagh

Utopia e realidade

A cumplicidade, a familiaridade, o facto de todos os 25 elementos da companhia receberem ordenados iguais (que não são elevados), o facto de trabalharem sem quaisquer subsídios estatais, não será tudo isto utópico? A este respeito Branagh afirma que, na verdade, «há uma quantidade grande de idealismo que quase diariamente é desafiado, devido aos problemas práticos que se põem à direcção de uma companhia de teatro. Há sempre problemas.

«O modo como a companhia funciona tem muito a ver com a química que se estabelece entre as pessoas. As pessoas têm de se empenhar e de assumir determinadas responsabilidades. O que não quer dizer que as pessoas não possam ter génio, temperamento. Eu gosto disso num artista, é importante.

«A Renaissance não é uma companhia de "carneiros". Há grandes e enérgicas personalidades. As pessoas podem vir gritar comigo ou com o David Parfitt (director executivo da companhia), nós estamos ali. Eu estou no camarim ao lado. Por isso não há razão para as pessoas ficarem caladas a «remoer» os seus problemas. Tudo isto tem a ver com a pequena dimensão da companhia.

De acordo com Branagh, os actores gostam de saber que podem falar com o director artístico. Que para isso não têm de marcar uma entrevista com seis meses de avanço, como acontecia na Royal Shakespeare Company. Nesta última, tudo se tornou grande de mais e é difícil chegar ao lado humano das coisas. Eu acho que a chave é a flexibilidade, e esta só é possível em companhias de dimensão mais reduzida.

«O tempo que passei na Royal Shakespeare Company permitiu-me, sobretudo, aprender imenso sobre a forma como gostaria, e deveria, dirigir uma companhia».

Kenneth Branagh «é» a Renaissance Theatre Company (RTC). Raras são as pessoas que duvidam disso, apesar dos elencos fabulosos que apresenta, apesar dos milagres financeiros realizados por Stephan Evans, apesar de todo o sucesso, apesar de tudo, não haveria RTC sem o irlandês. Segundo ele, a identificação é quase inevitável quando se foi a pessoa que deu o empurrão ao projecto, «durante o período inicial isso aconteceu realmente. Penso que é necessário que as pessoas tenham um ponto de referência, de convergência e, de facto, uma companhia de teatro requer um líder.

«O que pretendo dizer é que, como tenho responsabilidades tanto financeiras como artísticas é natural que as pessoas venham falar comigo sobre esses problemas. É justo que seja assim.

«Apesar de tudo, eu costumava sentir-me incomodado com aquele facto. Mas, realmente, a companhia não pode funcionar como um comité. Pode haver democracia, mas não um funcionamento comunal».

O melhor ainda está por fazer

Branagh escreveu uma peça satírica sobre a Royal Shakespeare Company, denominada «Tell Me Honestly» e outra com a qual se estreou a RTC, «Public Enemy». Publicou, ainda, «Beginning», uma autobiografia.

Encenou já inúmeras peças, entre as quais aquelas que estão a ser apresentadas em Portugal neste momento, o «Rei Lear» e o «Sonho de uma Noite de Verão».

Foi protagonista em inúmeras peças, entre as quais «Hamlet», «Henry V» (na Royal Shakespeare Company e no seu próprio filme) e em «Romeu e Julieta», para citar apenas algumas.

Participou em dois filmes e em duas séries de televisão. É realizador de cinema.

Tem projectos em curso em todas estas áreas.

Quem é Branagh?

Uma estrela? Um génio multifacetado? Terá apenas um bom sentido de oportunidade? Será um trabalhador incansável? Será um pouco de tudo isto?

Depois de tudo, e aos 29 anos, apetece perguntar o que lhe resta fazer... Respondenos com uma citação de Shakespeare, «(...) for the best is yet to do», que se encontra em epígrafe ao prefácio de «Beginning»

Mário Rocha

Eleições para a APE realizam-se hoje

As eleições para a Associação Portuguesa de Escritores realizam-se hoje. Existe uma única lista, liderada por Mário Ventura.

Artistas suspendem exposição do Montepio

A exposição de pintura e escultura comemorativa do 150º aniversário do Montepio Geral, patente no Palácio Foz, foi suspensa por os artistas terem retirado os seus trabalhos.

Na origem, como o «D.L.» referiu na sua edição de sexta-feira, está a suspensão de um trabalho do pintor João Queirós que não agradou a um administrador.

Recorde-se que a exposição deveria ficar patente até dia 29, no Palácio Foz, seguindo depois para o Museu Soares dos Reis, no Porto, e Edifício Chiado, em Coimbra.

II Encontro do Jovem Actor realiza-se esta noite

Realizar-se-à hoje, às 21 e 30, no espaço jovem do Centro Nacional de Cultura, o II Encontro do Jovem Actor, subordinado ao tema «Que política teatral?». Estão inscritos como oradores Jorge Barreto Xavier, Miguel Abreu, director da revista «O Actor», João Grosso, Susana Borges, Filipe Crawford, Durval Lucena, António Jorge Cândido e Filipe Petronilho e os encenadores Carlos Fogaça e Alberto Lopes.

CULTURA E ESPECTÁCULOS

As livrarias são tomadas de assalto e nas editoras trabalha-se com um ritmo frenético - mais de duzentos nomes estavam condenados ao esquecimento - do estrangeiro chegam camiões TIR carregados de livros - as pessoas põem-se na fila até durante a noite

Praga, fome de escritores no índex

PRAGA - Esperam-no como um maná e nas famílias já estabeleceram os turnos nas longas bichas que se formam à frente das livrarias. É um TIR carregado de livros, impressos no estrangeiro, dos autores «proibidos» que voltaram a ter o direito de cidadania e publicação depois da revolução aveludada que levou o dramaturgo Vaclav Havel ao Castelo. O primeiro camião chegou em Dezembro e as obras que transportava esgotaram em poucas horas. O segundo camião chegará dentro de dias. Desde que os jornais divulgaram a notícia, as livrarias foram tomadas de assalto. Ninguém sabe quais as surpresas sairão das caixas. Será preciso estar pacientemente na bicha no coração da noite e esperar.

Nas editoras, com os tempos que correm, é proibido adormecer. Os redactores trabalham dia e noite num clima eléctrico e confuso, entre o tocar ininterrupto dos telefones e o suceder-se das mensagens arremessadas pelos telex. Começou a corrida aos escritores postos no índex e banidos das antologias. Uma competição onde ninguém quer chegar em último e onde todos querem ficar com, pelo menos, um título em exclusivo. A lista negra dos livros que foram retirados dos escaparates das livrarias e condenados pelos normalizadores ao esquecimento oficial, depois do sufocar da Primavera, inclui mais de trezentos nomes.

Um massacre da cultura checa que, escreveu Milan Kundera, «pela duração, dimensões e consistência, não tem igual desde a Guerra dos Trinta Anos». Louis Aragon falou de «Biafra do Espírito» e Heinrich Boell definiu a Checoslováquia como um «cemitério da cultura». Algum tímido sinal de reabilitação tinha emergido há uns meses na União oficial dos escritores que, ao contrário das outras associações artísticas, ainda não se dissolveu. Vozes isoladas, às quais o partido comunista reagia com obstinada surdez e dispensando doses homeopáticas de glasnost».

Anticipada por uma série de artigos e análises, a segunda reabilitação de Franz Kafka na história da Checoslováquia comunista (a primeira aconteceu durante a famosa conferência de Libice dedicada ao 80º aniversário do nascimento do escritor) foi continuamente adiada. Traduzido e impresso, «O Castelo» ainda permanece nos armazéns, confirma o poeta Karel Siktanc, presidente da Comuna dos Escritores, associação independente que conta já com a adesão de um milhar de leterados.

Os planos editoriais que previam a publicação, depois de «O Castelo», de «América» e «O Processo» foram agora acelerados.

Muito em breve farão a sua estreia nas livrarias, na versão integral e corrigida dos erros das anteriores edições, as obras de Nobel Seifert, há muitos anos absolutamente fora dos circuitos comerciais. Abatidas as barreiras da censura, e à espera de uma lei sobre a Imprensa e o sector editorial, as editoras preparam-se para a navegação nos mares inexplorados da concorrência e dos negócios. Nasce o mercado e com ele a possibilidade de financiamentos provenientes do estrangeiro e da criação de *joint venture*.

Assim, a luta pela publicação do «best-seller» e do autor na berra torna-se cada vez mais renhida. A lista dos escritores mais desejados - a maior parte dos quais pertence à geração que nos anos 60 se distinguiu pela defesa do processo de liberalização - dividem-se em dois filões: aquele da emigração e aquele dos leterados que ficaram no país depois de 68. No primeiro incluem-se entre outros Kundera, Josef Skvorechy, Jiri Kora, Pavel Kohout, Arnost Lustig (que, chegado da América, já assinou vários contratos), Antonin Brousek, Ivan Divis. O segundo inclui Havel, Siktanc, Ivan Klima, Jan Trefulka, Jaroslav Putik, Ivan Wernisch, Ludvik Vaculik, Egon Bondy, Karel Pecka, Eva Kanturkova.

Foi Havel a inaugurar, com o aparecimento do seu «Interrogatório à Distância», em Dezembro, a nova fase editorial (vinte mil exemplares impressos em ritmos frenéticos e esgotados numa manhã) e será ainda ele a manter-se no «top» das novidades, no próximo mês, com a colectânea de ensaios publicada pela editora do jornal «Lidowe Noviny» - bissemanário que em breve se tornará jornal diário.

Nas instalações, ainda provisórias, das redacções, onde trabalham batalhões de pintores, respira-se uma atmosfera de febril excitação. «Vamos ser os primeiros a chegar nas livrarias - anuncia orgulhosamente o director editorial Dusan Kubaler - decidimos estrear com uma súmula do pensamento político e filosófico de Havel porque as pessoas desconhecem as ideias do dramaturgo. O livro vai ajudar os leitores a comprender que as posições de Havel não são fruto de um cálculo político, mas têm longínquas e sólidas raízes».

«Lidowe Noviny», a primeira editora independente (sustenta-se através de um autofinanciamento), dirige-se a um público culto e seleccionado, sobretudo estudantes e intelectuais. Tem programada a publicação de três colecções - uma dedicada aos problemas sociopolíticos, a segunda dedicada às questões históricas, a partir do fim do século passado, a terceira ao teatro. Ao livro de Havel seguir-se-ão um ensaio do politólogo Milan Simecka, depurado da Primavera, com o título «O Fim do Imobilismo» e «1968», uma análise do sonho de liberdade destruído pelos tanques soviéticos, obra de Petr Pitlart, membro da Carta 77.

Interrompido o interminável jejum, a avalanche de títulos, há muito tempo tabu, que vai invadir as livrarias não acabará por prejudicar os escritores mais novos e saturar o mercado? «É um problema que deve ser enfrentado com uma reflexão à parte - admite Karel Siktanc, expulso das bibliotecas após a invasão soviética - as editoras procuram assinar contratos com o maior número possível de escritores proibidos. Esta situação não é de certo das melhores. Há o risco de inflacionar o mercado com tiragens altíssimas, como aconteceu em 68 e de bloquear a estreia de novos talentos». A preocupação é patente nas opiniões expressas pelos responsáveis das editoras. «O crescimento vai durar um ou dois anos, no máximo, depois as tiragens diminuirão bruscamente - afirma Petr Kohacek, director de uma das mais famosas livrarias de Praga - a situação actual é semelhante à aquela vivida em 1918, quando foram publicados muitos livros sobre Masarik, a resistência e outros temas tabu. Também nessa altura apareceram muitos «garimpeiros» que achavam o mercado editorial um negócio capaz de dar muitos lucros. Em quatro anos o mercado tinha chegado à saturação e em 1926 encontrava-se já em crise. É preciso tomar atenção e não produzir mais livros do que os leitores possam realmente absorver.»

Qual é a estratégia, os critérios que o sindicato dos escritores sugere para o futuro? «Um exame caso a caso - responde Siktanc - vamos propor a publicação de um livro ao ano para cada escritor, mas serão os escritores e as editoras a decidir.» O poeta convidou Kundera a regressar para Praga. «Fazes-nos falta», escreveu no princípio da carta enviada para Paris. Kundera comovido respondeu que regressará à Checoslováquia quando «o clima de euforia e o interesse dos jornalistas diminuir» permitindo-lhe um encontro «estritamente íntimo» com o seu país.

Marina Tavares Dias

Uma livraria da Praça Vescenlau. Num país com grandes hábitos de leitura, espera-se agora o regresso aos escaparates dos escritores "malditos"

Sandro Scabello
«Corriere della Sera» / «DL»
Trad: Alessandra Balsamo

Palmela recebe exposição da Ordem de Santiago

Várias obras de arte referentes à Ordem de Santiago estarão patentes ao público na exposição O Castelo e a Ordem de Santiago na História de Palmela, que decorre nesta vila, de 28 de Abril a 9 de Setembro.

A exposição, que se realiza na igreja de Santiago e dependências anexas situadas no Castelo de Palmela, inclui pinturas e esculturas, entre outras obras pela primeira vez reunidas em Portugal.

"A Arqueologia do Concelho e a História do Castelo", "A História da Ordem de Santiago", "Armaria", "Cavaleiros e Mestres", "Património e Arte" e "Economia, Cultura e Quotidiano" constituem os núcleos em que está dividida a exposição, paralelamente à qual decorrerão espectáculos de música e teatro, conferências, bem como outras acções de animação cultural.

A organização da exposição está a cargo da Câmara Municipal de Palmela, que irá adaptar a Igreja de Santiago e locais circundantes, instalar um sistema de controlo de humidade, temperatura e de segurança visando garantir a integridade das peças expostas.

A autarquia pretende com esta exposição "intensificar o recenseamento e estudo dos materiais e documentação que permitam, nos próximos anos, levar a cabo a concretização de um núcleo museulógico no Castelo de Palmela".

Entre as obras expostas encontram-se o "Retábulo da Vida e Ordem de Santiago", constituído por oito painéis de pintura a óleo sobre madeira da escola luso-flamenga do século XVI, uma espada com guarnição à portuguesa e um capacete do século XV, uma armadura de torneio do século XVI, elmos dos séculos XV e XVI e uma espingarda de chenapan, do século XVI.

Uma cruz da Ordem de Santiago e várias insígnias de cavaleiro da ordem, do século XVIII, bem como mapas e documentação vária, esculturas de Cristo e relógios de sol portáteis, são outras das peças presentes na exposição.

A comissão de honra da exposição é presidida por Mário Soares e dela fazem parte o secretário de Estado da Cultura, o presidente do Instituto Português do Património Cultural, o comissário-geral para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, o bispo de Setúbal, bem como José Saramago e Agostinho da Silva, entre outros.

DESPORTO

Campeonatos nacionais de futebol

«Dragões»: só faltam cinco pontos

Nomes e números

Boavista-Portimonense

Árbitro: Fortunato Azevedo (Braga).

BOAVISTA — Hubart; Jaime, Garrido, Valdir, Marcos António, Agatão, Parente, Forbs (Chiquinho Carioca, aos 85 minutos), Jorge Andrade, Isaías e Holmberg (Phil Walker, aos 72).

PORTIMONENSE — Figueiredo; Chico Zé, Bezinsky, Major (Voynov, aos 61), Matos, Floris, Guetov, José Pedro, Skoda, Luciano e Aurélio.

A intervalo: 0-0.

Golo de Parente, aos 49 minutos.

Acção disciplinar: não houve.

E. Amadora-Penafiel

Árbitro: Adão Mendes (Braga).

ESTRELA DA AMADORA — Melo; Costeado (Rui Jorge), Duílio, Barny e Rui Neves; Rebelo, Bobó, Nelson Borges e Ricky; Baroti e Paulo Jorge (Ricardo, aos 31).

PENAFIEL — Cerqueira; Vinha, Chico Nikita, Vasco e Artur; China, Secretário, Rui Manuel e Amâncio (Rebelo, 42); Coelho (Germano, 85) e Adão..

Acção disciplinar: cartão amarelo para Secretário, Duílio e Ricky.

Golo de Coelho (72 m).

Tirsense-Sporting

Árbitro: Juvenal Silvestre (Setúbal).

TIRSENSE — Lúcio; Bio, Vlamecir, Louro, Jorge, José Maria, Eusébio, Quim, César (Kipulo, 83), Tueba e Vitinha (Borges, 62).

SPORTING — Ivkovic; Marinho (Edel, 45), Paulo Torres, Venâncio, Luisinho, Miguel, Litos (Lima, 68), Douglas, Gomes, Carlos Xavier e Cadete.

Ao intervalo: 1-0.

Golos de Vlamecir (17) e Luisinho (80).

Acção disciplinar: cartão amarelo a José Maria (22), Douglas (45), Vlamecir e Venâncio e Ivkovic (67).

Feirense-Benfica

Árbitro: Soares Dias (Porto).

FEIRENSE — Rufino; Licínio, Valido (Ribeiro, 59), Costa, Marcelino, Couto, Pedro Martins, Artur, Resende (Quito, 73), João Luís e Morgado.

BENFICA — Silvino; José Carlos, Samuel, Paulo Madeira, Paulinho, Vítor Paneira (Lima, 77), Hernâni, Pacheco (Vata, 70), César Brito, Chalana e Magnusson.

Ao intervalo: 0-1.

Golos de Magnusson (45) e João Luís (65).

Acção disciplinar: cartão amarelo a César Brito (47).

Vitória de Setúbal-Beira-Mar

Árbitro: Manuel Nogueira (Porto).

VITÓRIA DE SETÚBAL — Jorge Martins; Hélio, Figueiredo, Jorge Ferreira, Dito, Gil (Lufemba, 46), Serra, Jaime Pacheco, Aparício, Mladenov e Makukula.

BEIRA-MAR — Quim; Redondo, Petrov, Dinis, Ivan, Sousa, Freire (Jarbas, 70), João Paulo (Paquito, 53), Penteado, Abdel Ghany e Mário Jorge.

Acção disciplinar: cartão amarelo a Jaime Pacheco, aos 76 minutos.

Chaves-Guimarães

Árbitro: Sepa Santos (Lisboa).

CHAVES — Jesus; Vicente, Filgueira, Manuel Correia, Rogério, Gilberto, Miranda (Jorge Silvério, aos 45 minutos), Diamantino, Rudi, Slavkov (David, 30 m) e Tanev.

GUIMARÃES — Madureira; Alberto, Germano, Basílio, Jorge, Cerqueira, João Baptista, (Vítor Santos, 88 m), Carvalho, Roldão, Soeiro e Chiquinho.

Acção disciplinar: cartões amarelos a Rudi (12 minutos), Basílio (15 m) e Cerqueira (17).

Belenenses-Nacional

Árbitro: Francisco Caroço (Portalegre).

BELENENSES — Mihailov; Galo, Oliveira, Edmundo, Grosso, Juanico, Jaime, Adão (Macaé, 68), Saavedra (Jorge Silva, 30), Gonçalves e Chiquinho.

NACIONAL — Gilmar; Heitor, Paulito, Ladeira, Edu, Cristiano (Toninho, 69), Robertinho, Sylvanus, Dinis, Paulo Sérgio e Edmilsson (Dino, 55).

Ao intervalo: 0-0.

Acção disciplinar: cartão amarelo para Robertinho, 71 minutos, e Paulo Sérgio, 89.

União-Porto

Árbitro: Pinto Correia (Lisboa).

UNIÃO — Pimenta; Nelinho, Jorge Costa, Mota e Casimiro; Monteiro (Edilson, 67), Jairo, Renato e Markovic (Rogério, 75); Ricardo Jorge e Hajry.

FC PORTO — Vítor Baía; Paulo Pereira, Demol, Geraldão e Branco (Kiki, 87); Jaime Magalhães, Semedo e André; Rui Águas, Madjer e Jorge Couto (Nascimento, 72).

Acção disciplinar: cartão amarelo ao médico do União e a Ricardo Jorge.

Golos de Jaime Magalhães, (40 minutos) e Mota (77 na p.b.). ••

Braga-Marítimo

Árbitro: Rosa Santos (Beja).

BRAGA — Luís Manuel; Chico Silva, Vítor Duarte, Moroni e Laureta; João Mário, Fernando Pires e Quim II; Santos, Vinicius (Vermelhinho, 35) e Radi (Eskilson, 73).

MARÍTIMO — Everton; Rui Vieira (Marquinhos, 60), Teixeira, Carlos Jorge e Andrade; José Luís, Nunes, João Luís (Higino, 18) e Esquerdinha; Paulo Ricardo e Vando.

Golos de Vinícius (9 e 20 m, o último de g.p.) e Laureta (75 m).

RESULTADOS

BELENENSES	1-0	NACIONAL
CHAVES	0-0	GUIMARÃES
SETÚBAL	0-0	BEIRA MAR
FEIRENSE	1-1	BENFICA
TIRSENSE	1-1	SPORTING
E. AMADORA	0-1	PENAFIEL
BOAVISTA	1-0	PORTIMON.
BRAGA	3-0	MARÍTIMO
U. MADEIRA	0-2	PORTO

Próxima jornada (depois de amanhã, dia 25, feriado nacional): Porto - Estrela da Amadora; Benfica - Tirsense; Beira Mar - Guimarães; Nacional - Vitória de Setúbal; Penafiel - Belenenses; Portimonense - União da Madeira; Sporting - Boavista; Marítimo - Feirense; e Braga - Chaves.

RENAULT
FERNANDO DE OLIVEIRA & FILHOS, LDA
Vendas: Rua Miguel Bombarda, 26
Sete Portais - Telha
Assistência - Peças: Sete Portais - Telha
2830 BARREIRO

CLASSIFICAÇÃO

	J	V	E	D	G	P
1.° **F.C. PORTO**	29	24	4	1	65-13	52
2.° Benfica	29	19	9	1	69-15	47
3.° Sporting	29	15	10	4	36-21	40
4.° V. Guimarães	29	15	10	4	38-21	40
5.° Belenenses	29	14	4	11	29-28	32
6.° V. Setúbal	28	12	7	9	32-26	31
7.° D. Chaves	29	9	12	8	29-34	30
8.° Beira Mar	29	10	7	12	19-31	27
9.° Boavista	29	10	7	12	40-30	27
10.° E. Amadora	29	9	8	12	31-26	26
11.° Tirsense	29	6	14	9	18-26	26
12.° Sp. Braga	29	8	9	12	28-33	25
13.° Marítimo	29	4	14	11	19-36	22
14.° U. Madeira	29	5	11	13	21-36	21
15.° Penafiel	29	7	7	15	20-44	21
16.° Nacional	29	4	12	13	24-42	20
17.° Portimon.	29	5	7	17	21-46	17
18.° Feirense	28	4	8	16	19-48	16

Mats Magnusson golo n.º 30

O benfiquista Mats Magnusson — autor do golo da sua equipa em Santa Maria da Feira — continua bem firme no comando da lista dos melhores rematadores nacionais com 30 golos no activo. Seguem-se: Rui Águas (16), Madjer (Porto), Guetov (Portimonense), Ricky (Estrela da Amadora) e Mladenov (Vitória de Setúbal), todos com 12, Vata (Benfica), Demol (FC Porto), Monteiro (União), Chiquinho (Belenenses), Isaías (Boavista) e Jorge Andrade (também do Boavista) todos com 10. Com nove tentos encontram-se o flaviense Tanev e o vimaranense Chiquinho.

II Divisão: confusão continua

Zona Norte

Bragança - Infesta, 1-4; Fafe - Paços de Fe reira, 3-0; Felgueiras - Famalicão, 0-0; Freamunde - Aves, 1-1; Joane - Gil Vicente, 0-0; Maia - Trofense, 7-2; Rio Ave - Marco, 2-0; Vianense - Leixões, 1-0 e Vizela - Varim, 0-1.

	J	V	E	D	G	P
1.° **FAMALICÃO**	27	14	9	4	43-18	37
2.° G. Vicente	26	16	5	5	38-21	37
3.° Maia	26	13	9	4	42-23	35
4.° Freamunde	27	12	9	6	36-26	33
5.° P. Ferreira	27	14	4	9	44-29	32
6.° Aves	27	13	5	9	36-28	31
7.° Varzim	27	12	5	10	36-28	29
8.° Fafe	27	10	7	10	31-23	27
9.° Leixões	27	10	7	10	37-37	27
10.° R. Ave	27	9	9	1 9	35-35	27
11.° Infesta	27	9	8	10	44-43	26
12.° Bragança	27	10	6	11	32-42	26
13.° Felgueiras	27	8	7	12	19-32	23
14.° Joane	27	7	8	12	22-33	22
15.° Vianense	27	8	6	13	29-42	22
16.° Vizela	27	7	6	14	23-34	20
17.° Trofense	27	5	7	15	22-48	17
18.° Marco	27	3	7	17	16-43	13

Próxima jornada: Gil Vicente - Infesta; Aves - Joane; Marco - Freamunde; Trofense - Rio Ave; Leixões - Maia; Varzim - Vianense; Paços de Ferreira - Vizela; Famalicão - Fafe e Felgueiras - Bragança.

Zona Centro

Académica - Académico de Viseu, 1-0; Águeda - Guarda, 2-0; Caldas - Oliveira do Bairro, 2-1; Espinho - Peniche, 3-0; Mangualde - União de Leiria, 0-2; Marialvas - Lousanense, 2-0; Mirense - União de Lamas, 2-2; Salgueiros - Benfica de Castelo Branco, 3-0; e Sporting da Covilhã - Oliveirense, 1-0.

	J	V	E	D	G	P
1.° **ESPINHO**	27	20	2	5	55-15	42
2.° Salgueiros	27	18	5	4	60-17	41
3.° U. Leiria	27	17	6	4	52-13	40
4.° Académica	27	14	5	8	44-29	33
5.° A. Viseu	27	13	7	7	39-26	33
6.° Águeda	27	12	7	8	34-24	31
7.° Mirense	27	12	7	8	37-31	31
8.° U. Lamas	27	13	1	13	39-38	27
9.° S. Covilhã	27	13	1	13	34-36	27
10.° Mangualde	27	11	2	14	36-41	24
11.° Marialvas	27	8	8	11	18-29	24
12.° B.C. Branco	27	9	6	12	26-38	24
13.° Caldas	27	11	2	14	24-41	24
14.° Guarda	27	9	4	14	22-40	22
15.° Oliveir.	27	8	5	14	27-34	21
16.° Lousan.	26	5	5	16	22-49	15
17.° O. Bairro	27	2	10	15	20-54	14
18.° Peniche	26	3	5	18	14-48	11

Próxima jornada: Académico de Viseu - Guarda; União de Lamas - Académica; Oliveira do Bairro - Mirense; Benfica de Castelo Branco - Caldas; Oliveirense - Salgueiros; Peniche - Sporting da Covilhã; União de Leiria - Espinho; Lousanense - Mangualde e Marialvas - Águeda.

Zona Sul

Barreirense - Atlético, 2-0; «O Elvas» - Sintrense, 4-1; Estoril - Juventude, 3-0; Louletano - Farense, 2-0; Lusitano de Évora - Alverca, 1-1; Olhanense - Lusitano de Vila Real, 1-2; Olivais e Moscavide - Portalegrense, 1-0; Samora Correia - Seixal, 0-1 e Silves - Torreense, 2-1

	J	V	E	D	G	P
1.° **FARENSE**	27	20	5	2	64-16	45
2.° Louletano	27	15	8	4	41-16	38
3.° Estoril	27	13	11	3	31-17	37
4.° Barreirense	27	16	4	7	43-21	36
5.° «O Elvas»	27	14	7	6	42-21	35
6.° Torreense	27	13	7	7	44-22	33
7.° L. V. Real	27	10	11	6	28-19	31
8.° Alverca	27	12	7	8	36-34	31
9.° Juventude	27	10	11	6	29-32	31
10.° Silves	27	9	10	8	30-23	28
11.° Olhanense	27	8	9	10	29-32	25
12.° L. Évora	27	6	10	11	30-43	22
13.° O. Moscavide	27	6	7	14	26-44	19
14.° Seixal	27	6	6	15	19-43	18
15.° Atlético	27	6	5	16	30-39	17
16.° Portalegr.	27	4	9	14	25-60	17
17.° Sintrense	27	4	5	18	17-53	13
18.° S. Correia	27	1	9	17	18-47	11

Próxima jornada: Portalegrense - Sintrense; Juventude - Olivais e Moscavide; Torreense - Estoril; Lusitano de Vila Real - Silves; Farense - Olhanense; Alverca - Louletano; Seixal - Lusitano de Évora; Atlético - Samora Correia e Barreirense - «O Elvas».

Campeonatos nacionais de futebol

III Divisão: pelotões muito compactos

Série A

Caminha - Valdevez, 1-0; Celoricense - Amares, 0-1; Lanheses - Macedo de Cavaleiros, 1-0; Maria da Fonte - Prado, 1-1; Mirandela - Vila Pouca, 2-1; Moreirense - Esposende, 1-1; Ponte da Barca - Vampaços, 3-0; Ribeirão - Vieira, 1-0; e Santa Maria - Delães, 4-0.

	J	V	E	D	F-C	P
1.º **ESPOSENDE**	29	14	13	2	43-20	41
2.º Moreirense	29	14	11	4	43-23	39
3.º Mirandela	29	12	10	7	48-30	34
4.º Delães	29	14	6	9	40-40	34
5.º Caminha	29	12	9	8	30-18	33
6.º S. Maria	29	12	7	10	35-38	31
7.º Celoricense	29	11	7	11	38-29	29
8.º Valpaços	29	10	9	10	34-32	29
9.º P. Barca	29	11	7	11	27-27	29
10.º M. Cavaleiros	29	11	7	11	31-38	29
11.º Amares	29	9	10	10	28-27	28
12.º M. Fonte	29	6	16	7	22-24	28
13.º Vieira	29	9	8	12	30-31	26
14.º Valdevez	29	5	15	9	26-28	25
15.º Lanheses	29	9	7	13	29-34	25
16.º Prado	29	9	6	14	18-30	24
17.º V. Pouca	29	7	6	16	25-42	20
18.º Ribeirão	29	4	10	15	17-53	18

Próxima jornada: Prado - Amares; Vieira - Maria da Fonte; Valpaços - Ribeirão; Macedo de Cavaleiros - Ponte da Barca; Vila Pouca - Lanheses; Valdevez - Mirandela; Delães - Caminha; Esposende - Santa Maria; e Moreirense - Celoricense.

Série C

Alba - Luso, 1-0; Anadia - Valonguense, 3-0; Estarreja - Santacombadense, 4-1; Gouveia - Ovarense, 1-2; Mealhada - Oliveira do Hospital, 2-0; Mortágua - Sabugal, 4-0; Oliveirinha - União de Coimbra, 2-0; Tabuense - Argus, 1-0; e Valecambrense - Seia, 0-2.

	J	V	E	D	F-C	P
1.º **ANADIA**	29	20	4	5	51-19	44
2.º Santacomb.	29	19	2	8	31-20	40
3.º Ovarense	29	15	9	5	51-16	39
4.º Estarreja	29	15	6	8	53-25	36
5.º U. Combra	29	14	6	9	53-28	34
6.º Valong.	29	12	9	8	36-33	33
7.º Mealhada	29	12	8	9	33-28	32
8.º Luso	29	10	11	8	30-22	31
9.º O. Hospital	29	10	11	8	34-30	31
10.º Gouveia	29	9	12	8	28-21	30
11.º Oliveir.	29	9	10	10	29-33	28
12.º Alba	29	9	9	11	29-29	27
13.º Argus	29	9	9	11	32-33	27
14.º Seia	29	8	8	13	42-38	24
15.º Tabuense	28	9	6	13	25-33	24
16.º Mortágua	29	5	10	14	23-39	20
17.º Sabugal	28	3	5	20	22-93	11
18.º Valecambr.	29	3	3	23	16-78	9

Próxima jornada: Argus - Santacombadense; Valonguense - Tabuense; Oliveira do Hospital - Anadia; Ovarense - Mealhada; Seia - Gouveia; Luso - Valecambrense; União de Coimbra - Alba; Sabugal - Oliveirinha; e Mortágua - Estarreja.

Série E

Cartaxo - Oriental, 1-3; Fanhões - Santa Clara, 1-2; Futebol Benfica - Almeirim, 1-3; Loures - Lusitânia, 4-0; Odivelas - Borbense, 3-2; Portosantense - Câmara de Lobos, 4-0; Praiense - Cacém, 2-0; Sacavenense - Fronteirense, 1-1; e Vilafranquense - Campomaiorense, 1-0.

	J	V	E	D	F-C	P
1.º **S. CLARA**	29	16	7	6	48-35	39
2.º Oriental	29	14	10	5	37-20	38
3.º Sacavene.	29	12	11	6	33-19	35
4.º U. Almeirim	29	14	6	9	49-28	34
5.º Campomaior.	29	14	5	10	44-22	33
6.º F. Benfica	29	11	10	8	34-32	32
7.º Portosant.	29	11	9	9	41-29	31
8.º Loures	29	9	12	8	35-34	30
9.º Vilafranq.	29	10	9	10	27-25	29
10.º Fanhões	29	10	9	10	26-29	29
11.º Praiense	29	10	9	10	19-24	29
12.º Odivelas	29	10	7	12	37-37	27
13.º Lusitânia	29	10	7	12	25-28	27
14.º C. Lobos	29	6	13	10	19-30	25
15.º Borbense	29	7	10	12	24-40	24
16.º S.L. Cartaxo	29	5	11	13	29-48	21
17.º Cacém	29	6	8	15	23-44	20
18.º Fronteir.	29	5	9	15	17-43	19

Próxima jornada: Oriental - Lusitânia dos Açores; Borbense - Cartaxo; Almeirim - Odivelas; Campomaiorense - Futebol Benfica; Fronteirense - Vilafranquense; Santa Clara - Sacavenense; Câmara de Lobos - Fanhões; Cacém - Portosantense; e Praiense - Loures.

Série B

Amarante - Vila Real, 0-3; Cinfães - Santa Marta de Penaguião, 2-1; Leça - Valadares, 4-0; Lixa - Sanjoanense, 1-2; Paredes - Paivense, 3-2; Pedrouços - Lousada, 1-1; Régua - Rio Tinto, 1-0; Sandinenses - Ermesinde, 2-2; e Valonguense - Lustiânia, 2-0.

	J	V	E	D	F-C	P
1.º **LOUSADA**	29	18	7	4	56-27	43
2.º V. Real	29	15	6	8	47-26	36
3.º Paredes	29	13	10	6	48-28	36
4.º Amarante	29	12	11	6	37-28	35
5.º Sanjoan.	29	14	6	9	46-32	34
6.º Valong.	29	12	9	8	36-30	33
7.º Lusitânia	29	11	10	8	35-29	32
8.º Leça	29	11	9	9	43-31	31
9.º Lixa	28	12	6	10	35-27	30
10.º Ermesinde	29	12	6	11	31-26	30
11.º Pedrouços	29	9	11	9	41-42	29
12.º Sandinenses	29	9	9	11	25-32	27
13.º Régua	28	9	8	11	27-30	26
14.º R. Tinto	29	8	6	15	29-47	22
15.º Cinfães	29	7	7	15	28-60	21
16.º S.M. Penaguião	29	6	7	16	28-45	19
17.º Valadares	29	4	11	14	21-50	19
18.º Paivense	29	4	9	16	26-49	17

Próxima jornada: Sanjoanense - Rio Tinto; Vila Real - Lixa; Santa Marta de Penaguião - Amarante; Ermesinde - Cinfães; Valadares - Sandinenses; Paivense - Leça; Lousada - Paredes; Lusitânia - Pedrouços; e Valonguense - Régua.

Série D

Alcains - Fátima, 3-1; Estrela de Portalegre - União de Tomar, 0-1; Ferrel - Bombarralense, 0-0; Marrazes - Sertanense, 3-0; Marinhense - Alfeizerense, 3-0; Mirandense - Naval, 0-0; «Os Nazarenos» - Alcanenense, 1-1; Torres Novas - Alcobaça, 0-0; e União de Santarém - Castelo de Vide, 1-1.

	J	V	E	D	F-C	P
1.º **U. TOMAR**	29	17	10	2	38-11	44
2.º Mirandense	29	17	7	5	47-11	41
3.º Naval	29	16	9	4	55-22	41
4.º U. Santarém	29	15	8	6	42-19	38
5.º Alcobaça	29	11	13	5	31-20	35
6.º C.D. Fátima	29	12	10	7	49-25	34
7.º T. Novas	29	11	10	8	42-36	32
8.º Sertanense	29	9	14	6	31-29	32
9.º Alcanenense	29	8	15	6	36-23	31
10.º Marinhense	29	7	14	8	29-33	28
11.º Bombarral.	29	4	17	8	19-27	25
12.º E. Portalegre	29	7	9	13	24-45	23
13.º Alcains	29	6	10	13	33-40	22
14.º «Os Nazarenos»	29	7	8	14	30-41	22
15.º C. Vide	29	8	6	15	23-47	22
16.º Marrazes	29	6	8	15	20-42	20
17.º Alfeizerense	29	5	8	16	24-52	18
18.º Ferrel	29	5	4	20	19-69	14

Próxima jornada: Alcobaça - Castelo de Vide; Naval - Torres Novas; Sertanense - Mirandense; Bombarralense - Marrazes; Alfeizerense - Ferrel; Fátima - Marinhense; Alcanenense - Alcains; União de Tomar - «Os Nazarenos»; e Estrela de Portalegre - União de Santarém.

Série F

Amora - Almancilense, 2-0; Esperança de Lagos - Sesimbra, 4-0; Estrela de Vendas Novas - Trafaria, 2-1; Imortal - Quarteirense, 1-1; Leões de Tavira - Montijo, 1-0; Moura - Palmelense, 2-2; Pescadores - Beja, 1-1; Quimigal - Vasco da Gama, 1-2; e Santiago do Cacém - União de Montemor, 1-1.

	J	V	E	D	F-C	P
1.º **MONTIJO**	29	17	7	5	56-24	41
2.º Amora	29	16	6	7	48-29	38
3.º Quarteir.	29	13	11	5	60-29	37
4.º S. Cacém	29	13	10	6	53-31	36
5.º Almancil.	29	14	8	7	31-23	36
6.º Moura	29	11	12	6	42-33	34
7.º V. Gama	29	14	6	9	35-36	34
8.º U. Montemor	29	14	5	10	49-30	33
9.º E. Lagos	29	12	9	8	46-31	33
10.º Imortal	29	9	10	10	40-40	28
11.º Palmel.	29	9	9	11	41-41	27
12.º L. Tavira	29	8	11	10	20-22	27
13.º Quimigal	29	6	12	11	25-34	24
14.º Pescadores	29	9	6	14	32-49	24
15.º Beja	29	8	8	13	28-46	24
16.º E.V. Novas	29	5	9	15	25-45	19
17.º Trafaria	29	3	11	15	26-69	17
18.º Sesimbra	29	3	4	22	18-64	10

Próxima jornada: Vasco da Gama - Beja; Trafaria - Quimigal; Almancilense - Estrela de Vendas Novas; Quarteirense - Amora; Sesimbra - Imortal; Montijo - Esperança de Lagos; União de Montemor - Leões de Tavira; Palmelense - Santiago do Cacém; e Moura - Pescadores.

TOTOBOLA

A chave

U. Madeira - Porto 2
Feirense - Benfica X
Chaves - Guimarães X
Setúbal - Beira Mar X
Belenenses - Nacional 1
E. Amadora - Penafiel 2
Boavista - Portimon. 1
Tirsense - Sporting X
Braga - Marítimo 1
Felgueiras - Famalicão X
Académica - A. Viseu 1
Mangualde - U. Leiria 2
Louletano - Farense 1

TOTOLOTO

3 - 6 - 13 - 18 - 37 - 45 (17)

Concurso n.º 17/90
29 de Abril de 1990

Belenenses - Porto X
Boavista - Benfica X
U. Madeira - Sporting X

Guimarães - Nacional 1
Chaves - Beira Mar 1
Setúbal - Penafiel 1

E. Amadora - Portimon. .. X
Tirsense - Marítimo 1
Feirense - Braga 1

Bragança - G. Vicente 2
Vizela - Famalicão 2
Covilhã - U. Leiria 2
O. Moscavide - Torreense . 2

Totoloto Previsões

1.º prémio (6 números certos) 2 — 38 000 contos; 2.º, prémio (5+1) 14/16 — 13 300 contos; 3.º, prémio (5) 620 — 98 000$00; 4.º prémio (4) 34 700 — 1600$00; 5.º prémio (3) — 140$00.

Totobola Resultados finais

1.º prémio (13 resultados) 8 — 2 226 000$00; 2.º prémio (12) 208 — 85 242$00; 3.º prémio (11) 4134 — 4300$00.

Juniores

Zona 1: Boavista - Varzim, 2-1 e U. Coimbra - Guimarães, 1-2.

Zona 2: Braga - FC Porto, 1-4.

Zona 3: Nacional - Benfica, 0-0 e Farense - U. Tomar, 3-1.

Classificação: Farense, 3 pontos, Benfica e Nacional, 2, U. Tomar, 1.

Zona 4: Barreirense - Sporting, 1-1 e Setúbal - Est. Amadora, 3-2.

Classificação: Sporting, 3 pontos, Setúbal e Est. Amadora, 2, Barreirense, 1.

Governo aprovou estatuto de alta competição

Os desportistas de alta competição serão submetidos a exames «antidoping» nos treinos, tendentes a verificar a existência de substâncias dopantes, refere o estatuto do desportista de alta competição aprovado ontem pelo Governo.

Segundo o artigo 31.º (deveres especiais), *«os praticantes de alta competição são regularmente submetidos a exames de carácter aleatório, em competição ou fora dela, determinados pela autoridade desportiva competente e tendentes a verificar se se encontram sob efeito de dopagem»*.

No artigo seguinte, o estatuto prevê que *«o incumprimento dos deveres previstos no artigo anterior, bem como de quaisquer outros impostos pela lei ou pela ética desportiva, acarreta a suspensão ou retirada das medidas de apoios previstas neste diploma, conforme a gravidade do caso»*.

Ainda sobre a questão do «doping», o artigo 33.º, esclarece que *«a punição dos casos de dopagem detectados com referência a praticantes de alta competição é objecto de regime agravado nos termos do Decreto-Lei n.º 105/90, de 23 de Março, que regulamenta a prevenção e combate à dopagem no sistema desportivo português»*.

Mas, nem só de «doping» fala o novo Estatuto do Desportista de Alta Competição proposto pelo Ministério da Educação.

Considerando que o Estatuto de Alta competição é «um subsistema a que apenas poucos podem aceder», o diploma adianta que «o êxito internacional — principal objectivo desses praticantes — pelo entusiasmo que suscita, fomenta a generalização da prática desportiva, mesmo enquanto actividade de recreação, especialmente entre a juventude».

Este diploma estabelece um conjunto de medidas destinadas a proporcionar aos atletas a possibilidade de se dedicarem à carreira profissional e formação escolar.

Definição

Na definição do que é um atleta de alta competição, o diploma estabelece que *«são considerados de alta competição, os atletas que constarem do registo organizado pela Direcção-Geral dos Desportos, de acordo com os critérios técnicos estabelecidos para cada modalidade».*

Especificando os referidos critérios, o documento estabelece as seguintes prioridades: *«classificações obtidas nas provas desportivas internacionais e posição do praticante nas listas de classificação desportiva elaboradas pela Federação Internacional da modalidade.«*

«Deverão ser igualmente considerados de alta competição os praticantes que, pela sua idade e aptidões, aferidas pelos resultados obtidos no quadro competitivo próprio, demonstarem qualidades indicativas de, através da continuidade do treino especializado, virem a obter sucesso no plano internacional», adianta o citado documento.

O novo estatuto refere que sem prejuízo de outros apoios financeiros, designadamente privados, cabe à Direcção-Geral dos Desportos as seguintes funções: *«organizar o registo dos praticantes de alta competição, com todos os dados identificativos e caracterizadores destes, quer no plano desportivo quer no que se refere à sua situação escolar, profissional e militar.«*

Depois de estabelecer as atribuições federativas, o diploma prevê que aos praticantes de alta competição devem ser facultados horários escolares que melhor se adaptem à sua preparação desportiva, o que pode reflectir-se na frequência das aulas em turmas diferentes, admitindo-se o aproveitamento escolar por disciplinas.

A Direcção-Geral dos Desportos tem a responsabilidade de pedir a dispensa aos atletas que trabalhem por conta de outrem, sendo tais ausências caracterizadas com faltas justificadas não pagas.

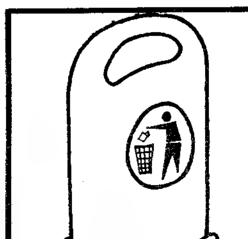
Aos praticantes de alta competição poderá ser concedido adiamento das provas de classificação e incorporação militar. Compete ao Ministério da Educação enviar ao Ministério da Defesa a relação dos praticantes e o período em que os mesmos são abrangidos por esta situação.

O documento prevê ainda o regime de requisição aos destacamentos de técnicos para apoio aos praticantes de alta competição.

Os praticantes de alta competição, que não possuam meios para suportar a sua especial preparação, têm direito, através da sua federação, a uma compensação financeira mensal para custear as despesas de deslocação para os treinos e provas desportivas, alimentação e outras resultantes das exigências.

Aos praticantes de alta competição é garantido um seguro desportivo especial, que terá em conta a especificidade da sua actividade desportiva e os respectivos graus de risco.

Aos que obtiverem resultados desportivos correspondentes aos níveis máximos de rendimento da modalidade serão atribuídos prémios em reconhecimento do valor, cujos montantes (extensivos às equipas técnicas) serão fixados através de regulamento especial.


CML
protejo a sua saúde
mantenha a tampa fechada

Nacional de futebol da I Divisão

Os deuses vestem de azul

Sem margem para qualquer dúvida: todos os santos vestiram de azul no fim-de-semana futebolístico da mais elevada instância. Entre os primeiros nove símbolos colocados na corrida, somente triunfaram os que transportam nas camisolas a cor do céu: Porto passeando na Madeira, nem uma só vez sentindo qualquer arrepio de frio; Belenenses sofrendo algumas agruras, mas vendo chegar a luz ao fundo do túnel quando um defesa do Nacional cortou com a mão o golpe de misericórdia que viajava a caminho do castelo de malha.

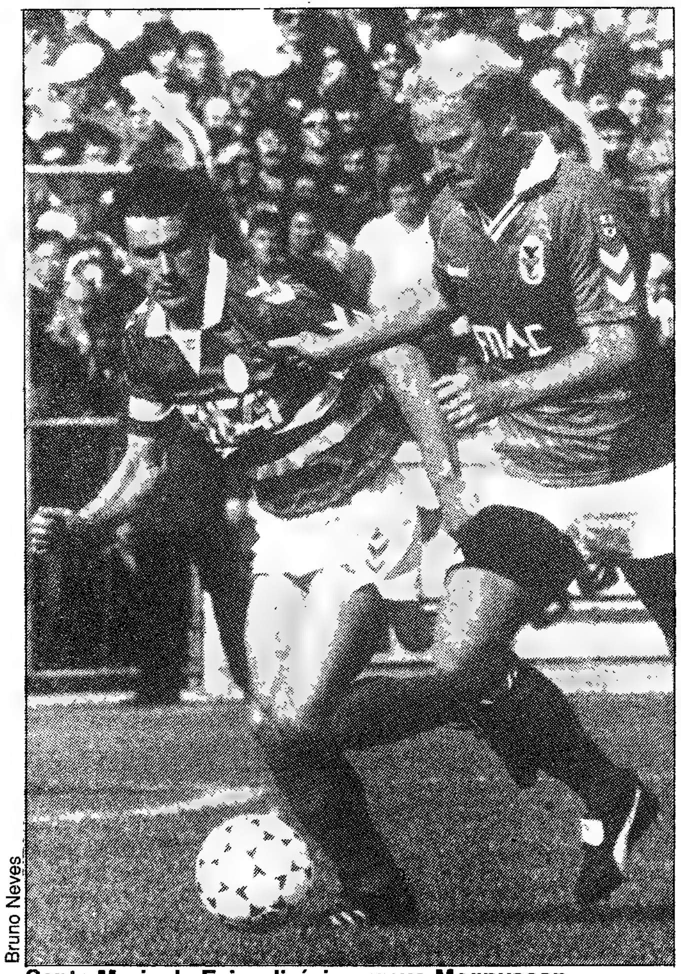
No Funchal, os «dragões» até se permitiram ao luxo de terminar a esgrima colocando no tabuleiro dois reservistas (Nascimento e Kiki) enquanto os unionistas parcas oportunidades tiveram de sair de um colete-de-forças que lhes foi cingido ao corpo mal se escutou o 1.º silvo arbitral. Ora, como os senhores das Antas já estavam sabedores dos novos deslizes de estandartes que (há semanas) lhe ofereciam réplica, mais fácil se tornou a tarefa dos alunos de Artur Jorge que, sem carregarem no acelerador, cada ronda mais dando a sensação de que tudo o que falta para assento na mesa do rei é somente deixar correr o marfim, vão sorrindo a pequenas dificuldades de percurso enquanto os rivais se estatelam ao comprido.

Na beira-Tejo, os restelianos chegaram a desesperar: mas, estendendo o espectáculo até à medida salvadora, o juiz Francisco Caroço espremeu o relógio e, como a carga da brigada ligeira obrigou Paulo Sérgio a meter mãozinha no percurso da esfera, surgiu Juanico a cobrar o recibo. Assim, cada vez mais desanuviado o período eleitoral dos homens da cruz de Cristo, igualmente a Europa (em duas frentes) está ao alcance do *sherife* Moisés, realmente uma válida aposta de Mário Rosa Freire e seus pares.

Doze magros golos, uma dúzia de paupérrimos disparos vitoriosos, preocupantes cautelas defensivas na quase maioria dos estandartes (técnicos com o credo na boca, blocos associativos incandescentes, o afã de entrar no palco com a pré-concebida ideia de logo defender o nulo carregado do balneário), um leque vasto de carências de ousadia continua, cada vez mais, escamoteando à arquibancada a festa que é alegria do Povo. E, nesta etapa 29, quatro empates, três triunfos pela margem mais diminuta, somente duas vitórias confortáveis e também apenas um par de triunfos em território alheio, dizem bem de uma inatacável verdade ciclicamente comprovada: conforme se caminha para o termo da corrida, perdido o galope e já faltando o trote em alguns cavalinhos, encontrado o corredor de fundo que melhor soube jogar as suas cartas no pano verde, mais ou menos resolvida a questão da escolha uefeira, quase tudo fica resumido a definir-se o triunvirado que tombará no fosso: e são ainda bastantes as bandeiras que não conseguem ondular ao vento, embora haja quem tenha sabiamente aproveitado a natural pausa para meditação de um «onze» que vira os olhares para o percurso até ao Jamor ou, em quota de mais elevada ambição, já mora no círculo de ouro de Viena de Áustria. Estará desse modo explicado o bonito êxito de penafidelenses na Reboleira, colhendo um Estrela da Amadora lancetado de valores expoenciais e dando (ao menos uma vez) razão de ser à 3.ª psicológica chicotada numa temporada que não baixou ainda os taipais. Simultaneamente, desprovido das vedetas brasileiras que o teimoso Lazaroni agora afirma não soltar das unhas para adequada preparação da esgrima com milaneses, o Benfica foi a Santa Maria da Feira e, tendo de esgrimir com uma moçada que deu o *tudo por tudo* perante os ainda campeões, foi ainda obrigado a sentir na pele a designação de um juiz portuense (Soares Dias) que, para além de dar a sensação de ter favorito escolhido no seu totobola, ainda usou uma espantosa complacência para o tiroteio que se implantou em algumas zonas da loja, acabando por brindar com o cartão ictericía o pobre menino Samuel que, para além de ter sido cartada completamente falhada ao ser colocado como defesa canhota que nada defendeu, ainda viu castigo apenas por cortar (a distância da área de rigor) o voo do couro com mãozinha, enquanto a um palmo outros companheiros de profissão se metralhavam sem dó nem piedade. A esquisita designação de um árbitro nortenho para dirigir a última hipótese do Benfica roçar o *dragão* tem que se lhe diga. Ou, pelo menos, que dê bastante que pensar...

Adiante. Estivemos em Setúbal para (novamente) constatarmos o declive físico em que perigosamente desliza um Vitória que entrou de rompante no circo, que rubricou espectáculos de muito nível mas agora se arrasta penosamente, inclusive, perante os aveirenses vendo o juiz portuense Manuel Nogueira desconhecer uma grande penalidade cometida às escâncaras sobre Petrov que, a concretizar-se, mais desesperaria Fernando Oliveira, decididamente arrepelando os cabelos perante a queda livre de uma equipa que, quando esperava dupla aceleração, teima em ficar nas covas. Abúlica, inerte, contemplativa dos ventos, presa fácil (até) de um Beira Mar que (esse, sim) renovou coragem e talento para prosseguir briosamente o caminho para a montanha dos mil alívios.

Chaves e Santo Tirso dividiram com as visitas o tesouro que oscilava na balança. No rectângulo flaviense, os chefiados por Paulo Autuori pareceram tácitos aliados dos rapazes de José Romão, a paritária divisão pontual satisfaz as duas falanges, por aí se quedando os esquadrões, ouvidos colados nos outros parceiros com problemas menos encaminhados para uma solução a contento. Quanto à excursão sportinguista a Santo Tirso, o trivial: o «team» (ainda) de Raul Águas não consegue um só êxito total em zona alheia e, sabendo dessa linha de rumo, só não aproveitará quem dormir embalado em profundo sono. Estando o Tirsense bem armado para o duelo de subsistência e todos os flagelos persistindo em balear o fatigado leãozinho, não espanta que «onze» que Sousa Cintra preparava para belas conquistas more agora a doze passos do chefão do comboio nacional.


Bruno Neves

Santa Maria da Feira: licínio versus Magnusson

Restam na peneira os dois sucessos caseiros que se verificaram em Braga e no Bessa, qualquer deles perante adversários com a corda na garganta. No Minho, a pouco oscilante carreira do «team» de Vítor Manuel promete a passagem de testemunho (para Raul Águas) com sinal positivo. No estádio axadrezado, o major galopante sentiu certo alívio e, embora a visita se tivesse esfarrapado até ao limite de forças, os dois pontos acabaram por entrar no bornal de Manuel Barbosa, já com a sombra de João Alves no encalço. Quer dizer: dois técnicos em despedida, qualquer deles já sabendo o nome do sucessor, teimam em dizer adeus sem serem obrigados a desfilar entre vaias. A suas casas regressaram um Marítimo que todas as épocas teima em viajar na corda bamba mais um Portimonense que, pelos vistos, continua sem acertar agulhas nem (tampouco) adequadamente colocar em *ponto de bala* a sua legião estrangeira.

Recapitulando: ninguém perturba o passeio portista. A contemplação dos outros pares do reino é um facto. E, se há gente calmamente repimpada em *fauteuils*, não é menos verdade que, na cave do edifício, há muito quem agora apenas se vire para o céu esperando qualquer súbito milagre. Só que os deuses apenas sorriem aos donos da terra. Que vestem de azul.

Neves de Sousa

Bruno Neves

Santo Tirso: Tueba escapa-se a Miguel

UNICAR
Comércio de Automóveis, Lda.
VIATURAS NOVAS E USADAS
Peças de origem

VIATURAS USADAS
CONDIÇÕES ESPECIAIS DE PAGAMENTO

Renault 5 GTL 5 p — 1237 cc	1986
Renault 5 GTR 3 p — 1237 cc	1987
Renault 5 TX Extras	1984
Renault 9 GTS	1986
Renault 11 TSE	1986
Alfa Sprint Veloce 1.5	1981
Seat Ibisa 1.2	1987
Renault 21 GTS	1988

Para peças de origem consulte-nos na R. do Telhal

SEDE: R. dos Condes, 37 Tel.: 32 75 23 • 32 75 27 • 32 85 44
Stand Novos: Pr. dos Restauradores, 46 (ABERTO AOS SÁBADOS)
Stand Usados e Loja Peças: R. do Telhal, 4-A - Tel. 32 78 21
Loja de Peças 2 • Pr. S. João Bosco, 21-B • Tel.: 60 46 50 / 2
Oficinas: R. Possidónio da Silva, 104 • Tel.: 60 73 06

RENAULT

Jorge Ferreira às portas de Alvalade

O defesa central Jorge Ferreira, já «internacional», é pretendido pelo Sporting que, através do presidente Sousa Cintra, entabulou negociações com o «leader» sadino Fernando Oliveira. Para além de um montante financeiro que não afasta o interesse sportinguista, o clube de Alvalade apresentou a Fernando Oliveira uma lista de jogadores que vai dispensar ou ceder mas que não agradou ao presidente vitoriano, muito embora (segundo quem sabe) ali estejam incluídos Paulinho Cascavel, Litos, Venâncio, Carlos Xavier e Valtinho.

DESPORTO

Milão: adeus ao título—Marselha: mais um desaire

Os italianos viram o seu técnico e três jogadores expulsos

Ao perder ontem em Verona por 1-2, o Milão terá proporcionado festa rija para as gentes napolitanas já que ao clube de Maradona basta empatar o derradeiro encontro de domingo, no seu estádio, para trepar ao pódio e retirar o título à forte turma milanesa, que, no dia 23 de Maio, discutirá com o Benfica o mais cobiçado troféu europeu. O encontro de Verona foi caracterizado por extrema dureza tendo o árbitro Rosario Lo Bello procedido à expulsão do técnico Arrigo Sacchi e dos futebolistas Van Basten, Frank Rijkaard e Costacurta (todos do Milão).

Outra curiosidade: o holandês Ruud Gullit reapareceu após 11 meses de inactividade.

Resultados: Ascoli, 0 - Lecce, 2; Atalanta, 1 - Génova, 0; Bari, 2 - Cremonese, 0; Bolonha, 2 - Nápoles, 4; Inter, 2 - Fiorentina, 0; Juventus, 1 - Roma, 1; Lázio, 0 - Udinese, 0; Sampdoria, 0 - Cesena, 0 e Verona, 2 - AC Milão, 2.

Classificação: Nápoles (49 pontos), Milão (47), Inter (43), Juventus (42).

França

Resultados da 34.ª jornada: Paris St. Germain - Marselha, 2-1; Mónaco -Toulouse, 2-0; Caen - Sochaux, 1-1; Mulhouse - Auxerre, 1-2; Cannes - Nantes, 2-1, Lille - Metz, 2-1; Brest — Nice, 3-0; St. Étienne - Montpellier, 1-0; Toulon - Racing de Paris, 1-0 e Bordéus - Lyon, 2-0.

Classificação: 1.° Bordéus, 34 jogos/47 pontos; 2.° Marselha, 46 (menos um jogo).

Espanha

Ao perder em Vigo, com o Celta, o Atlético de Madrid cedeu o 2.° lugar ao Barcelona ocupando de parceria com o Valência a 3.ª posição.

Resultados da jornada: Real Madrid - Logroñes, 3-3; Celta - Atlético de Madrid, 2-0; Tenerife - Gijon, 1-1; Real Sociedad - Valência, 2-2; Rayo Vallecano - Cádiz, 0-1; Barcelona - Málaga, 1-0; Maiorca - Sevilha, 1-1; Castellon - Atlético de Bilbau, 1-0; Oviedo - Saragoça, 2-2; Osasuna - Valladolid, 1-1.

O Real Madrid (já com o título no bornal) comanda com 57 pontos seguindo-se o Barcelona (48), Atlético de Madrid e Valência (47).

João Pinto em grande

Entretanto, o ex-boavisteiro *João Pinto*, ao serviço do Atlético Madrileno, foi considerado o «melhor em campo» na vitória da sua equipa sobre o Salamanca, por 2-0, em jogo disputado ontem referente à 33.ª jornada do Campeonato da II Divisão espanhola.

O encontro, disputado no Estádio Vicente Calderon, tinha como principal aliciante a estreia do uruguaio Marcelo Saralegui, mas a discreta exibição do sul-americano foi «eclipsada» pela excelente actuação de João Pinto, que inaugurou o marcador com um golo de cabeça.

Holanda

a 32.ª jornada forneceu os seguintes resultados: Willem II - Ajax de Amsterdão, 1-1; Roda JC - Nec Nijmegen, 0-0; Vitesse - Volendam, 0-1; FC Utreque — Waalwijk, 1-1; Fortuna Sittard — PSV Eindhoven, 4-1; FC Groningen - Sparta Roterdão, 2-2; Den Bosch - FC Den Haag, 0-1; Feyenoord - MVV Maastricht, 2-0, Haarlem - FC Twente, 0-1.

Classificação: Ajax (menos um jogo) e PSV Eindhoven, 45 pontos; FC Twente, 40.

RFA

Resultados da 30.ª jornada: Colónia-Karlsruhe, 0-5; Waqldhof Manheim-Homburg, 1-2; Hamburgo-Borussia de Moenchengladbach, 3-0; Eintracht de Francforte-Nuremberga, 5-1; Bochum-Borussia de Dortmund, 2-3; Estugarda-Werder Bremen, 3-1; Bayern de Munique-Fortuna de Dusseldorf, 0-0; Keiserslautern-Bayer Leverkusen, 2-0 (6.ª-feira) e Bayer Uerdingen-St. Pauli, 1-0 (6.ª-feira).

Classificação: 1.°, Bayern de Munique, 43 pontos; 2.°, Eintracht de Francforte, 38; 3.°, Bayer Leverkusen, 38.

Inglaterra

Resultados da 36.ª jornada: Aston Villa-Millwall, 1-0; Crystal Palace-Charlton, 2-0; Derby-Norwich, 0-2; Liverpool-Chelsea, 4-1; Luton-Arsenal, 2-0; Manchester City-Everton, 1-0; Queen's Park Rangers-Sheffield Wednesday, 1-0; Southampton-Nottingham Forest, 2-0; Tottenham-Mancester United, 2-1 e Wimbledon-Coventry, 0-0.

Classificação: 1.° Liverpool, 70 pontos/35 jogos; 2.°, Aston Villa, 68/36; 3.°, Tottenham, 60/36.

Itália: derrotado em Verona (1-2), o Milão cedeu o topo do campeonato ao Nápoles, de Maradona. Mas, não foi apenas a derrota que maculou os próximos adversários do Benfica: foram expulsos Van Basten (aqui, já com a camisola despida, encaminha-se para a cabina) e Rijkaard, com a magra compensação do regresso às lides do também holandês Ruud Gullit

UEFA precisa dos clubes ingleses

O novo presidente do organismo coordenador do futebol europeu afirma que a decisão dependerá do comportamento dos ingleses no Mundial de Itália

O sueco Lennart Johansson, eleito presidente da União Europeia de Futebol (UEFA), prometeu combater sem tréguas o «hooliganismo», mas mostrou-se simultaneamente «ansioso» pelo regresso dos clubes ingleses às taças europeias.

Johansson, que substituiu o francês Jacques Georges, afirmou, porém, que a readmissão dos ingleses nas provas europeias de clubes da UEFA só poderá ocorrer se o governo britânico garantir que pode controlar os seus adeptos. «*A Europa precisa dos clubes ingleses e a UEFA necessita que eles voltem às suas competições. Estou ansioso por ver novamente os ingleses nas taças europeias*« — afirmou o novo presidente do Comité Executivo da UEFA.

Os clubes ingleses foram banidos das três provas europeias em 1985, após a tragédia de Heysel Park, em Bruxelas, onde pereceram 39 pessoas, em distúrbios antes da final da Taça dos Campeões Europeus, entre a Juventus de Turim e o Liverpool.

Antes da readmissão dos ingleses, disse Johansson após ser eleito, o governo britânico deve tomar «*uma série de providências, assegurando que os adeptos ingleses não voltem a cometer os actos violentos que conduziram a esta situação desagradável*».

O novo presidente da UEFA reconheceu que têm sido feitos progressos no controlo dos «hooligans» ingleses e revelou a intenção de visitar brevemente a Grã-Bretanha, para se inteirar «in loco» da situação actual. «*A UEFA continuará a combater sem tréguas a violência nos estádios. Temos de devolver o divertimento ao futebol*« — sublinhou Lennart Johansson.

Bert Millichip, presidente da Associação Inglesa de Futebol, revelara ter indicações de que os clubes ingleses seriam readmitidos na próxima época, mas que a decisão final dependerá do comportamento dos adeptos do seu país no mundial de Itália. Segundo Millichip, a medida seria extensiva ao Liverpool, que enfrenta uma suspensão extra de três épocas, pois os seus «hooligans» foram responsabilizados pela tragédia ocorrida em 29 de Maio de 1985 em Bruxelas.

Entretanto, Lennart Johansson revelou que a UEFA vai convidar Israel a fazer-se representar nos torneios europeus para selecções de sub-16, sub-18 e sub-21 anos, mas que o pedido de admissão do país na UEFA só será decidido no próximo congresso do organismo, na Suécia.

A UEFA aceitou também constituir um grupo de trabalho para analisar uma proposta da Federação Espanhola no sentido de a União acertar o passo, no capítulo disciplinar, com as determinações da Federação Internacional de Futebol.

Os espanhóis consideram que as diferentes penalizações impostas pelas suas organizações para a mesma ofensa originam situações injustas e incompreensíveis num mesmo desporto.

A centena e meia de delegados presentes no XX Congresso da UEFA elegeram em La Valeta, cinco elementos para o Comité Executivo da União: Ja Van Marlke, da Holanda, Nikolay Ryashentsev, da União Soviética, Gunter Schneider, da RDA, Senes Erzik, da Turquia, e Eller B. Schram, da Islândia.

O alemão-federal Hermann Neuberger foi confirmado como representante da UEFA junto da FIFA, onde ocupa o cargo de vice-presidente, Jacques Georges, eleito presidente honorário da UEFA, e o húngaro Gyorgy Szepesi, foram designados para integrarem o Comité Executivo da FIFA.

VILA MODELO

MÉRTOLA SAÚDA O 25 DE ABRIL

No dia da Liberdade, reforçar o poder autárquico da consolidação da Democracia.

VILA DE MÉRTOLA

CÂMARA MUNICIPAL DE MÉRTOLA

Hóquei em patins

Portugueses superam concorrência

Goleadas do FC Porto e Paço de Arcos e empates do Óquei de Barcelos (em Genève) e do Benfica (no recinto do Reus) as quatro equipas portuguesas continuam nas três competições europeias, com o FC Porto a lutar pela conquista da Taça dos Campeões, Paço de Arcos na Taça das Taças e Benfica e Óquei de Barcelos na Taça CERS. Depois de cumprida esta eliminatória em que os portugueses afastaram o Walsum (Porto), Gazinet (Paço de Arcos), Genève (Paço de Arcos) e Reus (Benfica) teremos as meias-finais com os espanhóis do Igualada a oporem-se aos «dragões», o Paço de Arcos a medir forças com o Liceo da Coruña, o Benfica frente a frente com o Barcelona e os italianos do Seregno como opositores dos barcelistas.

Vejamos os resultados da eliminatória:

TAÇA DOS CAMPEÕES — Thunerstern (Suíça)-Dennenberg (Holanda), 9-2 (1.ª «mão»: 4-5); Noia (Espanha)-Vendeene (França), 17-0 (12-4); Waalsum (RFA)-FC Porto, 0-6 (1-4) e Igualada (Espanha)-Kurink (Bélgica), 20-4 (10-2).

TAÇA DAS TAÇAS — Liceo da Galiza (Espanha)-Beretta Monza (Itália), 9-2 (8-3) e Paço de Arcos-Gazinet (França), 13-1 (4-3).

TAÇA CERS — Seregno (Itália)-Remscheid (RFA), 11-2 (6-6); Genève (Suíça)-OC Barcelos, 3-3 (2-7); Barcelona (Espanha)-Nova (Itália), 6-2 (1-4) e Reus (Espanha)-Benfica, 3-3 (5-8).

Campeonato nacional

Completou-se a 21.ª jornada do campeonato nacional da 1.ª divisão tendo-se registado os seguintes resultados: Sporting dc Tomar-Académica, 3-2; Parede-Turquel, 2-3; Valongo-Oliveirense, 1-1 e Quimigal-Sanjoanense, 6-10.

V. Carvalho

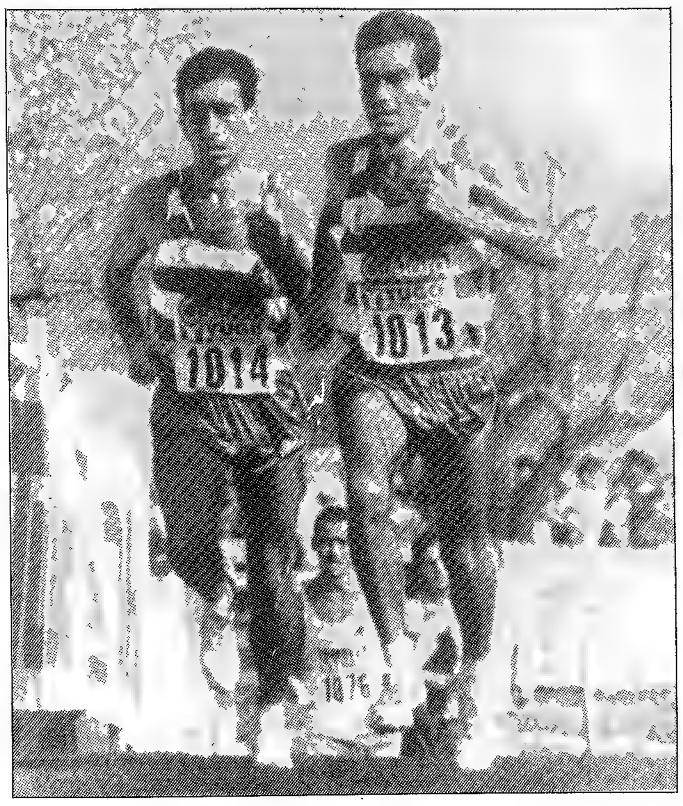
Atletismo

Sporting: domínio na linha

O Sporting ganhou pela 37.ª vez a Estafeta Cascais-Lisboa, em atletismo, prova organizada pela Associação de Atletismo de Lisboa, na distância de 24,7 quilómetros e que teve a participação de 60 atletas de 12 equipas.

Apresentando sua melhor formação, constituída por Eduardo Henriques, Fernandes Couto, os irmãos Castro e Carlos Patrício, o Sporting dominou totalmente a prova desde o início, cortando a meta instalada frente à FIL (Junqueira) com uma vantagem de 1,13 minutos sobre o seu mais directo adversário, o Benfica. Mesmo assim, os «leões» não conseguiram superar o recorde do percurso, que lhes pertence desde 1987. Ficaram a 34 segundos da marca: 1 hora e 06,42 minutos.

O clube da Luz, por sua vez mais interessado noutros altos voos, fez alinhar a sua equipa B (João Campos, António Leitão, António Salvador, João Junqueira e Luís Jesus) e classificou-se em segundo lugar, com o tempo de 1 hora e 08,29 minutos, seguido do Sporting B (António Monteiro, Paulo Guerra, Elísio Rios, Fernando Mamede e Raimundo Santos (1.09,59).



Os gémeos Castro arrancaram nova vitória para o Sporting

O Belenenses, com José Ferreira, Fernando Ferreira, José Abrantes, José Adão e Vítor Vasco, ficou em quarto lugar, com 1:13.23 horas, seguindo-se o Grupo Desportivo de Galamares (1:14,44) e Os Ingleses F. Clube (1:16.39).

António Leitão estabeleceu novo recorde do segundo percurso, entre o Estoril e a Parede (4300 metros), recuperando cerca de 150 metros ao sportinguista Fernando Couto, mas no percurso seguinte Domingos Castro destacou-se e aumentou definitivamente a vantagem sobre os atletas «encarnados».

Pinheiro correu para europeu

Joaquim Pinheiro, do Maratona Clube de Portugal, estabeleceu ontem na Maratona de Londres os mínimos para o Campeonato da Europa, a disputar em Split, na Jugoslávia, enquanto Aurora Cunha quebrou toda a expectativa ao abandonar a prova.

Rosa: presença simbólica

Com vista à obtenção de fundos para ajudar os atletas deficientes a participar no Special Olympics em Glasgow, Rosa Mota juntou-se ao numeroso pelotão participante na Maratona de Londres, percorrendo metade do percurso como forma de angariar dinheiro para ajudar atletas deficientes.

Uma presença simbólica, esta a da Rosinha que não deixará com certeza, de dar os seus frutos...

GP de Albufeira

Ezequiel Canário, do Imortal, e Albertina Dias, do Boavista, ganharam o Grande Prémio Internacional de Albufeira em Atletismo.

Andebol

Benfica passou no Restelo

Recomeçou neste fim-de-semana o campeonato da 1.ª divisão (seniores masculinos), com a realização da 1.ª jornada da fase final. Quatro encontros disputados (entre os oito primeiros da 1.ª fase) e podemos afirmar que não se registaram surpresas. Senão, eis os resultados: FC Porto, 30-Boavista, 24; Belenenses, 18-Benfica, 22; Vit. Setúbal, 17-Sporting, 17 e ABC, 20-Académica, 18.

Vitórias previsíveis, pois, de portistas e academistas sobre axadrezados e estudantes, respectivamente. No Bonfim, empate entre leões e sadinos, duas formações muito irregulares que costumam aproveitar da melhor maneira o facto de jogarem em casa, não verificado por parte dos setubalenses. Por fim, no único prélio aprazado para ontem, dirimiram armas Belenenses e Benfica, uma das partidas aguardadas com mais interesse.

Os benfiquistas não deixaram os seus créditos por mãos alheias, entrando de rompante e alcançando vantagem numérica num ápice, cifrando-se em 1-4 aos 5m, 3-5 aos 10m, 5-7 aos 15m, 6-9 aos 20m, 7-11 aos 25m para ser já de 5 tentos a sua vantagem aquando da ida para o descanso (8-13). Factores preponderantes para esse domínio completo durante os 30 minutos iniciais foram as intervenções espectaculares de Miguel Fernandes, a explanação correcta do contra-ataque (quer directo, quer apoiado), o seu sistema defensivo 6:0 e as actuações de Armando Pires e Paulo Bunze (este, a dar festival com tudo o que fazia).

E o Belenenses? Pois, a turma comandada por Luís Hernâni e Armando Espadinha como que foi apanhada desprevenida, visto ainda não ter «acordado» para o jogo e o marcador estar já em 0-3. De qualquer forma, mostrou grandes dificuldades atacantes com a procura sistemática do passe para o pivot Sopalovic (muito bem marcado pelos encarnados), recuperou mal defensivamente e o seu 3:1:1 caiu muitas vezes nas «armadilhas» dos benfiquistas.

No recomeço, repetiu-se o acontecido na 1.ª parte. Três remates certeiros de Appelgreen puseram a diferença em 8 golos, Mário Gentil (nem se vira até aí) abriu o livro e fez igualmente 3 tentos consecutivos, os azuis só conseguiram marcar aos 8 minutos deste tempo e, com o resultado em 10-18 aos 40m, pensou-se ir assistir ao avolumar do marcador até final. Puro engano! Alterando o seu sistema defensivo para 4×2, os visitados confundiram o ataque contrário, que cometeu erros até aí não verificados, aproveitando os do Restelo para fazerem 3 golos de rajada e trazer a emoção à partida. Mantendo a marcação individual a Bunze e Appelgreen, o Belenenses viu-se traído pela desatenção de alguns dos seus elementos que permitiram golos ao adversário.

Jorge Marques

Basquetebol

Surpresa em Alvalade

Benfica e FC Porto não necessitaram mais do que realizar três jogos para remeterem para férias os seus opositores (Imortal e Esgueira), enquanto os demais parceiros do «play-off» tiveram mais um jogo para decidir quem seguiria na disputa do título e quem ficaria pelo caminho. Ovarense (como se esperava) e Estrelas da Avenida (com alguma surpresa) são os parceiros de águias e dragões na continuidade da prova com os vareiros a discutirem nas meias-finais com o Benfica e o Porto a medir forças com a equipa da Avenida General Roçadas mas com recinto nas Olaias.

Resultados da dupla jornada: Imortal, 81-Benfica, 85; Esgueira, 77-Porto, 81; Ovarense-Beira-Mar (89-55, no primeiro jogo e 78-68 no segundo); Sporting-Estrelas da Avenida (68-71, no sábado e 70-77, no domingo).

Motociclismo

Alex Vieira: o mais resistente

O português Alex Vieira, formando equipa com o francês Michel Mattioli e com o belga Stephen Mertens, em Honda, foi o vencedor das 24 Horas de Le Mans em motociclismo.

A Honda, que conseguiu também a terceira posição, conquistou assim o seu quinto triunfo consecutivo na célebre prova francesa de resistência.

Câmara Municipal de Santiago do Cacém

ADMISSÃO DE PESSOAL

CONCURSO PARA CONTRATAÇÃO A PRAZO CERTO
COM POSSIBILIDADES DE INTEGRAÇÃO NO QUADRO DE PESSOAL
(garante-se casa de função entre outras regalias)

ENGENHEIRO TÉCNICO - Letra J *
ENGENHEIRO CIVIL ESTAGIÁRIO - Letra G *

Funcões a desempenhar: Colaboração no Plano Director Municipal
Planos de Urbanização
Licenciamento de Obras
Execução de Projectos de Infraestruturas

TÉCNICO DE DESPORTO - Letra E *
(curso do Instituto Superior de Educação Física)

O Vereador do Pelouro do Pessoal

José Joaquim Caneca Baguinho

* - tabela de vencimentos da função pública

I Série N.º 94
Dia 23 de Abril

DIÁRIO DA REPÚBLICA

SUMÁRIO

Ministério do Planeamento e da Administração do Território

Decreto-Lei n.º 133/90:
Prorroga o prazo de intervenção da administração central nos loteamentos urbanos previsto no Decreto-Lei n.º 400/84, de 31 de Dezembro.

Ministério do Emprego e da Segurança Social

Decreto-Lei n.º 134/90:
Dá nova redacção ao artigo 29.º do Decreto-Lei n.º 136/83, de 21 de Março (recrutamento de operadores-chefes de microfilmagem dos centros regionais de segurança social).

N.º 93
Dia 21 de Abril

SUMÁRIO

Região Autónoma da Madeira

Governo Regional

Decreto Regulamentar Regional n.º 7/90/M:
Introduz alterações a vários artigos do Decreto Regulamentar Regional n.º 19/89/M, de 20 de Setembro (aprova a orgânica da Direcção Regional da Administração Pública e Local).

SUPLEMENTO

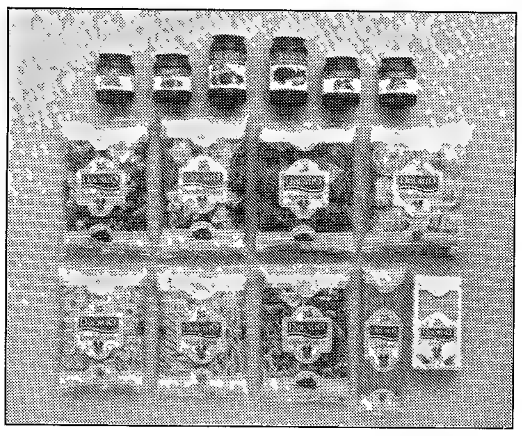
Presidência do Conselho de Ministros

Resolução do Conselho de Ministros m.º 17/90:
Reforça o Programa Nacional de Combate à Droga, através da reformulação de Projecto VIDA.

PESSOAS & FACTOS

A loginha italiana ao seu alcance

A verdadeira e sofisticada cozinha italiana pode já ser preparada em sua casa, rapidamente e garantia de um resultado perfeito, com 'Dolmio - massas e receitas de polpa de tomate'.



Na sua preparação entram apenas ingredientes da mais apurada qualidade: trigo amadurecido pelo sol quente de Itália, água pura, espinafres e tomates seleccionados.

Pode optar por um saboros Tagliatelle Verdi, com Napolitana de 'Dolmio', um Lasagne à pescador ou ainda as originais massa tricolores de tomate, espinafres e trigo - Trotolle, Farfalle, Giglio - com as receiras de polpa de tomate 'Dolmio'

Pode dar largas à imaginação e fazer as 1001 combinações que as nove variedades de massas e as quatro receitas de polpa de tomate lhe permitem.

Mas pode também usar as receitas de polpa de tomates 'Dolmio' como base dos seus cozinhados habituais.

O ESTADO DO TEMPO

HOJE

CONTINENTE

Em todo o teritório: - Períodos de céu muito nublado. Vento frasco soprando moderado de Noroeste no litoral Oeste. Aguaceiros pouoo frequentes e possibilidade de trovoadas.
Mar cavado com ondulação Noroeste de 2 a 3 metros na Costa Ocidental e de pequena vaga a cavado com ondulação Sudoeste inferiopr a 1 metro na Costa Sul.
Amanhã:
- Períodos de céu muito nublado e vento fraco, soprando moderado de Noroeste no litoral Oeste. Aguaceiros pouco frequentes e pequena subida da temperatura mínima.
Depois de amanhã:
Céu geralmente muito nublado. Vento fraco. Aguaceira e pequena subida da temperatura.

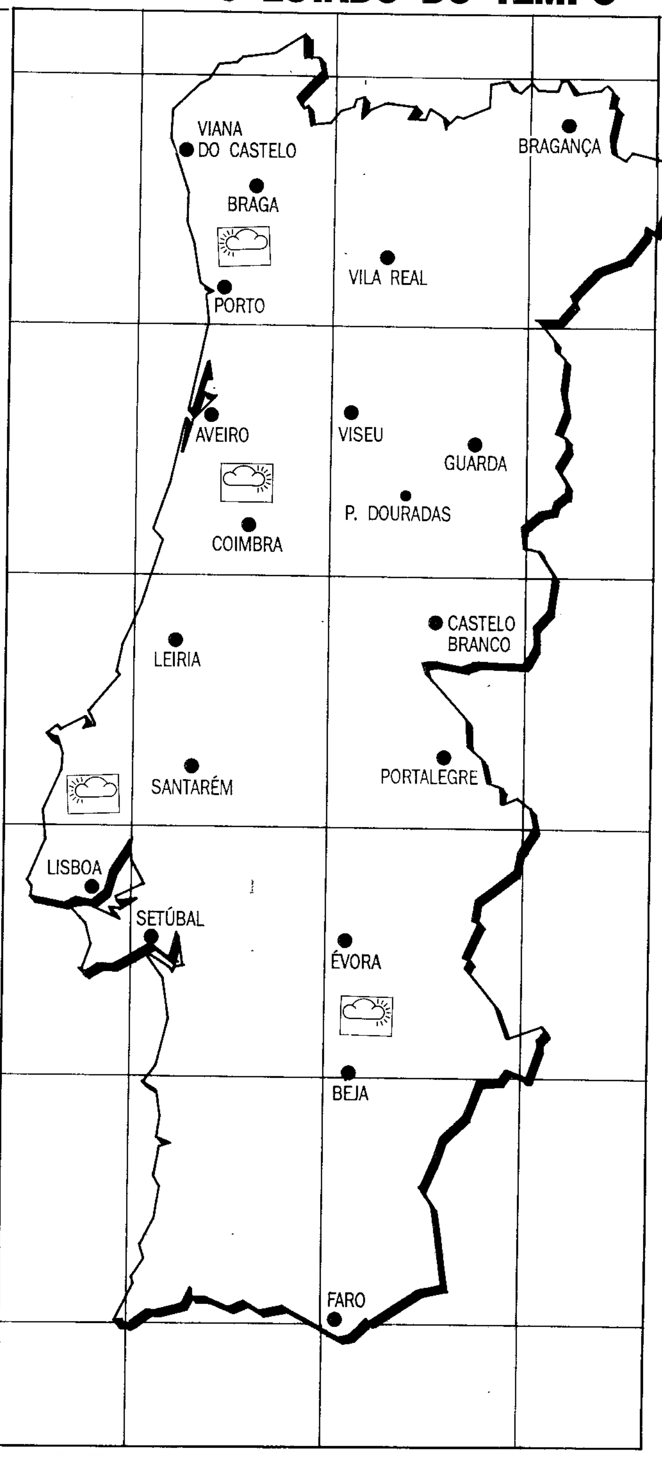
MADEIRA

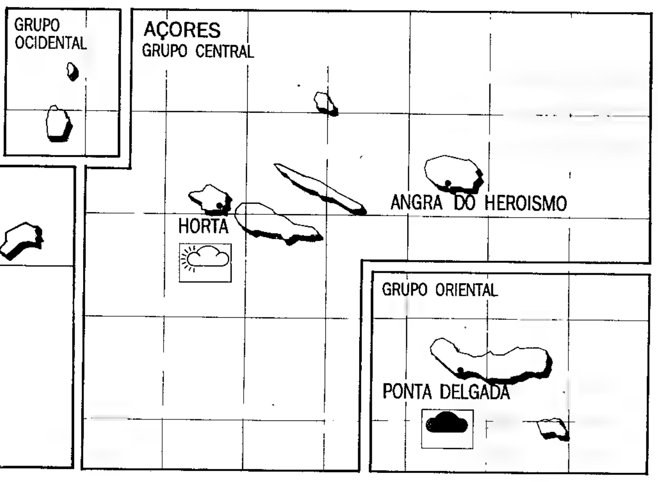
Períodos de céu muito nublado. Vento moderado de Norte com rajadas. Possibilidade de aguaceiros.
Mar cavado com ondulação Norte de 3 metros na Costa Norte e mar encrespado com ondulação Sueste de 1 metro na Costa Sul.
No Funchal: - Céu geralmente pouco nublado e vento geralmente fraco.

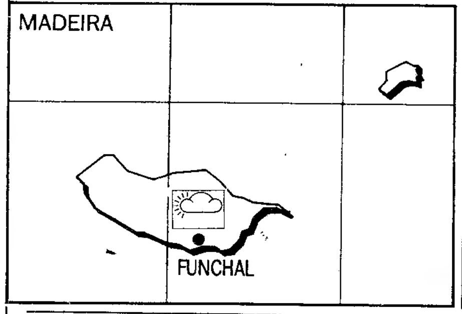
AÇORES

Em todos os grupos: - Céu geralmente muito nublado e vento fraco soprando moderado de Nordeste no Grupo Oriental. Aguaceiros fracos.
Mar encrespado a de pequena vaga com ondulação Nordeste de 1 a 2 metros.

* Informação do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica







Céu limpo
Céu pouco nublado
Céu muito nublado
Chuva
Trovoada
Neve
Vento
Mar calmo
Mar encrespado

PORTUGAL

	Min.	T. 6 h	Às 18 h.
Bragança	6	6	M. nub.
V. Castelo	9	11	Neblina
Vila Real	4	5	M. nub.
Porto	7	7	Limpo
P. Douradas	-	-	-
Coimbra	5	5	Nevoeiro
C. Carvoeiro	10	13	M. nub.
C. Branco	6	6	P. nub.
Portalegre	7	7	Neblina
Lisboa	11	11	Neblina
Évora	5	7	Neblina
Sines	-	-	-
Beja	5	5	Nevoeiro
Faro	9	9	Limpo
Sagres	11	11	P. nub.
P. Delgada	8	10	P. nub.
Horta	14	14	M. nub.
Funchal	12	13	P. nub.

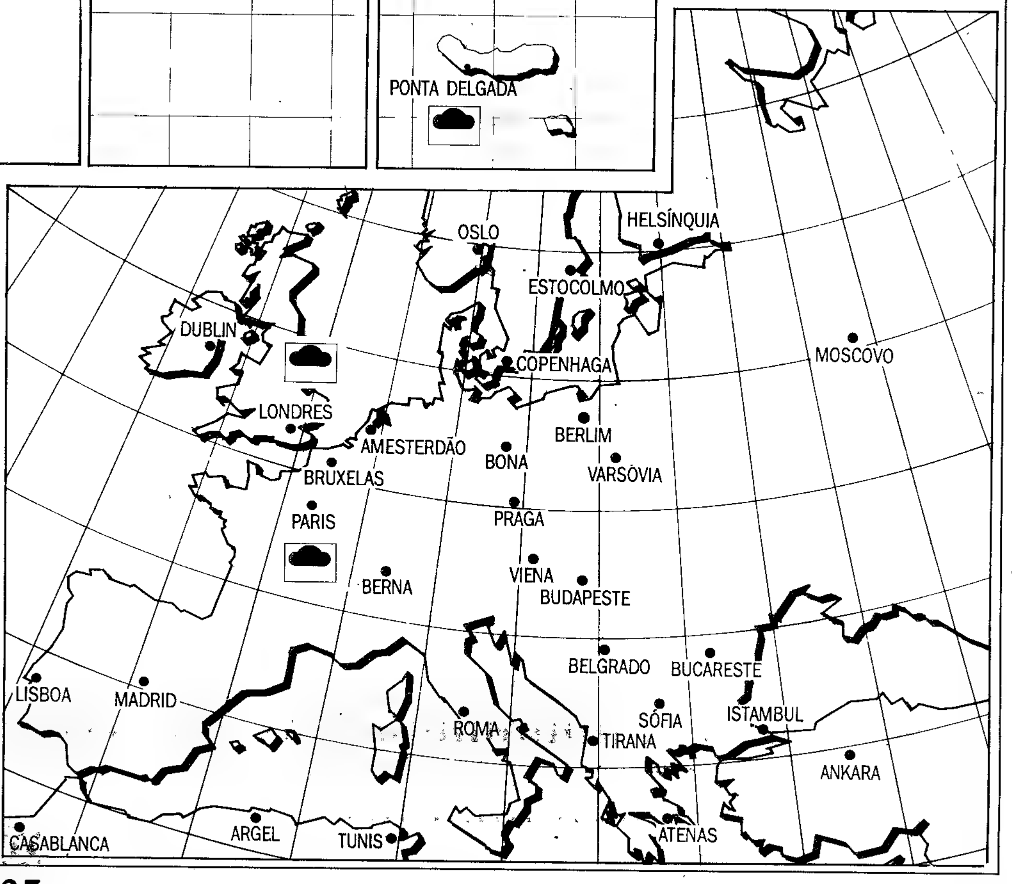
Tem. máx. prevista para hoje: Lisboa, 16; Porto, 16; Faro, 18; P. Delgada, 18; Funchal, 20.

EUROPA

	Min.	T. 6 h	Às 18 h
Madrid	3	3	M. nub.
Londres	7	8	Neblina
Paris	2	9	Chuva
Bruxelas	9	9	M. nub.
Amesterdão	8	9	Neblina
Genebra	6	7	Neblina
Roma	8	10	Neblina
Oslo	4	5	P. nub.
Copenhaga	7	9	P. nub.
Estocolmo	2	7	P. nub.
Berlim	9	10	M. nub.
Viena	8	8	Chuva
Varsóvia	5	8	M. nub.
Atenas	16	19	M. nub.
Moscovo	4	8	Encoberto

MUNDO

	Min.	Máx.	Às 13 h
Chicago	7	15	Quente
Houston	18	24	Limpo
Los Angeles	14	21	Chuva
Montreal	4	15	Limpo
Nova Iorque	11	25	Limpo
S. Francisco	9	20	Aguaceiros
Toronto	6	19	Limpo
Vancover	8	15	P. nub.
Washington	11	24	Limpo
Hong Kong	16	22	Chuvisco
Melbourne	14	19	Limpo
Pequim	14	21	Chuvisco
Perth	15	27	Limpo
Singapura	24	34	Trovoada
Sydney	16	19	Limpo
Tóquio	13	17	Chuva
Wellington	8	16	Chuva



MARÉS

Hoje

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
02.17	3,6m	08.09	0,5m
14.45	3,7m	20.29	0,5m

Amanhã

03.03	3,8m	08.51	0,4m
15.28	3,8m	21.13	0,4m

AGENDA

FARMÁCIAS LISBOA SERVIÇO PERMANENTE

Alfama: Costa, Rua Escolas Gerais, 88-A, Tel. 863940; **Alto Santo Amaro:** Teles, Rua João Barros, 2 - Frente, Tel. 3638176; **Alvalade:** Belo, Av. Roma, 53-A, Tel. 776314; **Benfica - Portas Benfica - Damaia:** Progresso, Estrada-A-Damaia, 64-C, Tel. 702226; **Camões - Santa Catarina:** Combro, Calçada do Combro, 82, Tel. 326059; **Campo de Ourique:** Porfírio, Rua Francisco Metrass, 59-B, Tel. 663349; **Campo Pequeno - Apolo 70:** Campo Pequeno, Av. Júlio Dinis, 10, Loja 18-19, Tel. 771661; **Chile - Alto São João:** Vitalis, Rua Morais Soares, 69-C, Tel. 8141779; **Liceu Pedro Nunes:** Janeiro, Av. Álvares Cabral, 96-100, Tel. 661453; **Olivais Sul:** Antunes Rosas, Pc. Cidade do Luso, Lote 199, Tel. 313610; **Telheiras Sul - Quinta S. Vicente:** Quejas, Rua Prof. Francisco Gentil, 36-A, Tel. 7584144; **Carnaxide:** Central Carnaxide, Av. Portugal, 16-B, Tel. 4184913; **Colina Sol - Brandoa - Amadora:** Vidal Reis, Urb. Alfornel - Cel. G - Lote 35, Tel. 996540; **Moscavide:** Pedro Gomes, Praceta 25 de Abril, Lote 13 - Loja B, Tel. 2518520; **Odivelas:** Joleni, Rua Dr. Alexandre Braga, 3-B, Tel. 9310812; **Pontinha:** Pontinha, Estrada Santo Elói, 4 - Lote SE, Tel. 479220.

REFORÇO

Amoreiras - Campolide: Pinto, Rua Campolide, 11, Tel. 682610; **Areeiro:** Ideal, Av. Almirante Gago Coutinho, 49-A, Tel. 892803; **Caminhos Ferro:** Alves Carvalho, Rua Vale Santo António, 7-9, Tel. 8140125; **Campo Grande:** Neoterapia, Campo Grande, 138-140, Tel. 774682; **Enc. Restelo - Esc. P. Vicente:** Belém, Rua Tristão Vaz, 10-A, Tel. 612248; **Infante Santo - Pampulha:** Infante Santo, Rua Olival, 290, Tel. 661003; **Picheleira:** Marluz, Calçada da Picheleira, 140 B-C, Rua Prof. Mira Fernandes, MAF, Tel. 880703; **Rossio:** Estácio, Rossio, 60-63, Tel. 327067; **Saldanha:** Saldanha, Av. Praia da Vitória, 53-55, Tel. 543938; **Santa Bárbara:** Romano Baptista, Rua Passos Manuel, 6-10, Tel. 570593; **Sete Rios:** Canto, Est. Laranjeiras, 202-B, Tel. 7264841; **Buraca - Amadora:** Vaz Martins, Praceta Fernando Pessoa, Loja E - 36-B, Tel. 970660; **Olival Basto:** Nova, Rua Açores, 11-A, Tel. 9810305.

LINHA DE CASCAIS

Algés: Almeida Nifo, Av. Comb. G. Guerra, 64, Tel. 2112070. Permanente; **Linda-a-Velha:** Melo Almeida, R. D. Diogo Couto, Lote 182, Tel. 4191697. Permanente; **Tires:** Guimarães, L. Duartes, Lote A - r/c, Tel. 2441616. Até às 22 h; **Alcabideche:** Carvalho, B.º Padre P. Correia, 4, Tel. 2690363. Até às 22 h; **Porto Salvo:** Ferreira Bastos, R. D. Firmino Rebelo, Tel. 2421015. Até às 22 h; **Carcavelos:** Vilar, Av. M.ª Conceição, Lote B, Tel. 2470777. Permanente; **S. Dom. Rana:** Godinho Silveira, R. A. Albuquerque, Lote B - Lj. 2, Tel. 2470361. Até às 22 h; **Malveira da Serra:** Luz, Estrada Nacional, Tel. 2850635. Até às 22 h; **Oeiras:** Alcântara Guerreiro, P. Residencial Dr. Augusto Castro, Lote 10, Tel. 4430691. Permanente; **Parede:** Brandão, Av. República, 77-C, Tel. 247054. Permanente; **S. João do Estoril:** S. João, Quinta da Carreira, 29-A, Tel. 2681186. Até às 22 h; **Sassoeiros:** Amaral Semblano, Quinta das Encostas, Tel. 2461312. Até às 22 h; **Birre:** Imani, Lote 7-B - Hera, Tel. 2852121; **Madorna:** Madeira, Rua A, Tel. 2476326. Até às 22 h; **Amoreira:** Abrantes, Viv.ª Maria Carlos Anjos, Tel. 2682313. Até às 22 h; **Cascais:** Nova, Est. Alvite - Fontainhas, Tel. 281044. Permanente.

LINHA DE SINTRA

Amadora: Nunes, Est. Serra Mira - Falagueira, Tel. 4937543. Permanente; Soares Correia, Est. Águas Livres - Carenque, Tel. 965517. Até às 22 h; Solla, Loja D, Lote 65, Tel. 900724. Até às 22 h; **Queluz:** Serra & Pinto, Av. D. Ant.º C. Sá, 50 - GE, Tel. 4377619. Permanente; Albergaria, L. Prof. Dr. José Mineiro, 42 - Q. Baixo, Tel. 4356487. Até às 22 h; **Cacém:** Araújo e Sá, Est. Paço de Arcos, Lote 1-B, Tel. 9240781. Permanente; **Mem Martins:** Miranda Garcia, Est. Mem Martins, 173, Tel. 9214103. Até às 22 h; **Mercês:** Claro Russo, R. Abade Faria, 2-A, Tel. 9215275. Até às 22 h; **Rio de Mouro:** Riomouro, Av. Óscar Monteiro Torres, 6, Tel. 9260194. Até às 22 h; **Sintra:** Marrazes, L. Afonso Albuquerque, 3-A - Pendoa, Tel. 9232747. Permanente; **Colares:** Abreja, Tel. 9290088; **Loures:** Sálvia, Av. República, 29, Tel. 9831240. Até às 22 h.

OUTRA BANDA

Almada: Castro Rodrigues, R. Capitão Leitão, 21-A, Tel. 2750076. Permanente; **Cova da Piedade:** J. Castro Rodrigues, L. 5 de Outubro, 62, Tel. 2750121. Permanente; **Monte de Caparica:** Guerreiro, Lote 31, IJ, Moinho, Tel. 2950727. Até às 19 h; **Costa de Caparica:** Chai, Av. Gen. Humberto Delgado, Tel. 2903218. **Laranjeiro:** Almeida Araújo, R. D. Duarte, 7-B, Tel. 2532324. Até às 22 h; **Sesimbra:** Lopes, R. Cândido Reis, 23, Tel. 2233028. Até às 19 h; **Lavradio:** Parreira, R. D. Silva Cristina, 15-A, Tel. 2042016. Até às 19 h; **Barreiro:** Santa Marta, R. Dr. Manuel P. Nobre, 44, Tel. 20772141. Permanente; **Baixa da Banheira:** Nova Fátima, Est. Nacional, 244-A, Tel. 2040141. Até às 19 h; **Corroios:** Bento Lino, Est. Vale Milhaços, Tel. 253260. Até às 19 h; **Amora:** Moura Carneiro, P. Gen. Humberto Delgado, 16-C, Tel. 2243729.

MÉDICO DE URGÊNCIA

795 06 80/9

HÁ 20 ANOS

Acordo nas pescas

Após demorada reunião (terminou de noite, pelas 2 horas) efectuada em Lisboa, entre os dirigentes do Fomento das Pescas, capitães dos portos do Algarve, armadores e delegações de pescadores da sardinha daquela província foi encontrada solução favorável para pôr fim à paralização das frotas piscatórias que ali se verificava em virtude da reivindicação de melhores condições de retribuição apresentada pelos referidos pescadores.

Frondizi retira o apoio a Ongania

O regime militar argentino perdeu ontem o apoio precioso do ex-presidente Asrturo Frondizi. Este, com efeito, enviou uma longa declaração à Imprensa afirmando que o Governo do general Juan Carlos Ongania se gorou.

Adeus, mini-saia

Mary Quant, a célebre criadora da mini-saia, apresentou em Londres a sua colecção do Outono: vestidos desde o pescoço aos tornozelos.

EFEMÉRIDES

1881
• Nasce, em Celorico da Beira, Sacadura Cabral, pioneiro da aviação portuguesa.

1904
• Os EUA adquirem a companhia francesa do canal do Panamá.

1936
• As autoridades portuguesas criam, através do Decreto-Lei 26539, o campo do Tarrafal, em Cabo Verde, que receberia os primeiros presos políticos em 29 de Outubro.

1969
• Um tribunal de Los Angeles (EUA) condena à morte, em câmara de gás, Sirhann Sirhan, acusado do assassínio do senador Robert Kennedy. A sentença foi comutada em prisão perpétua.

1975
• O Governo sul-vietnamita demite-se e o presidente norte-americano Gerald Ford declara que a guerra do Vietname vai terminar.

1981
• A ASDI (Acção Social-Democrata Independente) apresenta no Parlamento o primeiro projecto de revisão constitucional.

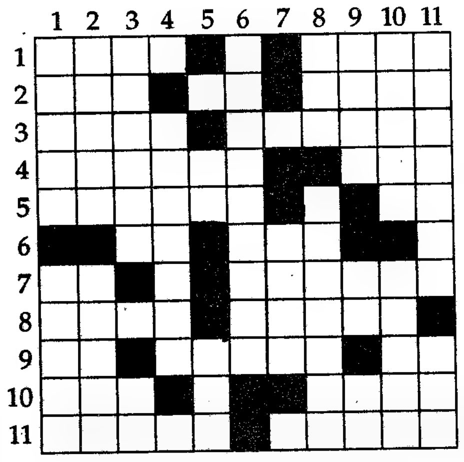
1984
• O Presidente da República anuncia ao País ter promulgado a Lei de Despenalização do Aborto.

1985
• Milhares de brasileiros prestam as últimas homenagens ao presidente eleito Tancredo Neves, morto dois dias antes após prolongada doença.

1986
• Morre, em Nova Iorque, o realizador cinematográfico norte-americano Otto Preminger, 80 anos.

1989
• Alberto João Jardim é reeleito presidente da comissão política do PSD da Madeira, no decurso do Sexto Congresso Regional Social-Democrata.

PALAVRAS CRUZADAS



PROBLEMA N.º 17904

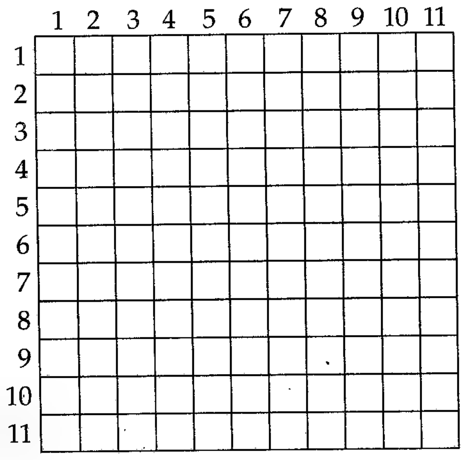
HORIZONTAIS:

1 - Doença que dificulta a respiração. Vivenda.
2 - Cabo na costa de Marrocos. Existe. Rezes.
3 - Produto. Deixais de andar.
4 - Repreensão. Pau-ferro.
5 - Abata. Prefixo de privação.
6 - Sua Majestade. Ilha do Estado da Baía.
7 - Nome de letra. O mesmo que roldão.
8 - Lavrar. Cordeiros.
9 - Senhor. Esmonca. Solitário.
10 - Preposição. Em mais alto grau.
11 - Querido. Tenho autorização, poder para.

VERTICAIS:

1 - Velha. Fruta seca.
2 - Percebem. Vagueiem.
3 - Faleças. Miriare.
4 - Acarinhara.
5 - Prefixo de privação. Fecho as asas para descer mais depressa.
6 - Seges velhas.
7 - Que tem o último lugar numa série de nove.
8 - Coragem. Cofo.
9 - Lavrai. Compaixão. Arsénio. (s.q.).
10 - Facção. Cidade de Itália.
11 - Tema. Sufixo que designa abundância.

Resolveu completamente este problema? Procure, agora em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.



PROBLEMA N.º 16714

HORIZONTAIS:

1 - Região ao S. de Espanha atravessada pelo rio Guadalquivir
2 - Mulher israelita que no tempo dos Juízes habitara Belém. Rio brasileiro afluente do rio Paraguai.
3 - Nome de peixe. Artigo definido (ant.).
4 - Autores. Detestável.
5 - Pato que aparece em Portugal, e é também conhecido por caturro. Tostas.
6 - Tomba (inv.). Deus dos pastores. Vento frio, agreste (pop.).
7 - Naturais da Arábia.
8 - Avarenta. Paixão.
9 - Bondosa. Estéril.
10 - Espreitado. Samário (s.q.).
11 - Moderato. Rádio (s.q.). Aldeia de Itália.

VERTICAIS:

1 - Cidade da Turquia. Felicidade.
2 - Hora canónica correspondente às quinze horas. Irmão de Moisés.
3 - Delimitavam.
4 - Fruta da Índia, que se põe em conserva para excitar o apetite. Bário (s.q.). Caminhar.
5 - Ligo. Realizara.
6 - Letra grega. Guarnecera de asas.
7 - Insecto díptero, espécie de mosca. Passado.
8 - As riscas.
9 - Em partes iguais. Sufixo que designa abundância. Moderato.
10 - Avaliar. Nota musical.
11 - Que tem calos. Move os ramos.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 17 903

HORIZONTAIS: 1 - Parra. MUITO. 2 - Atuas. Armar. 3 - Iró. La. Rã. 4 - Erva. Maltês. 5 - Cia. Cós. Ais. 6 - És. Ar. Ae. 7 - Ostreiro. 8 - Era. Aotos. 9 - Urra. Será. 10 - Acampar. 11 - Mesa. Assola.
VERTICAIS: 1 - PADECE. QUEM. 2 - At. Riso. 3 - Ruiva. Serás. 4 - Rara. Traça. 5 - Aso. Cara. 6 - More. AMA. 7 - Malas. Ia. PS. 8 - Ural. Irosas. 9 - Im. Ta! Otero. 10 - Tareia. Or. 11 - Orasse. Sara.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 16 713

HORIZONTAIS: 1 - Dalmácia. CC. 2 - Acorrentara. 3 - Rs. 4 - Aportaremos. 5 - Sãs. Alapo. 6 - Cr. Sama. Il. 7 - Oco. Ar. Pr. 8 - Aaro. Mor. 10 - Crianças. Olor. 11 - Aos. Ma. Sãs.
VERTICAIS: Damasco. Oca. 2 - AC. Parco. Ro. 3 - Lobos. Orais. 4 - Mr. Nan. 5 - Ar. Testaram. 6 - Cera. Osa. 7 - In. Ramas. 8 - Atrelaremos. 9 - Asma. Rola. 10 - Cr. Opíparos. 11 - Cassoiro.

PROVÉRBIO: MUITO PADECE QUEM AMA

CARTAZ

CINEMAS

LISBOA

ALFA 1
Av. Almirante Gago Coutinho
T. 806496
A ÚLTIMA SAÍDA PARA BROOKLYN
Filme de Uli Edel
M/18 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00

ALFA 2
MISS DAISY
M/12 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15

ALFA 3
ALWAYS - SEMPRE
M/12 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15

ALFA 4
OS FABULOSOS IRMÃOS BAKER
M/12 anos - Às 14.15, 16.15, 19.15, 21.45 e 00.15

ALFA 5
NASCIDO A 4 DE JULHO
M/16 anos - Às 13.30, 16.15, 19.00, 21.45 e 00.30

ALFA CLUBE
Av. Almirante Gago Coutinho
T. 806496
UM AMOR INEVITÁVEL
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00

AMOREIRAS 1
Shoping Center de Lisboa - T. 691275
A ÚLTIMA SAÍDA PARA BROOKLYN
M/18 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15, 21.30, e 24.00

AMOREIRAS 2
MISS DAISY
M/12 anos - Às 13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 3
UM AMOR INEVITÁVEL
M/12 anos - Às 13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 4
NASCIDO A 4 DE JULHO
M/16 anos - Às 13.30, 16.15, 19.00, 21.45 e 00.30

AMOREIRAS 5
QUERIDA EU ENCOLHI OS MIÚDOS
M/12 anos - Às 13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 6
ALWAYS - SEMPRE
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00

AMOREIRAS 7
OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS II
M/6 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 8
OS FABULOSOS IRMÃOS BAKER
M/12 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 9
A GUERRA DAS ROSAS
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00

AMOREIRAS 10
CLUBE DOS POETAS MORTOS
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00

APOLO 70
Av. Júlio Dinis, 10-A - T. 763319
CLUBE DOS POETAS MORTOS
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

BERNA
Av. Marquês de Tomar, 10 - T. 776098
A ÚLTIMA SAÍDA PARA BROOKLYN
M/18 anos - Às 15.00, 18.00 e 21.30

CAPITÓLIO
Parque Mayer
AS GAROTAS DA GARAGEM
Hard-core - 1.º escalão (porno)
M/18 anos - Às 15.00, 17.00, 19.00, 21.00 e 23.00

CINE CAMÕES
R. do Loreto, 15 - T. 324194
GOLPES BAIXOS
Filme de Hope Holiday
M/12 anos - Às 14.15, 16.30 e 21.30

CINE 222
Av. Praia da Vitória, 37 - T. 533253
QUERIDA EU ENCOLHI OS MIÚDOS
M/12 anos - Às 14.00, 16.30
19.00 e 21.30
PELOTÃO DE MASSACRE
M/18 anos - Às 24.00

CINE PORTELA
ESTÚDIO ANUSHA
T. 9434762
QUERIDA EU ENCOLHI OS MIÚDOS
M/6 anos - Às 15.30 e 21.30

ESTÚDIO SHEZA
A GUERRA DAS DROGAS
M/12 anos - Às 15.15 e 21.15

CINEBOLSO
R. Actor Taborda, 27 - T. 573407
SEXO À FRANCESA
Hard-core - 1.º escalão (porno)
M/18 anos - Às 12.30, 14.30, 16.45, 19.00, 21.30 e 23.30

CINEMATECA PORTUGUESA
R. Barata Salgueiro, 39 - T. 546085
O DINHEIRO DOS POBRES
De Artur Semedo, às 18.30
AS BADALADAS DA MEIA-NOITE
De Orson Welles, às 21.30

CITY CINE
R. Tomás Ribeiro, 34 - T. 549999
CAMPO DE SONHOS
M/12 anos - Às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30

CONDES
Av. da Liberdade, 2 - T. 322523
DEMÓNIO DE SAIAS
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

ESTÚDIO
Al. D. Afonso Henriques, 35 - T. 3525133
CLUBE DOS POETAS MORTOS
M/12 anos - Às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30

ESTÚDIO ACS
Av. da Igreja, 17-F - T. 8487255
CAMPO DE SONHOS
M/12 anos - Às 15.30, 18.30 e 21.30

FONTE NOVA I
Est. de Benfica 503 - T. 7145088
AMIGOS E DETECTIVES
M/6 anos - Às 14.30, 16.45
19.00 e 21.30

FONTE NOVA 2
BLAZE - UM AMOR PROIBIDO
M/12 anos - Às 14.15, 16.30, 18.45 e 21.15

FONTE NOVA 3
A ÚLTIMA SAÍDA PARA BROOKLYN
M/18 anos - Às 14.45, 16.30, 18.45 e 21.15

FORUM PICOAS
Av. Fontes Pereira de Melo - T. 541037

AUDITÓRIO 1
O FILÓSOFO
Filme de Rudolf Thome
M/16 anos - Às 14.00, 16.00, 18.00, 20.00 e 22.00

AUDITÓRIO 2
O COZINHEIRO, O LADRÃO, SUA MULHER E O AMANTE DELA
Filme de Peter Greenaway
M/18 anos - Às 14.00, 16.30, 19.15 e 22.00

IMPÉRIO
Al. D. Afonso Henriques - T. 3525133
A ORDEM DA ÁGUIA
Filme de Thomas Baldwin
M/12 anos - Às 15.30, 18.30 e 21.30

KING GEMINI
R. Sousa Lopes - T. 8480808
LAMBADA - A DANÇA PROIBIDA
M/16 anos - Às 15.30, 18.30 e 21.30

KING TRIPLEX 1
R. Bulhão Pato, 1-C - T. 8480808
CAMPO DE SONHOS
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

KING TRIPLEX 2
BLAZE - UM AMOR PROIBIDO
M/12 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45

KING TRIPLEX 3
TEMPO DE GLÓRIA
M/12 anos - Às 14.30, 17.00, 19.30 e 21.45

LAS VEGAS 1
Pingo Doce - Alcântara - T. 3631162
BLAZE - UM AMOR PROIBIDO
M/12 anos - às 15.15, 18.30 e 21.30

LAS VEGAS 2
DEMÓNIO DE SAIAS
M/12 anos - Às 15.30, 18.45 e 21.45

LONDRES
Av. de Roma, 7-A - T. 801313
A GUERRA DAS ROSAS
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

MUNDIAL 1
R. Martens Ferrão - T. 538743
A ÚLTIMA SAÍDA PARA BROOKLYN
M/18 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

MUNDIAL 2
ALWAYS - SEMPRE
M/12 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45

MUNDIAL 3
UM AMOR INEVITÁVEL
M/12 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45

NIMAS
Av. 5 de Outubro, 42-B - T. 574362
LUA-DE-MEL ATRIBULADA
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

ODEON
R. dos Condes, 4 - T. 326283
A HONRA DO CAMPEÃO
M/16 anos - Às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30

OLIMPIA
Rua dos Condes, 13 - T. 325309
RATA BORRALHEIRA
Filme porno
M/18 anos
Sessões contínuas a partir das 14.00

PLAZA 1
Centro Com. Alvalade
CINEMA PARAÍSO
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 18.45 e 21.30 e 23.45

PLAZA 2
DEMÓNIO DE SAIAS
M/12 anos - Às 14.15, 16.45, 19.00, 21.45 e 24.00

POLITEAMA
R. Portas de St.º Antão - T. 326305
DRAGÕES PARA SEMPRE
Filme de Samo Hung
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

QUARTETO 1
R. Flores de Lima, 16 - T. 771378
O MEU PÉ ESQUERDO
Filme de Jim Sheridani
M/12 anos - Às 14.15, 16.15, 18.15, 20.00, 22.00 e 24.00

QUARTETO 2
CLUBE DOS POETAS MORTOS
M/12 anos - Às 14.30, 17.00, 19.30, 21.45 e 24.00

QUARTETO 3
TEMPO DE GLÓRIA
M/12 anos - Às 14.30, 17.00, 19.30, 21.45 e 24.00

QUARTETO 4
O COZINHEIRO, O LADRÃO, A SUA MULHER E O AMANTE DELA
M/18 anos - Às 14.15, 16.30, 19.00, 21.45 e 24.00

SÃO JORGE 1
Av. da Liberdade, 175 - T. 579144
ALWAYS - SEMPRE
M/12 anos - Às 15.30, 18.30 e 21.15

SÃO JORGE 2
NASCIDO A 4 DE JULHO
M/16 anos - Às 13.30, 16.15, 19.00 e 21.45

SÃO JORGE 3
MISS DAISY
M/12 anos - Às 14.30, 16.45, 19.15 e 21.30

7.ª ARTE
Av. da República - T. 730715
AMIGOS E DETECTIVES
M/6 anos - Às 14.45, 17.00, 19.00 e 21.45

STAR
Av. Guerra Junqueiro, 14-C - T. 804210
A ÚLTIMA SAÍDA PARA BROOKLYN
M/18 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

TERMINAL
Estação do Rossio - T. 371573
AMIGOS E DETECTIVES
M/6 anos - Às 13.00, 15.00, 17.00, 19.00 e 21.30

TURIM
Est. de Benfica, 723 - A - T. 706666
CLUBE DOS POETAS MORTOS
M/12 anos - Às 15.00, 17.30 e 21.30

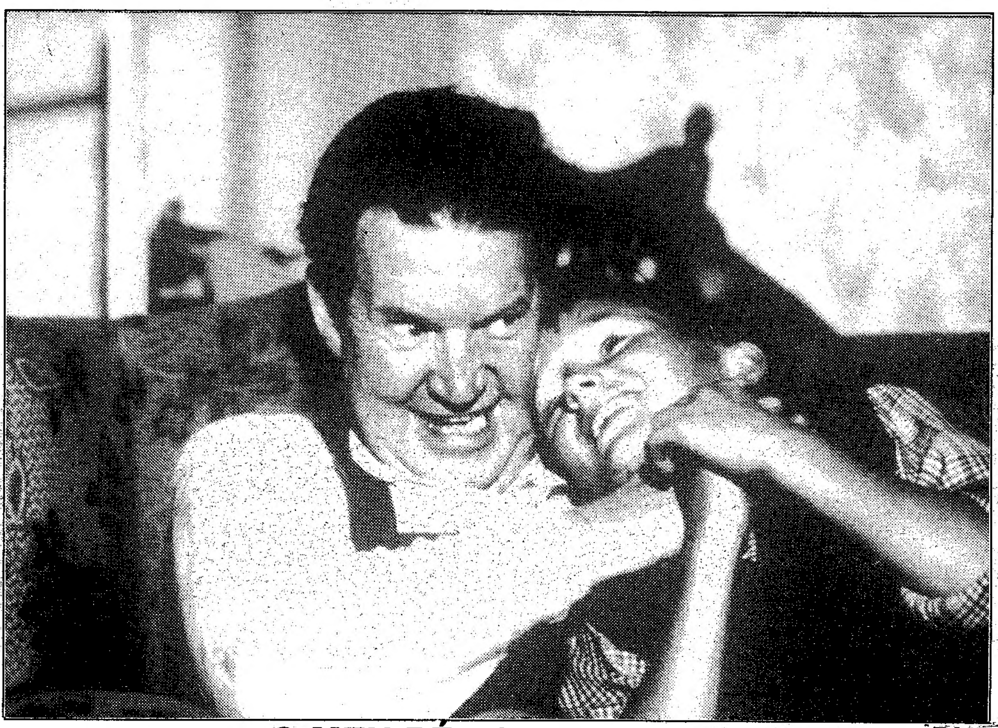
XENON
Av. da Liberdade, 9 - T. 3468446
BLAZE - UM AMOR PROIBIDO
M/12 anos - Às 14.15, 16.30, 19.00 e 21.30

ALMADA
ACADEMIA ALMADENSE
Telef. 2752127
BLAZE - AMOR PROIBIDO
M/12 anos - Às 15.30 e 21.30

COSTA DE CAPARICA
CAPARICA OCEANO
Sala 1
ALWAYS - SEMPRE
M/12 anos - Às 15.45 e 21.30

Sala 2
TEMPO DE GLÓRIA
M/12 anos - Às 16.15 e 21.45

O PESCADOR
Telef. 2905350
LUA DE MEL ATRIBULADA
M/16 anos - Às 15.30 e 21.45



O MEU PÉ ESQUERDO
Em exibição Quarteto Sala 1
Qualidade
Maiores 12 anos
PUB

«Campo de Sonhos», de Phil Alden Robinson

«O Filósofo», em exibição no Auditório 1 do Forum Picoas

CARTAZ

LINHA DE CASCAIS

CARCAVELOS

ATLÂNTIDA CINE

Telef. 2465653
TEMPO DE GLÓRIA
M/12 anos - Às 15.30 e 21.30

CASCAIS

MIRAMAR

Telef. 2841744

Sala 1
DEMÓNIO DE SAIAS
M/12 anos - Às 15.15 e 21.15

Sala 2
VALMONT
M/16 anos - Às 15.15 e 21.30

OXFORD

Av. 25 de Abril - T. 2865027
AMIGOS E DETECTIVES
M/6 anos - Às 16.00 e 21.30

NOVA OEIRAS

CINE PALMEIRAS

Telef. 2479144

Sala 1
NEGÓCIO DE FAMÍLIA
M/12 anos - Às 15.15 e 21.30

Sala 2
DEMÓNIO DE SAIAS
M/12 anos - Às 15.30 e 21.45

OEIRAS

ALTO DA BARRA

Av. das Descobertas - T. 4439759

Sala 1
QUERIDA EU ENCOLHI OS MIÚDOS
M/6 anos - Às 15.15 e 21.45

Sala 2
QUE FIZ EU PARA MERECER ISTO?
Filme de Pedro Almodôvar
M/12 anos - Às 15.30 e 21.45

LINHA DE SINTRA

AMADORA

BABILÓNIA

Centro Comercial Babilónia
T. 4934871
A ÚLTIMA SAÍDA PARA BROOKLYN
M/18 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

CACÉM

ESTÚDIO FLORES

Telef. 9247570
NASCIDO A 4 DE JULHO
M/16 anos - Às 15.00 e 21.30

QUELUZ

KING D. PEDRO III

Telef. 4364845

Sala 1
LAMBADA - A DANÇA PROIBIDA
M/12 anos - Às 15.00, 18.00 e 21.15

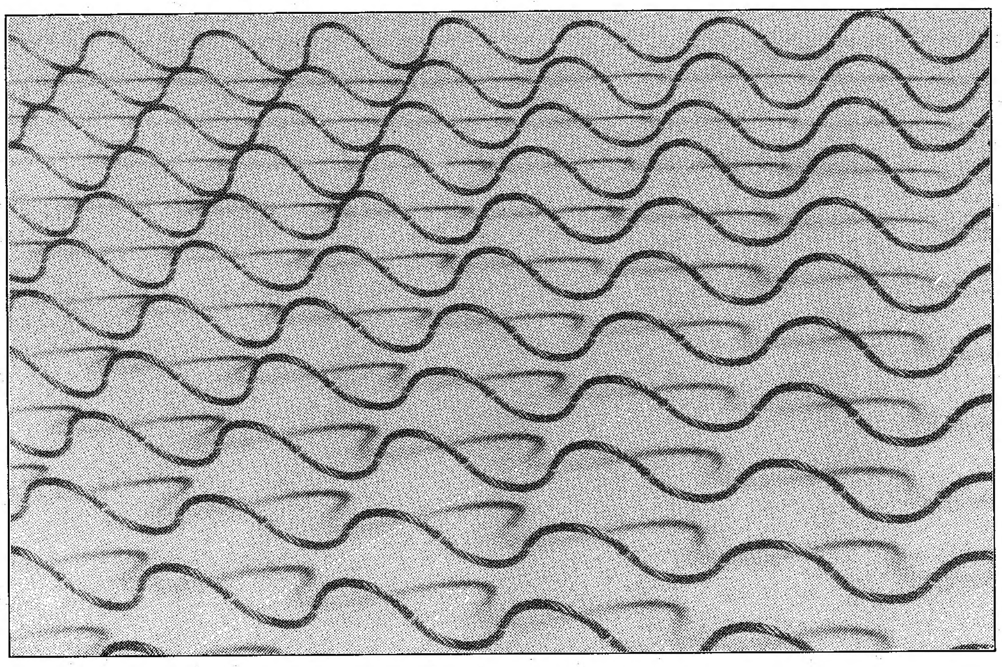
Sala 2
BRIGADA ASSASSINA
M/12 anos - Às 15.15, 18.15 e 21.30

Sala 3
AMIGOS E DETECTIVES
M/6 anos - Às 15.30, 18.30 e 21.45

EXPOSIÇÕES

INAUGURAM

FRANCESES EM COLECTIVA
Galeria Espiral - Oeiras (Inaugura dia 4 de Maio, às 21 e 30)
MARIA IRENE RIBEIRO - Gravura
Galeria da Casa do Pessoal da RTP - Edifício sede (Inaugura dia 26, às 18 horas. 13/19, excepto sábados e domingos. Até 17 de Maio)
O VITRAL ALEMÃO NA IDADE MÉDIA
Fundação Calouste Gulbenkian (Inaugura dia 26, às18 horas)-
PATRICK PICCARELLE - Trabalhos recentes
Galeria Moira - Rua Nova da Piedade, 33 (Inaugura dia 24, às 22 horas)
TERESA CARVALHO DIAS - Cerâmica
Galeria de Arte dos CTT - Forum Picoas (Inaugura dia 24, às 18 horas)



Manuela Almeida, em exposição na galeria Diferença

LISBOA

150º ANIVERSÁRIO DO MONTEPIO GERAL - Exposição que ficará assinalada pelo carácter censório que levou à exclusão de um trabalho de João Queiróz e a solidariedade dos que retiraram as suas obras. Convidados os artistas que a organização considerou jovens e representativos da dinâmica da arte portuguesa contemporânea, o resultado revela-se caótico. Sem pôr em dúvida a representatividade, parece discutível a juventude. Se alguma existe, então será na organização, montagem e sobretudo no catálogo, que não soube cuidar minimamente, e onde previlegia alguns artistas, com mais do que uma reprodução, em detrimento de outros, ausentes. Para já não falar no infeliz espaço do Palácio Foz, mesmo que o argumento seja a acessibilidade de um público mais vasto. Ora esse público, dificilmente conciliará os horários dos transportes públicos com os horários e os três lanços de escada do Palácio.
Palácio Foz (Diariamente, entre as 11 e as 19 horas. Até dia 29)

JE *EST* UN AUTRE - Segunda parte da exposição internacional de auto-retratos. Andy Warhol, Christian Boltansky, Gilberto Zorio, Joseph Kosuth, Marcel Broothaers, Michelangelo Pistoletto e Tony Cragg tornam a fotografia parte integrante de objectos onde já não faz sentido discutir, ou limitar, o que é a escultura. Aliás, tem sido esta galeria quem mais tem contribuído para a confrontação e discussão do que é escultura, hoje. Exposição acompanhada de um catálogo onde, a par da qualidade de algumas reproduções, se reúnem textos de Chaké Matossian, John Yau (crítico da Art Forum) e Pedro Frade, sobre a temática e o sentido da auto-representação.
Galeria Cómicos/Luís Serpa - Rua Tenente Raúl Cascais, 1 (15 às 20 horas, excepto domingos)

PEP AGUT - Graça Fonseca parece previligiar o intercâmbio com as galerias espanholas. Depois de Eugénio Cano (por troca com Paulo Feliciano?), a galeria revela agora este catalão residente em Colónia. Além da instalação *Amigos Para Sempre*, onde diferentes tipos de cadeiras uniformizadas pelo estofo dialogam com a *pele* mudada (entretanto emoldurada na parede), Pep propõe uma reflexão sobre a desmultiplicação do espaço/suporte. Mondrian revisitado.
Galeria Graça Fonseca - Rua da Emenda, 26 (15/20 horas, excepto domingos e segundas-feiras)

ALMADA

30 ANOS DE ENSINO DE GRAVURA NA ESBAL - 29 alunos testemunham a qualidade do ensino dessa disciplina ministrado pelos professores Gil Teixeira Lopes e Matilde Marçal, aqui homenageados. A simulação do que é uma oficina de gravura (xilogravura, calcografia, águas-fortes e serigrafia) desmistificam e aproximam o público dos trabalhos presentes.
Galeria Municipal de Arte (15 às 22 horas, excepto segundas-feiras)

SINTRA

AMADORA
GRAVURA CUBANA
Recreios da Amadora (Até 13 de Maio)

CASCAIS

ESTORIL
HUGO FERRÃO - Pintura
Espaço 2/Casino Estoril (15/24 horas, todos os dias. Até 7 de Maio)
JOH - "Magnificências", esculturas
Galeria Arcada (11/13 e 14/19 horas, excepto terças-feiras. Até 23 de Abril)

OEIRAS
LAURA CEZZANA - Pintura
Galeria Espiral - Rua Cândido dos Reis, 90 (10/14 e 15/19 horas. Até 1 de Maio)

J.F.

RÁDIO ANTENA 1

Desdobramento em Onda Média - Emissores do Litoral - e 99.4 em FM - Zona de Lisboa

14.00: O Linho e a Seda; **15.00:** Praça dos Sons; **17.00:** Antena 1 - Regiões ; **17.15:** Porto d'Abrigo.

Onda Média e FM Estéreo

14.00: Antena 1 - 14/7; **17.00:** Sete Mares; **19.00:** Informação e Música; **20.00:** No Estúdio e no Estádio; **20.15:** Musical; **20.30**: O Som dos Negócios; **21.30:** Imaginário. Noticiários de hora a hora.

PROGRAMA 2

Rede Nacional FM 2 - Estéreo

17.00: Memória do Esquecimento; **17.30:** Madrigais Italianos de Philippe Verdelot; **17.50:** Música de bailado de Giuseppe Verdi; **18.15:** Ângulos e Reflexos; **19.00:** Integrais. As sonatas e partitas para violino solo de Bach por George Enescu; **19.20:** Álbum Musical - Obras de Samuel Berber, Wagner, Beethoven, Albeniz, Johann Strauss Jr., Bizet, Gimenez, Schubert, Puccini, Joaquin Rodrigo, Haendel e Schumann; **20.10:** Álbum Musical; **20.40:** Esta Madrugada no Dois; **21.00:** Grandes Intérpretes - o Pianista Artur Rubinstein; **22.00:** Música Vocal Comentada; **23.00:** Concerto da Noite - com o maestro sir George Solti; **00.45:** Música de Câmara de Mozart; **01.17:** Obras para cravo de Johann Sebastian Bach; **01.42:** Grandes sopranos do passado. Obras de Bellini, Puccini e Mozart; **02.00:** Música na Madrugada. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO COMERCIAL

Onda Média 283, 290 e 397 m

16.30: Quando o Telefone Toca; **17.00:** Contacto; **19.00:** Jornal; **19.30:** Quanto o Telefone Toca; **20.00:** Praça de Táxis; **21.00:** Pela Estrada Fora; **22.00:** Religiosos; **22.15**: Desporto; **23.00**: 24ª Hora. Noticiários de hora a hora.

RC-FM - Estéreo 97.4 MHz

18.00: RDS - Rádio das Seis; **21.00**: Mercador de Sonhos; **00.00:** A Noite Passada; **01.00**: Som da Frente; **03.00**: Quem Tramou o Locutor. Noticiários de hora a hora.

GESTE

FM/96.6

10.00: Oitava Colina; **18.00:** Fim de Tarde; **20.00:** A Flauta Mágica; **21.00:** Tema é a Noite; **00.00:** A Última Viagem; **01.00:** O Feitiço da Lua.

PARIS LISBOA

FM/90.4

13.00: Um Livro, Um Filme, Uma Exposição, O Teatro; **17.00:** Música e Informação Jovem; **18.00:** «L'Âge D'Or» - Música dos anos 60/70; **20.00:** Entrevistas, crónicas, reportagens, informação artística e cultural. O convidado da noite.

RÁDIO RENASCENÇA

Canal 1 - Rede Nacional de OM-FM

15.00: Hora da Música; **16.00:** Banda da Amizade; **18.00:** Bola Branca; **18.30:** Transmissão do Terço; **19.00:** A Viagem Contínua; **20.10:** Boa Nova; **20.30:** Conversa de Amigos; **21.00:** Sequência; **22.00:** Revista; **22.30:** Bola Branca; **23.30:** Suplemento Especial da BBC; **23.55:** Meditando.

RFM

RFM - Canal 2 - Rede Nacional de FM Estéreo

15.00: Fórmula Três; **18.00:** Ideiafix; **19.00:** Atlântida; **20.00:** Serra de Estrelas; **22.00:** Oceano Pacífico.

TSF

FM/89.5

15.10: Linha Directa; **16.10:** Consultório; **16.45:** Conversa de Vizinhas; **17.10:** Ponto da Situação; **17.12:** Quiosque-Rev. Imprensa Nacional; **17.20:** Conversa de Escárnio e Mal Dizer; **17.40:** Economia Dia a Dia; **17.50:** Herman José; **18.05:** Destaque do Dia; **19.35:** Desporto; **20.45:** Espaço Empresas; **23.30:** Última edição.

CASINO ESTORIL
26 E 27 Abril
"THE MAMAS AND THE PAPAS"
O REGRESSO À MAGIA dos ANOS 60

Informações e Reservas: 2684521

AUMENTO DE CAPITAL

No dia oito de Março de mil novecentos e noventa, no Décimo Sexto Cartório Notarial de Lisboa, a meu cargo, perante mim, Lic. Fernando Lopes Correia Semedo, Notário, compareceram:

Primeiro: — HERMES BENTINHO VINAGRE — contribuinte fiscal n.º 106657399, natural da freguesia e concelho de Viana do Alentejo, casado regime de comunhão de adquiridos com Josefa Joaquina Fadista Figueira Vinagre, residente na Avenida Chaby Pinheiro, lote B-1-2, 5.º esq.º, em Venda Nova, concelho de Amadora;

Segundo: — JERÓNIMO CARLOS FADISTA FIGUEIRA — contribuinte fiscal número 105724653, natural de Viana do Alentejo, referida, casado no regime de comunhão de adquiridos com Cacilda Nabais Pereira Figueira, residente na Rua Capitão Leitão, n.º 107, 2.º, em Almada.

DISSERAM: — Que, conforme certidão emanada da Conservatória do Registo Comercial de Lisboa, que arquivo, são eles os únicos sócios da sociedade comercial por quotas sob a firma «HERMES E FIGUEIRA, LIMITADA», com sede em Lisboa, na Rua Maria Pia, números quatrocentos e trinta e três e quatrocentos e trinta e três — A, freguesia de Santo Condestável, titular do cartão de identificação de pessoa colectiva número 500923361, matriculada na dita Conservatória sob o número cinquenta e quatro mil trezentos e cinquenta e oito, com o capital de cem mil escudos e constituida por escritura de trinta e um de Janeiro de mil novecentos e setenta e nove, lavrada com início a folhas cinquenta e nove, verso, do Livro H — Setenta e Um, destas notas.

Que, no indicado capital de CEM MIL ESCUDOS, que se encontra inteiramente realizado e registado, tem cada um deles uma quota do valor nominal de cinquenta mil escudos;

Que, deliberam aumentar o dito capital de cim mil escudos para quatrocentos mil escudos, sendo o aumento — TREZENTOS MIL ESCUDOS — inteiramente subscrito em dinheiro pelos dois sócios, com a entrada de cento e cinquenta mil escudos, cada um, em reforço das respectivas quotas;

Que, sob sua responsabilidade, declaram que as entradas neste aumento de capital já se encontram realizadas e que não é exigida pela lei, pelo contrato ou pela deliberação a realização de outras entradas;

Que, em consequência, deliberam ainda alterar a redacção do artigo «terceiro» do respectivo contrato social, que passa a ser a seguinte:

TERCEIRO

O capital social é de QUATROCENTOS MIL ESCUDOS, está integralmente realizado em dinheiro e outros valores da sociedade e corresponde à soma das quotas dos sócios, que são duas de duzentos mil escudos, uma de cada sócio.

ASSIM O OUTORGARAM

PREVENI os outorgantes de que o acto deve ser apresentado a registo no prazo de noventa dias.

Verifiquei a identidade dos outorgantes pela exibição dos bilhetes de identidade, respectivamente, n.º 4794696, de 17/9/1987 e n.º 5231230, de 3/1/1985; ambos do Centro de Indentificação Civil e Criminal.

Foi feita,em voz alta, na presença simultânea de ambos os outorgantes, a leitura desta escritura e a explicação do seu conteúdo.

O Notário,
Assinatura ilegível

DL — 23/4/90

SNOOPY POR SCHULZ

CARTAZ / TELEVISÃO

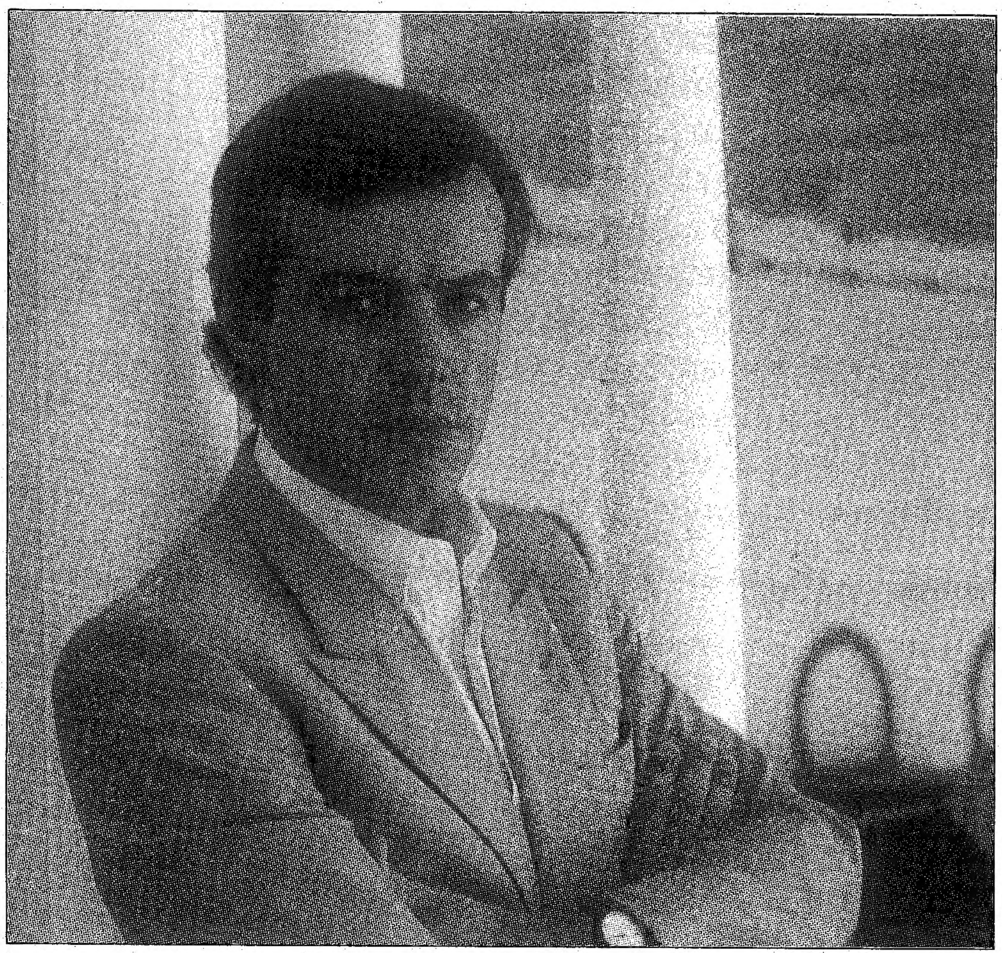
HOJE

RTP-1

16.30 - CLÍNICA GERAL
17.30 - A HORA DO LECAS
18.25 - RUA SÉSAMO
121º programa.
19.00 - JOGO DE CARTAS
19.30 - TELEJORNAL
20.00 - BOLSA DIA A DIA
20.05 - O TEMPO
20.10 - BOLETIM AGRÁRIO
20.15 - CANÇÕES DO EUROFESTIVAL
Inicia-se hoje a apresentação prévia das canções concorrentes ao Eurofestival, que este ano se realiza em Zagreb, na Jugoslávia. Assim, iremos ouvir as primeiras quatro, representantes da Espanha, Grécia, Bélgica e Turquia.
20.35 - VALE TUDO
21.30 - CLUBE DOS SUBSCRITORES
22.00 - CHUVA DE MAIO
1º episódio
23.05 - QUASE ADULTOS
13º e último episódio: Suzie e uma das associadas vão contra todas as suas crenças morais e políticas quando se propõem realizar uma curta-metragem em defesa do programa «Guerra das Estrelas». Na altura em que se encontra no aeroporto, de regresso a casa, Suzie toma consciência de que nunca levou muito a sério a sua carreira de realizadora e que a realidade não passa apenas de uma grande ilusão.
23.55 - 24 HORAS
00.25 - UM DIA...
00.30 - REMATE
00.40 - CARTAS DE HUMOR

RTP-2

17.05 - O JOVEM SHERLOCK
6º episódio
17.30 - ÍCONES DA MACEDÓNIA
17.55 - ITÁLIA 90

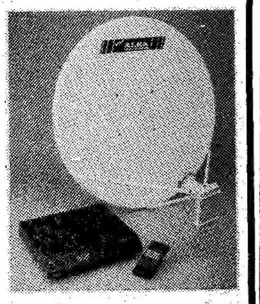


António Pinto Basto é o principal intérprete masculino de «Chuva de Maio», no 1º Canal às 22 horas

No 2º canal, às 17.05, o 6º episódio da série «O Jovem Sherlock»

18.45 - O MEU PÉ DE LARANJA LIMA
88º episódio
19.20 - ESPAÇO INFANTIL
19.50 - CLÁSSICOS DA TV
«Estrada 66»
20.40 - VIA RÁPIDA
21.00 - JORNAL DAS NOVE
21.30 - ACERTO DE CONTAS
22.00 - ÓPERA «OS SOLDADOS»
«Die Soldaten», no original, é uma ópera em quatro actos e 15 cenas, cuja primeira apresentação teve lugar em Colónia em 1965. Com música e libreto de Bernard A. Zimmerman, esta ópera revolucionária combina a linguagem da dança com o jazz e a pantomina. Com Mark Munkittrick, Nancy Shade e Milagro vargas nos principais papéis, Hans Hulscher realizou para a TV esta ópera, gravada ao vivo em Estugarda.

ALBA
ANTENAS PARABÓLICAS ACESSÍVEIS A TODOS
INFORME-SE NA
AUDIMAX
TEL. 410 62 75
ALGÉS



AMANHÃ

RTP-1

09.02 - BOM DIA
10.00 - ÀS DEZ
12.05 - FERA RADICAL
13.00 - JORNAL DA TARDE
13.27 - BOLSA
13.30 - DALLAS
14.15 - VILA FAIA
15.05 - O MUNDO ANIMAL
15.45 - PONTO POR PONTO
16.35 - CLÍNICA GERAL
17.30 - A HORA DO LECAS
18.30 - RUA SÉSAMO
19.00 - JOGO DE CARTAS
19.30 - TELEJORNAL
20.00 - BOLSA
20.05 - O TEMPO
20.10 - BOLETIM AGRÁRIO
20.15 - CANÇÕES DO EUROFESTIVAL
20.30 - VALE TUDO
21.35 - PRIMEIRA PÁGINA
22.40 - CRÓNICA DO CRIME
23.30 - 24 HORAS
00.00 - UM DIA
00.05 - REMATE
00.15 - CARTAS DE HUMOR

RTP-2

14.02 - TELEMERCADO
14.30 - PRIMEIRO JORNAL
14.45 - ESPAÇO INFANTIL
14.55 - FILHOS E FILHAS
15.20 - AGORA, ESCOLHA!
17.00 - OS NOVOS CAÇA FANTASMAS
17.45 - O HOMEM NA MARGEM
18.45 - O MEU PÉ DE LARANJA LIMA
19.20 - ESPAÇO INFANTIL
19.50 - CLÁSSICOS DA TV
20.40 - VIA RÁPIDA
21.00 - JORNAL DAS NOVE
21.30 - CINEMAGAZINE
21.50 - CINEMADOIS
«A Caminho do Sul»
23.30 - UNIVERSIDADE ABERTA

«Alugar uma casa em Lisboa é mais caro que nos Estados Unidos»

José Sasportes, «Público», 21.04.90

A PERGUNTA DO DIA

**José Pezinho
presidente da Câmara
de Palmela**

O que levou a Câmara de Palmela a organizar uma exposição sobre a Ordem de Santiago?

«Existem duas razões fundamentais. A primeira prende-se com o facto de a Ordem de Santiago ter estado no nosso País durante muitos anos e fazer parte integrante da história do concelho de Palmela. A segunda reside na importância de alertar as autoridades para as possibilidades oferecidas pelo espaço do castelo e para o nosso desejo de que ele se transforme num museu vivo. Esta iniciativa vem na sequência de várias outras levadas a cabo anteriormente no âmbito da difusão da cultura. É o caso das comemorações do oitavo centenário do Foral de Palmela, dos 60 anos de restauração do concelho - assinalados com uma exposição sobre Hermenegildo Capelo, que nasceu no castelo - das primeiras jornadas militares e da história ao vivo, um programa realizado no ano passado. Para esta exposição, que abre a 28 de Abril e se prolonga até Setembro, a Igreja de Santiago está a ser restaurada e preparada para receber as obras.»

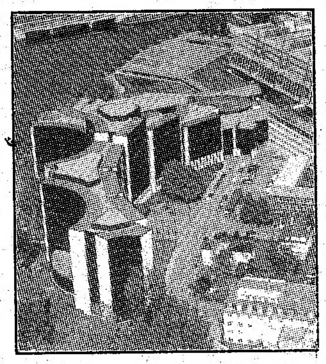
APLAUSOS A...

Rock Rendez-Vous,

uma sala de espectáculos que nem o facto de se situar na Rua da Beneficência, em Lisboa, a livrou de ver fechadas as suas portas. Foi há poucos dias que a agressividade do mercado imobiliário não perdoou. Perdeu-se aquela que era considerada a única sala de uso exclusivo para os chamados concertos de *música moderna*. Fica prejudicado o *rock* e também os *rendez-vous*... Que outros lugares os tornem possíveis e agradáveis!

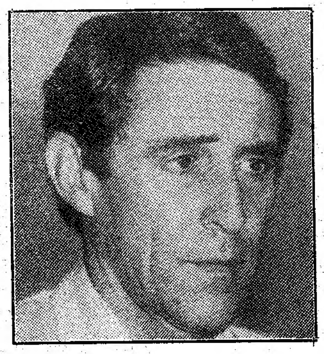
ROCK RENDEZ-VOUS

Deputados portugueses no Parlamento Europeu,



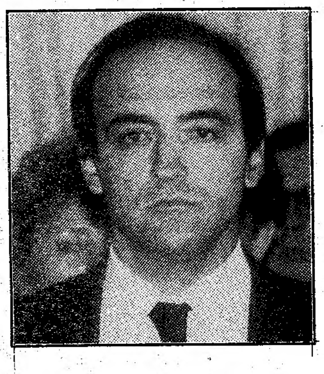
por terem descoberto uma habilidosa forma de aumentarem o seu orçamento. De acordo com um artigo publicado na última edição de «O Independente», todos os eurodeputados dispõem de seiscentos contos mensais para despesas de secretariado, mas como são eles e não o PE a contratarem o pessoal de apoio, alguns dos parlamentares portugueses optaram por contratar a própria mulher. Os desejado seiscentos contos vêm assim parar ao seu bolso... de forma perfeitamente legítima.

& PATEADAS A...



Luís Coimbra,

por utilizar o seu mandato na Câmara Municipal de Lisboa para homenagear a população de Ferrel, uma localidade próxima de Peniche. O único vereador eleito pelo PPM para a edilidade lisbonense bem poderia ocupar-se dos numerosos problemas da capital e deixar as questões penichenses para o respectivo município. A homenagem é justificada pela luta daquela população contra a instalação, em Ferrel, de uma central nuclear. Será que o vereador monárquico não encontra razões para homenagear os lisboetas?



Miguel Beleza,

por ter escrito aos gestores das empresas que vão ser privatizadas, proibindo-os de falar publicamente sobre os processo de privatização. O ministro das Finanças afirma que só o seu ministério está habilitado a pronunciar-se sobre esta questão. Mais uma violação do artigo da Lei de Imprensa que garante o acesso dos jornalistas às fontes de informação. Felizmente que os jornalistas portugueses já estão habituados a contornar este tipo de situações!

meteorologia

Subida ao paraíso

A obra de arte é um processo acabado, e um instante social: o instante social é o receptor e o seu tempo, que, aliás, pode ser outro, não o tempo da obra. Troco em miúdos:

— Um filme que dizem ter recebido um «Óscar», de nome *Cinema Paraíso* de Giuseppe Tornatore, que é uma aplicação mecanicista no terreno fascinante da nostalgia cinéfila — mas quão distante de várias excursões de Fellini, e também longe de *A Rosa Púrpura do Cairo* de Woody Allen — processa-se tal e qual a partir do *primeiro plano*: este é supercentralizado, pedantemente enquadrado, simétrico, chato, paupérrimo, pouco sublime de intenção. Numa das sequências seguintes, o velho projeccionista, personagem central, queixa-se do seu ofício: trabalha desde puto todos os dias do ano, a única excepção, é a da Sexta-Feira Santa.

— E, aqui, entra em jogo o instante social em forma de coincidência: vi o filme exactamente nesse dia. Mas a Sexta-Feira de Páscoa, hoje, nas cidades ditas civilizadas, e não da Sicília de anos anteriores, já não é feriado cinematográfico. (Só os teatros, frágeis como são, a indústria que não o é, respeitam o silêncio do dia...) Ora, quando o velho profissional da manivela, interpretado por Philip Noiret se queixa e suspira pela Sexta-Feira-uma-vez-por.ano, o público da actual Sexta-Feira, num cinema lisboeta meio vazio, com um hipotético projeccio-nista anónimo algures, mas que não

se queixa, encontrou-se com o filme: mas na sua margem. Riu-se desse cruzamento de ficção e realidade: o curto-circuito social.

— O filme ganhou em incidência, emancipou-se do ramerrão, *comunicou*, embora só nesse dia certo, Sexta-Feira.

*

Assim salva, a fita *Cinema Paraíso* pôde subir ao céu como a velhinha avarenta que Deus russo salvara porque um dia tinha dado uma cebola a um pobre. A interdependência da obra de arte com o tempo em geral e em particular, não se pode programar nem contabilizar, nem por *computador*. Sobretudo naquela Sexta-Feira, dia 13, já se sabe...

Jorge Listopad

Terça-feira no

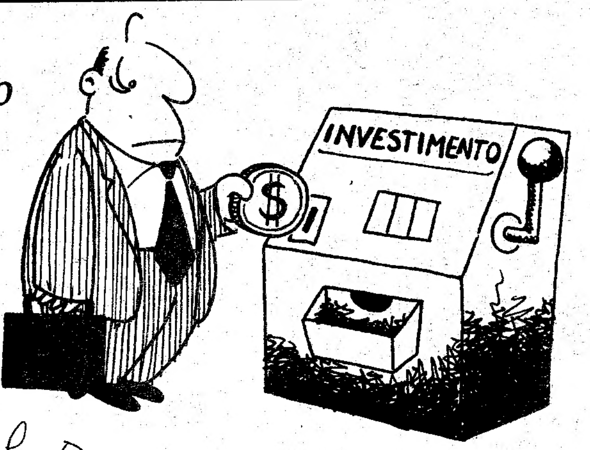
Diário de Lisboa

26 de Abril: o «record» da democracia em Portugal

As crónica de Umberto Eco e Luís de Sttau Monteiro

Antevisão da jornada desportiva de quarta-feira

Bolsa: todos atacam o seu funcionamento e nem a reforma em curso os cala



Amanhã no

SUPLEMENTO DE ECONOMIA

TERÇA-FEIRA

A.M.A.® Auto Monumental do Areeiro S.A.
CONCESSIONÁRIOS
AUTOMÓVEIS — PEÇAS — SERVIÇOS — OFICINA
Av. Padre Manuel da Nóbrega, 8 • Telefs. 894185/6/7/8
1000 LISBOA
Telex 63403 AMACAR • Telefax 80 47 75